



hbl, stx

F2515R64

Notas de viagem (norte do Brazil)



3 9153 00769349 4

F2515/R64/



Digitized by the Internet Archive
in 2013

ROCHA POMBO

NOTAS DE VIAGEM

(NORTE DO BRAZIL)



BENJAMIN DE AGUILA, editor
Rua do Carmo, 19 — sobrado
RIO DE JANEIRO
— 1918 —





ROCHA POMBO

NOTAS DE VIAGEM

(NORTE DO BRAZIL)



BENJAMIN DE AGUILA, editor

Rua do Carmo, 19 — sobrado

RIO DE JANEIRO

— 1918 —

F
2515
R64

NOTAS DE VIAGEM

Rio, 24 de Dez. 917.

Desde muito nutria eu o desejo de visitar o norte.

Lamento que me não fosse isso possível antes de escrever a minha *Historia do Brazil*.

Tendo de resignar-me ás circumstancias que disso me privaram, só depois de concluido esse trabalho é que se me proporcionou ensejo de realizar a minha velha aspiração.

Ainda assim—é até ocioso dizel-o—tive de fazer um sacrificio, que estava acima das minhas forças.

Não me arrependo, porém, desse sacrificio, si não de ter sido forçado a adiar até agora um emprehendimento, sem cujos proveitos chego a não saber como é que pude dar conta antecipadamente de uma tarefa que só hoje é que eu devia ter tomado.

E não me arrependo de haver feito esta excursão aos Estados do norte, porque tive, para compensar-me de tudo, a fortuna de voltar de lá trazendo uma noção nova, e seguramente mais exacta e mais legitima, do que é esta grande patria.

Eu não sabia que o Brazil era tudo isto !

Des do dia em que saltei no primeiro porto, fui sentindo surpresas, que se faziam crescentes, até cahir em maravilha lá pelo extremo norte até Manáos.

E não se me attribua isto ao que me veio só da natureza.

Em regra, quando nos referimos, ou quando alguém se refere ao nosso paiz, é só da extensão territorial, das opulencias do meio physico, das riquezas nativas que se faz apologia.

Tem-se mesmo repetido á saciedade (e muitos nol-a exprobram como vexame) a sentença que condemnou o homem a ser aqui vencido e esmagado pela natureza.

Pois bem : o que eu faria agora, si tanto já não excedesse ás proporções de um livrinho de notas ligeiras—era mostrar como o Brazil, o nosso grande e admiravel Brazil já não é só a terra, mas tambem a gente; e que a raça aqui não tem mais de corar num confronto com os esplendores do meio. Em toda

a vastidão deste immenso paiz, ha signaes de que o homem se levanta para medir-se com a immensidade do territorio e com as muni-ficencias da natureza.

Os que fizerem o que eu fiz hão de trazer as mesmas impressões, os mesmos enthusiasmos que eu trouxe; pois eu voltei do norte—si assim me posso exprimir—muito mais brasileiro, sentindo muito melhor e mais vivamente as nossas tradições, e—si isto ainda é possível—amando muito mais a nossa historia.

* * *

E' claro que as provas de quanto são sinceras e bem fundadas estas minhas expansões eu as reservarei para trabalho mais vasto e ponderado; mas aqui mesmo já me seria permittido offerecer uma demonstração irrecusavel dos meus assertos.

E para isso, para dar uma idéa de que o nosso esforço de povo já póde dizer de quanto é capaz nesta porção da America, seria bastante indicar as duas grandes capitaes da gloriosa Amazonia.

Não haverá talvez um só brasileiro, entre os que não conhecem o extremo norte do paiz, que não esteja persuadido de que o Rio de Janeiro é que é o Brazil; e de que,

quando muito, nos Estados do sul, devido ao affluxo de elementos europeus, começamos a da manifestações da nossa capacidade de cultura e de trabalho.

Fôra da capital da Republica—este é que é o sentimento geral--ninguem acredita que se encontre testemunho de nenhuma ordem —em parte alguma do paiz—do nosso valor de povo.

O que se vê no Pará e em Manáos, no emtanto, tem de derogar essa falsa noção.

Ponhamos já de parte Bahia e Pernambuco—grandes centros de riqueza economica, de intelligencia e de vida —: só Belem e Manáos, como as mais distanciadas do Rio, bastariam para convencer de que Brazil hoje é o Brazil inteiro.

E si se quizer ainda reduzir e synthetizar a prova, destaque-se Manáos, lá mettida no coração do continente, numa zona que se considera ainda inhospita e tremenda, e onde se vai, no emtanto, surprender, em factos, todas as excellencias do nosso esforço e da nossa cultura.

Ali, não tem limites o nosso assombro, e mais do que vem da gente que do que vem da terra.

E só poderão suspeitar que eu exaggero os que estiverem, como eu estava ha seis me-

zes ainda, numa completa ignorancia do que é aquella admiravel metropole do norte.

* * *

E' evidente que o norte tem os seus males e os seus problemas.

Entre estes, o da viação é o capital para a plena vitalidade de quasi todos os Estados. Pode dizer-se que só Pernambuco e Bahia é que se acham melhor servidos, tanto de communicações internas, como de navegação para o exterior. Todos os entrepostos maritimos dos demais Estados resentem-se da difficuldade de meios de transporte, tanto para portos do paiz, como principalmente para mercados externos.

Outro problema, particularmente para as capitaes menores, como Aracajú, Maceió, Parayba, Natal, é o dos recursos bancarios. A não ser no Recife, na Bahia, no Pará e em Manáos, não existem nas capitaes sinão agencias de estabelecimentos do Rio: e essas, em regra (sem excluir mesmo as do Banco do Brazil) não fazem operações de credito de nenhuma ordem. De muito pouco, ou mesmo de nada servem ao commercio e ás industrias.

* * *

Das mazellas que affligiram todo o norte, a mais horivel foi a politica. A sorte de todos os Estados jogava-se no Rio. E tambem a fortuna dos governos e de todas as posições. Os homens julgavam-se fortes e seguros lá na terra emquanto amparados pelo Governo Federal.

Dahi o plano secundario em que, quasi sempre, deixavam elles os interesses do proprio Estado, só fazendo alguma coisa que os não compromettesse com os dirigentes da alta politica no Rio.

Semelhante anomalia tinha de crear por toda parte as situações mais imprevistas, como se sabe. Gerou tambem o estado de suspeita, e mesmo desconfiança, que se sente em algumas capitaes, contra o mais vago gesto que possa ir daqui.

Hoje, parece que tudo tende a mudar; e, pelo menos na maioria dos Estados, a politica se normaliza.

* * *

O que é curioso, em quasi todo o norte, é ouvir como todo mundo se queixa de abandono pelo Centro, e da hegemonia que o sul exerce na alta politica.

Sempre me pareceram extranhos taes agravos. Si o sul tem preponderancia na politica

federal, de quem é a culpa ? As representações do sul—principalmente as de Minas e de S. Paulo—são as únicas que se unem : porque não fazem o mesmo as representações do norte ?

Explicam então que entre muitos Estados, de representação pequena, a união é muito difficil.

Mas então as representações do sul têm mesmo de imperar, sabendo que para o seu imperio contam sempre com a dispersão das representações do norte.

Não se comprehende como é que o Brazil unido—conceito fundamental, indeclinavel na consciencia de todos os brasileiros—ha de assentar no mando de uns e na obediencia de outros.

Principalmente numa Republica... e numa Republica Federativa.

União não é isso. União é convívio, é accordo, é conciliação de interesses e vontades.

Si o norte se fizesse coheso, far-se-ia forte. E nem mais se falaria em hegemonia do sul.

E si o norte não faz isso, a culpa não é dos homens de cá.

Quanto ao abandono em que se sentem as populações do norte, penso que é da mesma natureza a queixa que sempre ouvi.

Em vez de se julgarem abandonados do Governo Federal, o mais razoavel é que cada Estado preferisse ir cuidando de si proprio, e fazendo com os seus recursos o que não póde esperar da União.

Aliás, na maioria dos Estados é exactamente isso mesmo o que se está vendo—a demonstração de quanto póde cada um fazer por si mesmo.

* * *

E' certo que os pro-homens por lá bem que sentem que é assim; mas neste ponto objectam que a União lhes absorve a maior somma de recursos. Estados ha cuja receita é inferior ao producto de um só imposto federal.

Quanto a isso, sim, não ha duvida. Quero crer que todo mundo já percebe hoje a necessidade de rever a distribuição de rendas entre a União e os Estados. Parece que emquanto houver duas arrecadações, nada se fará no sentido de modificar um regimen que pecca pela propria natureza, e não tem nada de equitativo; pois o que se dá hoje é

que a União applica, onde e como quer, o que de todos recebe.

Pensam alguns que o que conviria é abolir despesas federaes com obras nos Estados, e fazer a receita da União, não por arrecadação directa, mas por meio de uma cotisação de todos os Estados, proporcional á receita de cada um. Só os Estados arrecadariam impostos, e applical-os-iam como entendessem melhor. A União só ficaria com os serviços geraes.

Si assim se pudessem reconstituir os fundamentos desta federação, não ha duvida que seria o caso de tentar semelhante, e quem sabe si outras reformas...

Quem é, no emtanto, que as ha de tentar ?

Os homens que têm nas mãos o grande queijo, tão mal distribuido ?

De certo que não : hão de ser naturalmente os que se queixam da má distribuição.

* * *

Mas esses problemas, que o norte anda sentindo, bem se vê que por si mesmos já dizem que ha por ali alma de povo.

E é nisto que convem insistir, porque é isto que o Brazil do sul precisa de saber.

Por mim, estou profundamente convencido de que a melhor obra moral que hoje se póde fazer á nossa grande patria é tornar mais intimo o convívio de todas as nossas populações.

Vivemos a bradar diariamente por allianças internacionaes, pelo estreitamento de relações entre o Brazil e as demais nações americanas.

E entretanto não vemos como os proprios brasileiros se desconhecem, e vivem tão separados uns dos outros em seu proprio paiz !

Não é só entre o norte e o sul que nos desconhecemos : é em todo o paiz ; é entre os mesmos Estados das duas secções e os do centro, e ás vezes entre Estados contiguos.

Como é possível que continuemos assim, quando é certo que em toda parte se encontram, vivos e fortes, os mesmos nexos de sangue, de lingua, de religião, de espirito, de sentimento nacional ?

Porque então não havemos de cuidar, antes de tudo, de fazer mais compacta a nossa alma de povo; mais consciente da nossa existencia, mais integral, mais unido, mais palpitante o nosso sentimento de nação ?

Este livrinho, não dissimulo, pretende lançar a causa.

E' esforço que todos nós—os que sentimos essa causa, os que nunca perdemos de vista o problema de fundar na mais perfeita unidade moral a nossa grandeza futura — é esforço que de prompto se imagina como é facil de ser exercido por todas as classes—associações, clubs, homens de letras, jornalistas, industriaes, commerciantes, artistas, operarios etc. Só a imprensa---que serviço enorme não prestaria numa propaganda cuja natureza lhe fala tão de perto !

Todas as classes afinal, com as suas delegações e as suas visitas periodicas aos varios Estados---como não se tornariam em toda parte vehiculos do sentimento geral a fortalecer-se numa união fundada na consciencia de todos !

E', pois, este opusculo mais um appello ao sul do que ao proprio norte.

Dizendo o que é o norte, mostro como as populações do sul só precisam de saber e sentir que ha na mais vasta porção do paiz tantos milhões de irmãos com o mesmo espirito, com o mesmo sentimento, vivendo das mesmas aspirações, do mesmo amor á patria, do mesmo culto da historia---irmãos, portanto, do mesmo grande lar sagrado, onde é necessario que todos convivamos.

E só então, conhecendo-se e amando-se, é que todos os brasileiros hão de ter bem nitido este phenomeno---que será o assombro dos philosophos e historiadores futuros --da unidade politica que se conserva neste immenso paiz através de quatro seculos, atravessando tres regimens e sempre forte, devido aos poderosos vinculos creados pela nossa orientação historica.

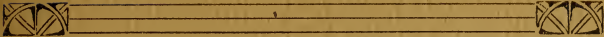
E como appello feito ao sul é, por sua mesma natureza, exhortação feita ao norte---esperemos que, num momento em que a alma nacional se retempera de um novo vigor civico, o Brazil futuro se faça ainda maior pela consciencia do seu destino e pela união de todos os seus filhos.

* * *

A paginas que se seguem reflectem apenas as impressões mais flagrantes da minha viagem, e que eu registrei dia a dia, a largos traços, e absolutamente sem preocupações de nenhuma ordem.

Dou-as quasi na mesma forma em que foram apontadas; e portanto, sem ao menos algum trabalho de revisão ou polidura.

Rocha Pombo.



I

Julho, 21

Sahimos do Rio, ás 10 da manhã.

E' meu companheiro de viagem o meu amigo Guttman Bicho. Como pintor, vai elle encarregado da parte graphica da documentação que me é indispensavel para o novo trabalho historico de que me occupo, destinado a figurar na commemoração do nosso centenario, em 1922.

Vai, para isso, munido tambem de apparelhos de photographia.

O Guttman já conhece alguma coisa do norte até Sergipe.

* * *

Saio pela primeira vez a barra do Rio sem ser para o sul.

Vou, por isso, pungido de uma curiosidade quasi infantil.

O *Itaquera* foi logo deixando os aspectos que me são familiares.

Quando perdi de vista o Pão de Assucar, senti alguma coisa como um vago terror, que me

viesses de uma temeridade de que só agora me apercebo. Até agora, tudo fizera eu como quasi machinalmente, sem consciencia do que fazia : dê's do plano de viagem até o momento do embarque, andei como impellido de uma força que eu não sabia de onde me vinha . Dir-se-ia que não era eu quem deliberava.

E de facto : eu não deliberei sinão até o meu desejo de ver o norte. O mais foi obra das circumstancias da minha vida.

Si o vapor tivesse naufragado. ou si eu tivesse morrido de febres no Amazonas, como chegaram a prognosticar-me sinistramente— não faltaria quem me explicasse o intento obcecado como um arrastamento do destino. A tal fatalidade é mesmo essa coisa... que só é quando é...

Pelas 4 da tarde dobravamos o Cabo Frio.

* * *

Julho, 22

Pela uma da tarde, entravamos na bahia de Victória.

A entrada muito me alegra.

Temos, de todos os lados, bellissimos panoramas.

A topographia é variadissima.

A natureza tem por ali um colorido admiravel.

A' esquerda, vemos de longe a Villa Velha, o assento do primeiro nucleo de portuguezes naquellas paragens.

Bem no alto, a cavalleiro da povoação, a lendaria ermida da Penha.

Dentro em pouco, fundeava o vapor de frente de Victoria.

A cidade, vista do porto, é pittoresca e alegre. Da massa de casaria commum destacam-se algumas igrejas, e melhor ainda o palacio do governo, enorme e no alto, ao flanco da longa collina onde se estende a cidade como em amphitheatro.

Saltamos em terra. Fomos recebidos e muito obsequiados pelo sr. major Cesar de Albuquerque, um cavalleiro muito polido e muito intelligente, conhecendo bem o Estado, particularmente sob o ponto de vista dos seus recursos economicos e do seu commercio.

Levou-nos elle para um hotel muito proximo do caes.

* * *

Logo que descansamos um pouco, procuramos ver a cidade.

Muito pouco tem ella que ver-se, De todas as capitaes que visitei, a do Espirito Santo é tal-

vez a que se acha em situação mais aprazivel; e no entanto, é aquella onde se encontram menos alterados os vestigios do regimen colonial.

Vimos ali uma ruela, que ainda conserva o nome de *rua do Pelourinho*, e ao longo da qual não podem passar tres homens em linha de frente. As casinhas desta *rua*, quasi todas em ruina, são tão pequenas e tão baixas que com algum esforço se lhes póde tocar, com a mão, até no meio do telhado.

Esta rua liliputiana dá perpendicularmente na ladeira Maria Ortiz.

Tem-se a impressão de que por ali houve algum terremoto: está tudo em desordem e ruindo.

E passou mesmo por ali um terremoto: o tempo. Ali estamos no primitivo assento da povoação.

* * *

De certo que a cidade toda não é assim.

Ha pontos mesmo em que se vêem signaes de renovação: boas ruas bem calçadas, edificação moderna, e até casas bem regulares, de bello aspecto e confortaveis.

Disseram-me que ha uns dez ou doze annos começaram a corrigir a desordenada topographia dos velhos tempos. Attribue-se mesmo o maior esforço nesse sentido ao dr. Jeronymo

Monteiro. «E' verdade — ouvi este commento de mais de uma pessoa — que elle gastou muito, compromettendo por muitos annos as finanças do Estado; mas ao menos deixou alguma coisa».

Isto mesmo, aliás, é o que se vê em todos os Estados, principalmente depois do primeiro decennio da Republica : todos, talvez com uma unica excepção — a do Estado de Sergipe — imitaram o Governo da União : emprestaram quasi que exclusivamente para remodelar as respectivas capitaes, e tambem algumas outras cidades e villas, pois que afinal as municipalidades, por sua vez, foram fazendo o que os Estados faziam . . .

Não se sabe como se ha de justificar, ou ao menos fazer toleravel esse vicio .

Que se empreste para obras que aproveitem tanto ás actuaes como ás futuras gerações — está direito. Mas emprestar para embellecer as nossas cidades — parece um grande erro, sobretudo num paiz onde a renovação economica tanto depende ainda da acção protectora do Estado .

Mas isso está feito, e não pòde ser agora remediado, a não ser pela prudencia e bom senso com que procuram os Governadores entrar na sua verdadeira funcção administrativa ; e isto em quasi todos os Estados .

Só assim se poderão, si não corrigir, ao

menos attenuar os effeitos dos erros commettidos.

* * *

Entre os serviços que se attribuem á administração do dr. Jeronymo Monteiro, indicam-se : o de agua e exgottos ; o da illuminação electrica, que é boa ; o de bondes ; o da reconstrução e embellezamento do palacio do Governo, e o da abertura de algumas ruas e praças. Destas, a mais notavel é o passeio publico, onde, em certos dias da semana, á tarde, se encontra a população e se ouve boa musica.

Ali estão promiscuamente todas as classes sociaes em convivio. A ordem é perfeita.

Vista a cidade, passamos a visitar os arbaldes.

* * *

Julho, 23

Fizemos o nosso primeiro passeio á Praia Comprida.

O bonde percorre uma extensa linha até o mar. A região, de um e outro lado da linha, é toda muito povoada.

Os aspectos são realmente magnificos.

Do extremo da linha avista-se a Penha, e

grande porção do canal que separa do continente a ilha em que está Victoria . Dali apanhou o Bicho algumas vistas a pincel .

Este bairro é muito aprazível .

Ha por ali, ao lado de casebres, algumas vivendas onde parece que ha de haver já um certo conforto . Muitos pontos do arrabalde são inundados pelas marés ; e ás vezes, para assentar os trilhos, houve necessidade de construir pontes e aterros .

* * *

De volta da Praia Comprida, visitamos o palacio do Governo .

O exterior, no seu conjuncto, é apparatuso; e de noite, a illuminação é profusa . Parece que se gasta ali mais luz do que em toda a cidade .

As longas escadarias, em curvas amplas, interrompidas em varios terraços, são de uma pompa descommunal .

Nos muros de cada terraço ha estatuas allegoricas de marmore (ou de argila, não me recordo bem) perfeitamente disformes, quasi monstruosas .

O Bicho rugiu ao vel-as de relance .

O presidente móra em dependencias do palacio ; e ali se acham tambem installadas as tres directorias, das finanças, da agricultura e do interior .

Quem nos recebeu foi o dr. Bernardo Sobrinho, Secretario Geral.

O dr. Bernardino Monteiro, presidente do Estado, achava-se enfermo: tinha-se operado de um anthraz benigno.

Com o dr. Sobrinho já havíamos estado na vespera, de noite, no jardim publico. Pareceu-nos logo um moço amavel, embora ostente uma certa gravidade e medida nos modos, e no expressar-se. Pelo menos, tem muita consciencia das suas funcções.

Acolheu-nos agora muito gentilmente; e ao cabo de uma prosa expansiva, comquanto discreta (como convem a um secretario geral) elle proprio nos levou a visitar o palacio.

Percorremos varios salões, todos decorados com certo gosto e arte, além de ricamente mobilados. O soalho de alguns é tão polido e tão liso que um moço, desacautelado no andar, ia cahindo ao atravessar um delles.

Em um daquelles salões mostrou-nos o dr. Secretario uma mesa artistica que nos disse haver custado doze contos.

Do terraço do palacio gosamos vistas admiraveis.

O dr. Bernardo Sobrinho é um homem de espirito. Acompanha com muito interesse o movimento litterario do Rio; e mostra-se orien-

tado em relação ás questões de mais interesse que se põem hoje em dia no Estado. Fala muito em desenvolver o ensino publico, emittindo opiniões proprias acerca do systema de administração, de processos pedagogicos, de livros didacticos etc.

Quero crer que a da instrucção publica é uma das questões que mais preoccupam os governos em todos os Estados do norte; e o do Espirito Santo não constitue uma excepção.

* * *

Julho, 24

Visita á antiga Villa Velha, hoje cidade de Espirito Santo.

Para tomar o bonde que nos deve conduzir até lá, temos de atravessar em lancha o canal, pagando cada um 100 réis de passagem.

Logo na ponte onde se desembarca está o bonde, cuja partida coincide com a chegada da lancha.

O trajecto até Villa Velha é de cerca de uma legua.

A cidade desmente o antigo nome: em vez de velha, é moderna, de ruas amplas e grandes praças, de edificação regular, e muito bonita.

Junto da enseada, onde aportaram os primeiros colonos, ainda existem pranchas da pon-

te, que não souberam dizer-nos si é a primitiva, ou si é alguma construída depois no primitivo lugar de desembarque.

Perto da ponte em ruínas vê-se ainda, seguramente reconstruído, sobre uma grande pedra, o nicho em que se abrigava a imagem da Virgem antes da edificação da ermida no alto do monte que domina a cidade.

Ao lado do portão que dá entrada para a ladeira por onde se sobe, está, á esquerda de quem entra, a gruta onde por alguns annos viveu frei Pallacios, o legendario constructor da primitiva ermida.

A gruta, debaixo de enorme rochedo, está hoje resguardada por um gradil de ferro.

Numa lapide collada á pedra, bem no alto, lê-se a seguinte inscripção :

Ecce petri Pallacios arcta habitatio prima: qui dominam a rupe vexit ad ista loca. Mirum: coenobium construxit vertice rupis quo tandem dominae transtulit effigem quam magnis meritis vita decessit onustus jam promissa bonis praemia coelitus habet.—Obit an. 1575. Jacet in conv. S. Franc. Victoriae F. F. S. H. An. 1864.

* * *

Este frei Pedro de Pallacios é uma das grandes figuras que ficaram na legenda dos primeiros tempos.

Chegára elle áquelle ponto da costa em 1558.

Deixou-se logo incender dos esplendores da bahia e de toda a natureza circumvizinha.

Nas florestas do monte Moreno viveu por algum tempo, até que conseguiu erigir uma humilde capella no alto da montanha, isolando-se ali do mundo.

Mais tarde erigiu-se o sanctuario e o convento.

* * *

Resolvemos ir até o alto do monte visitar o sanctuario.

A ladeira é muito ingreme, tortuosa e mal calçada de lageas.

Junto á ermida ha obras ainda por acabar; e não parece que seja cuidado com muito zelo aquelle monumento do nosso primeiro seculo.

Numa sala da sacristia encontramos apenas um homem que faz o seu negocio da venda de imagens e bentinhos.

Os muros da sacristia estão cobertos de *ex-voto*.

A igreja é pequena. Contem, no entanto, obras de arte de grande valor, principalmente em toreutica e pintura.

O espectáculo que se tem lá de cima, para

todos os lados, é maravilhoso. Por ali andamos em pasmo.

A descida não foi propriamente como a do Velloso ; foi talvez até mais penosa que a ascensão.

Ao sopé do Moreno, para a parte do mar, fomos ver os restos da antiga fortaleza de São Francisco Xavier de Piratininga. No alto da porta de entrada ha uma placa onde se lê: *1702. D. Pedro II mandou fazer esta fortaleza. D. Rodrigo da Costa, Governador e Capitão General deste Estado do Brazil.*

Hoje mantem ali o Governo Federal, não se sabe com que proveitos, uma Escola de Aprendizizes Marinheiros, creada em 1908.

* * *

Julho, 25

Pela manhã, fizemos novo passeio á Praia Comprida. Também, não tínhamos mais onde ir.

A' tarde estivemos com o desembargador Affonso Claudio, notavel figura entre os intellectuaes da terra, espirito de larga cultura, sobretudo juridica e philosophica. E' nome já conhecido nas lettras, mesmo no Rio. Tem publicado muitos livros de valor. E' membro do Superior Tribunal de Justiça, e muito respeitado como juiz integro e esclarecido.

A' noite tive uma grata surpresa com a visita do meu velho amigo dr. Antonio Pimentel, medico, grande sabedor das nossas coisas historicas, e um dos mais abalisados e operosos cultores do nosso passado. A elle já devemos, entre outros trabalhos, a monographia talvez mais completa sobre o nosso planalto central. E' um apaixonado conhecedor dos nossos sertões, e tem estudado directamente a vida dos nossos selvicolas. Sei que ha muito tempo se occupa de um trabalho historico sobre os nossos botanicos.

Intercurrentemente vai sempre fazendo pesquisas de toda ordem, especialmente sobre historia e sciencias naturaes.

Agora mesmo só tivemos o prazer de estar juntos algumas horas, pois no dia seguinte devia elle partir para o interior, em função do seu cargo; e muito satisfeito, porque ia com esperanza de verificar si existia, como lhe asseguravam, no archivo da capella de Benevento, um acervo de manuscriptos que se attribuem ao padre Anchieta.

Assim tenha elle sido feliz.

* * *

Julho, 26.

Fui, com o desembargador Affonso Claudio, visitar o presidente do Estado, dr. Bernardino Monteiro.

Encontramos ainda s. ex. de pontos falsos no queixo.

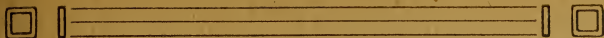
Logo que nos viu, accorreu pressuroso, desculpando-se de não ter podido receber-nos antes.

E' homem simples e modesto, de não exaggeradas amabilidades, parecendo muito preocupado dos negocios publicos, e muito solícito particularmente pela ordem da administração,

A' noite, recebemos as visitas do dr. Levindo Chacon, chefe de policia ; do dr. Bernardino, pelo seu ajudante de ordens ; do dr. José Sette, advogado e um dos mais bellos espiritos da terra, professor de historia no Gymnasio, e cavalheiro de perfeita distincção ; do dr. Athayde, patriota enthusiasta, revelando ardente culto pela nossa historia , e do dr. Monjardim.

Nos dias 27 e 28 fizemos alguns passeios e visitas. Entre estas a do Archivo, que é ao mesmo tempo Bibliotheca Publica,

No dia 29 tomamos o *Itaberá* para o norte.



II

Julho, 30.

Bordo.

A's 8 e 45 da manhã, passamos entre a costa e as ilhas dos Abrolhos.

Pelo meio dia — com que estranhas emoções ! — desmaiada, quasi sumida na distancia, vislumbro a sombra do monte Paschoal, muito semelhante a um Pão de Assucar isolado na extensão da linha da costa.

Aquillo parece mesmo ter sido posto ali como um signal.

Agora é que comprehendo como a frota de 1500 andou attrahida — dir-se-ia — daquelle aviso, de prôas em linha perpendicular á terra, exactamente naquelle ponto, como si troucesse rota marcada com precisão mathematica.

Si as náus de Cabral viessem rumo sul proximo á costa, teriam os navegantes avistado, antes do monte Paschoal, outros montes que lhe ficam ao norte, e tão visiveis como elle.

Temos de excluir definitivamente a casualidade do descobrimento.

Póde imaginar-se a impressão que senti, e que contive quanto me foi possivel no meio dos

outros passageiros, ao desvendar aquelle pedaço de terra que foi o primeiro a encher a alma daquelles marujos !

Tive, naquelles instantes, a agitar-me o coração, toda a epopéa do velho heroismo, bem nitida e flagrante, como si naquelle momento mesmo se estivesse tudo ali passando deante de meus olhos.

Estava, pois, a alma preparada para as convulsões do diã seguinte.

* * *

Julho, 31.

Quando me disseram que estávamos entrando a barra, fiquei numa verdadeira afflicção : não via nenhum indício de porto : continuava tudo a ser oceano.

Só quando começamos a avistar a cidade é que me convenci de que estávamos dentro já da bahia.

Aquelle velho Reconcavo é de uma surpreendente majestade.

Não se descreve aquella amplitude de aguas, confinada lá muito para além, no fundo do horizonte, por uma linha muito azul.

O panorama da cidade, no entanto, arrebatava mais que tudo.

Da barra até a ponta de Itapagipe, numa

extensão que parece de muitas leguas, a casaria muito branca, entremeiada de arvoredos, acompanha a accidentação do solo, fazendo-se mais densa na parte mais elevada da collina, e descendo e rareando para as abas, fingindo um colossal cetáceo a dormir na praia.

Ali estava a nossa antiga e veneravel metropole, até pelo seu aspecto de conjuncto — a cidade mais brasileira de todo o Brazil.

Isso ainda se sente melhor lá dentro: mas, vista do golfão, a Bahia é unica em toda a nossa costa.

S. Luiz do Maranhão tem qualquer coisa que nos suggere uma idéa da configuração bahiana. Maceió tambem.

Mas a velha capital, immensa, na sua grandeza solemne e pesada, é incomparavel.

Assim que se accentuou á minha visão o aspecto geral da cidade, foram apparecendo, destacando-se da massa dos edificios, uns quatro ou cinco torreões vetustos, como em linha, erectos e graves, figurando velhos guardiães da terra, lá no alto, vigilantes.

A um dos jornaes bahianos, a *Tarde*, cujo representante foi commigo de inexcédível gentileza, dei algumas linhas, das quaes para aqui passo as seguintes, que reflectem, ainda flagrante, a admiração com que cheguei á Bahia:

«Por mais prevenido que viesse o meu espirito, não me seria possivel exprimir com toda

verdade, nem dar sequer uma idéa da impressão que senti á vista desta sumptuosa bahia e da lendaria cidade do Salvador.

«Por mais que pelas cartas e pelas descrições eu procurasse ter uma vaga suggestão desta deslumbrante paragem, tudo aqui excedeu ao que os documentos me suggeriam; e não foi sem grande assombro que tive a felicidade de alongar a vista por este mar do Reconcavo, e sem uma como alegria alleluial que se me foi descortinando a cidade.

.....
«Depois, o desembarque, numa grande ansia de ver por dentro a nossa antiga metropole colonial, de ver tudo, de sentir de perto a alma da gente.

«E vamos então de surpresa em surpresa, ufanos de estar na patria, de ter o coração transbordante disto que se não comprehende bem o que seja mais — si um como tumultuar de emoções novas de quem chegasse de volta ao seio dos seus; — si um sentimento de veneração cultural que nos vem do que vemos.

«E tem realmente alguma coisa de religiôso o que senti quando pude apanhar, de uma altura, os grandes aspectos da cidade.

«A topographia desordenada da parte alta, a variedade das construcções, a imponencia de certos edificios, a grandeza austera de outros, o movimento das ruas, o amplo ruido do trafego

geral — tudo nos dá impressão de um grande centro de vida, e de uma larga aspiração de futuro, associada a uma tendencia quasi supersticiosa para amar o passado em tudo que elle teve de excellente e augusto.

«Do meu aposento, ouço todas as manhãs, o grave e lamentoso badalar de muitos sinos, como uma litania do bronze das igrejas a avisar-nos de que as almas que vivem aqui nunca se desapercebem de que é na consciencia da historia que assenta a vida que estão vivendo, e de que, portanto, o passado e o futuro são os phanaes que norTEAM no presente estas gerações. Aqui é que está palpitante o meu querido Brazil.

«O sul, sem o forte espirito de patria que o caracteriza, correria o risco de se desnacionalizar.

«No norte, guarda-se mais immune a alma da raça, modificada, é certo, no meio dos esplendores desta natureza, mas integrada na sua força e nas suas virtudes.»

* * *

Logo que o *Itaberá* atracou, vieram a bordo alguns amigos, sendo os primeiros o dr. José Mauricio, medico da saude do porto e agente da «Americana», e Mario Linhares, o conhecido poeta do *Evangelho Pagão*.

Veio em seguida uma commissão do *Instituto Historico*, composta dos drs. Bernardino de Souza, Reis Magalhães e Affonso Costa.

Levaram-me para o *Hotel Meridional*, que pelo asseio e pela excellencia de todo o serviço é dos melhores da terra, si não o melhor.

O edificio é muito bem situado, no centro da cidade, e tendo vista para a praça Castro Alves.

Alojei-me num aposento do 3º andar, de onde se apanha uma grande porção da cidade.

O Bicho foi, com a familia, para a casa de um parente, em Nazareth.

* * *

Agosto, 1.

Fomos, pela manhã, ao *Instituto Historico*. A alma da instituição é o secretario perpetuo, dr. Bernardino de Souza.

Tudo ali é cuidado com muito zelo, mesmo com dedicação e fervor de culto.

A sala de leitura, que se franqueia ao publico, é vasta e bem mobilada.

No pavimento superior, alem de parte da bibliotheca e archivo, ha um museu historico.

O *Instituto* da Bahia é hoje um dos melhores em todo o paiz.

* * *

Por cerca de uma da tarde, recebemos convite para visitar o Archivo Publico.

Fizeram-nos ali recepção festiva, orando o director, dr. Borges de Barros.

Tive então ensejo de conhecer pessoalmente o dr. Braz do Amaral, o historiador bahiano, homem de cultura, muito viajado, e notavel entre os intellectuaes da terra.

O Archivo Publico da Bahia acaba de ser remodelado. O predio em que funcção já é pequeno. Todo o serviço interno é irreprehensivel.

Encontram-se ali collecções de manuscritos de grande valor, tudo muito bem conservado.

O dr. Borges de Barros parece ter a paixão do seu officio.

* * *

Visitamos depois o convento e a igreja de S. Francisco.

E' seguramente o mais rico de todo o Brazil em obras de arte.

Os altares e retabulos, em talha doirada, são simplesmente maravilhosos.

Frei João, o guardião do convento, foi

comnosco muito amavel. E' um frade ainda moço, forte e esbelto.

Não desdenha polemicas de imprensa, mas tendo a cautela de se disfarçar sob o pseudonymo de «João do Norte.»

Parece que teve até por isso uma turrazinha com o dr. Gustavo Barroso, o *João do Norte* cá do sul.

Não sei disso. A meu ver, o melhor meio de evitar duvidas em tal caso seria uma ligeira troca de nomes.

E por que então não havia de ficar o Gustavo sendo o *João do Sul* ?

* * *

A' tarde, demos o nosso primeiro passeio ao Rio Vermelho, incontestavelmente o mais bello arrabalde da Bahia — tão bello e tão mudado que por ali quasi nada mais nos suggere coisa alguma das recordações historicas que se ligam áquelle recanto do torrão bahiano.

—

Agosto, 2.

Voltei ao Archivo e ao *Instituto*.

Aqui fui apresentado ao dr. Alberto Rabello, devotado cultor das nossas coisas histo-

ricas. Offereceu-me elle um documento muito interessante.

No *Instituto* não se conversa só : estuda-se muito, e cuida-se da nossa historia como de coisa sagrada.

O dr. Braz do Amaral é o sacerdote no meio daquelles fieis.

* * *

Pelo meio dia, recebi a visita de Xavier Marques, incontestavelmente a mais brilhante figura das lettras em todo o norte.

Quanto me foi grato este encontro.

Xavier é um espirito admiravel, e homem de modestia e meiguice que raia pela humildade.

Agora parece que está com tendencias para metter-se na politica.

Já é deputado.

Deus que o ajude . . . mas que não nos desampare a nós outros do convivio deste grande espirito.

* * *

A' noite, fomos fazer a nossa visita ao Governador.

O dr. Moniz é ainda moço, muito simples, e até de uma simpleza que o faz quasi fechado.

A todo mundo ouvi falar do bom coração deste homem.

Tambem, na Bahia, ninguem se esquece do dr. Seabra. Em todas as repartições encontra-se o retrato ou o busto (e ás vezes as duas coisas) do illustre bahiano; e por toda parte nos dizem que o dr. Seabra foi quem começou a melhorar a Bahia. As obras de renovação que se vêm na cidade são sempre devidas ao dr. Seabra. O dono do hotel onde me hospedei veio uma vez explicar-me a insufficiencia de luz no refeitório e a falta de energia para o elevador; falou muito, e concluiu desolado: «Precisamos do dr. Seabra.»

Parece que o dr. Seabra é com effeito o homem da Bahia.

* * *

Visitamos a Camara dos Deputados.

O edificio, alem de mal situado, é velho e feio, mas é historico. Disseram-me que ali (na occasião residencia de Silva Lisboa) foi assignado o acto de abertura dos portos em 1808.

Mas a assembléa está ali muito mal acomodada. Nem sei como se pôde legislar naquelle aperto e naquelle escuro.

Parece que está em construcção, ou em vespasas disso, um edificio proprio para a Camara,

Tivemos ensejo de ouvir um orador (por signal que estava muito indignado) a clamar contra a carestia da vida. Dava elle a carestia, não como culpa do governo, mas como consequencia das explorações do commercio.

Visitamos ainda, ali perto, a Bibliotheca Publica, da qual é director o dr. José de Oliveira Campos. Este homem se empenha com grande esforço por fazer digno da grande capital aquelle estabelecimento.

* * *

Agosto, 3.

Recebi a visita do conhecido scientista dr. Theodoro Sampaio. Não o via ha muitos annos; e foi com muito prazer que tive agora ensejo de cumprimental-o.

A' noite, assistimos a uma festa intima na casa do dr. José Mauricio.

Um pouco antes recebera eu no hotel o cartão de visita do dr. João Gonçalves Tourinho, secretario da Fazenda.

* * *

Agosto, 4.

Pela manhã, ao voltar de um passeio, encontro no hotel o bilhete de visita do dr. Egas Muniz (o illustre Petion de Villar das lettras).

* * *

Depois do almoço, fizemos um passeio a Brotas.

De volta, fui retribuir a visita ao dr. Tourinho, em sua residencia. Muito grave, mesmo austero, mas delicado e amavel.

No *Instituto* fomos conheceer o dr. Costa Filho, ao qual, no correr de alguns dias, teriam de ligar-nos os laços de uma sympathia e affeição que nunca esqueceremos.

* * *

Agosto, 5.

Pela manhã, fomos á Lapinha.

Ali nos esperava o dr. Bernardino de Souza.

De chegada, fui apresentado ao veneravel dr. Ribeiro Carneiro, o grande patriarcha espiritual de duas ou tres gerações de bahianos.

E' uma bella figura de mestre.

Recebeu-me com muito carinho, e expansivo, quasi jovial.

Em seguida, fomos ver o casal de caboclos em esculptura, que se guardam ainda numa pequena casa em Pirajá, e que se espera transportar logo para um deposito mais apropriado.

Aquelles caboclos, armados num carro, cuja

rodas recordam as guerras de Madeira de Mello, figuram, desde 1823, nas festas de 2 de Julho.

De volta de Pirajá, fomos á Barra, de onde o Guffmann tomou algumas vistas.

* * *

Agosto, 6.

A's 9 da manhã, passeio ao Dique, em companhia do dr. Xavier Marques.

A cidade começa a agitar-se.

Fazem-se *meetings* de protesto contra a carestia.

Aquelle deputado parece que tinha mesmo razão no seu clamor. . .

Os oradores já falam em miseria.

Prestitos a gritar percorrem as ruas de mais movimento.

Noto, porem, que as passeatas têm mais aspecto de festa que de fome: todos vão ufanos de andar cantando, como quem se diverte.

A' tarde, fomos despedir-nos do Governador. O palacio, onde s. ex. reside, estava cheio de notabilidades da politica, em alvoroço. Mas o dr. Muniz não parece assustado.

Tambem nos despedimos das redacções.

Como se sabe, a imprensa bahiana é uma das mais importantes de todó o norte.

Os seus principaes orgãos são; entre os

matutinos, o *Diario da Bahia*, o *Diario de Noticias*, o *Jornal de Noticias*; e entre os vespertinos, a *Tarde*, a *Cidade* e parece que o *Tempo*.

Estivemos ainda no paço archiepiscopal. O arcebispo, d. Jeronymo Thomé, é creatura simples como uma creança. Elle proprio, como um sacristão, nos mostrou todo o palacio.

Esperamos embarcar no dia seguinte para Sergipe.

* * *

Agosto, 7.

O vapor não chega.

E passamos, portanto, o dia mais ou menos estupidamente.

A nossa attenção foi cahindo sobre as coisas menos perceptíveis.

A cidade é mal cuidada. A Bahia tem fama.

Pois é pena.

* * *

Quando a gente está já a esperar pelo almoço... Mas o almoço, para mim, foi, quasi em toda parte, o grande supplicio. No norte, só se almoça das 11 ou 11 1/2 em diante.

Em algumas capitaes só se faz uma refeição regular no dia, ás duas da tarde.

Que horror!

Mas, na Bahia, á hora em que se está já disposto a almoçar, é que nos cafés e confeitarias se faz o serviço de limpeza, ali pelo romper das 9 ou 10...

Que vergonha.

* * *

Na praça Castro Alves ha umas allegorias de marmore sobre uns muros, todas deitadas ou sentadas, numa languidez romana.

A gente tem vontade de pedir que se levantem.

No meio da praça, agora é que vimos, a estatua do pobre do Cayrú, minúscula, engelhada, mofina, como um pinto que se tivesse naquelle momento tirado d'agua.

Ha sacrificios neste mundo...

Uma das coisas mais curiosas na Bahia, e em alguns outros Estados do norte, é o burri-co... tão pequenino que parece um grande rato velho a despellar-se.

Dizem, no entanto, que é mais forte e resistente que um cavallo tres ou quatro vezes maior.

Em Natal, vimos destes burricos sumidos entre dois enormes fardos de algodão; e outros

aguentando mazorrões cujos pés arrastavam pelo chão.

Primeiro vê-se o animal maior e erecto: depois é que se descobre o outro, muito passivo e resignado na sua insignificancia irremediavel.

* * *

O vapor não entrou ainda no dia 8.

O serviço de bondes na Bahia é bem regular. Cada carro traz na frente uma grade de ferro com pretensões a salva-vidas. Parece mais um trambolho inutil, e que desfeia o carro.

Semelhante precaução não vimos em nenhuma outra capital.

Os automoveis são carissimos.

* * *

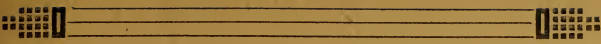
Agostò, 9.

Até que enfim parece que embarcamos hoje.

O vapor acaba de chegar.

Pela tarde deixamos a Bahia.

Temos como companheiro de viagem o dr. Costa Filho.



III

Agosto, 10

Bordo do *Itapacy*.

Navegamos sempre sem afastar-nos muito para o mar.

Na costa — extensos areaes, dando a illusão perfeita de grandes cidades muito brancas.

A's vezes, na praia, algumas arvores, que fingem, no areal, manadas de bufalos.

* * *

Ao cahir da tarde entravamos a barra.

E com que alegria !

Bellissimo o espectaculo da entrada.

O que temos á vista parece-nos mais pintura que naturcza.

A' esquerda temos a cidade, em vasta planura, como um jardim que se abre ; á direita, numa ilha, um coqueiral.

Ao tempo em que chegavamos, uma banda de musica em marcha, movimentava, com os sons de uma aria, os esplendores do painel.

Com que alegria chegamos a Aracajú !

E no entanto, nenhum de nós, nem eu, nem o Bicho, poderia presentir que a menos de um minuto uma nota triste viria toldar a nossa alegria,

* * *

Fomos recebidos pelo representante do presidente do Estado, por uma grande comissão do *Instituto Historico* e por outras pessoas.

No momento em que tomavamos os bondes especiaes para o hotel, o Bicho se debulhava em lagrimas, soluçando como uma creança: tinham-lhe dado, ao saltar, a noticia do fallecimento da mãezinha, que deixára enferma.

Nublado assim aquelle lance, que nos ia tão grato, tornou-se quasi funebre o nosso prestito.

* * *

Fomos conduzidos ao Hotel dos Estados. Não é propriamente o mais confortavel hotel do mundo ; mas ali passamos muito bem. O João Já (que é o proprietario) tudo nos suppriu com a solicitude carinhosa de que nos cercou.

Como fosse já tarde, não pudemos no mesmo dia visitar o general Valladão.

* * *

Agosto, 11

Aproveitamos a manhã para ir ás redacções.

Ha em Aracajú quatro diarios : o *Correio de Aracajú*, o *Estado de Sergipe*, o *Diario da Manhã*, (matutinos), e o *Jornal do Povo*, que se distribue á tarde.

Isto, alem de dois ou tres semanarios.

Entre os jornalistas destaca-se o coronel Apulchro Motta, pelo seu vigor na dialectica e pela coragem com que defende a sua orientação politica.

E' um dos mais egregios vultos da terra, tendo já exercido a administração do Estado.

Ha outros homens distinctos que trabalham na imprensa, mas com os quaes não tivemos ensejo de estar tão de perto.

* * *

Ao meio dia fomos fazer a nossa visita ao Presidente.

O general Oliveira Valladão recebeu-nos muito affavel e bondoso.

Bastou-nos a ligeira palestra que tivemos com s. ex. para explicar-nos a estima em que é tido este homem pelos sergipanos.

* * *

Visitamos ainda : a Bibliotheca Publica, uma das melhores e mais bem dirigidas que vimos em toda a nossa excursão ; o *Instituto Historico* ; o Secretario Geral do Estado ; o desembargador Caldas Barreto, e o chefe de policia, dr. Deodato Maia, já meu conhecido.

* * *

Agosto, 12

Recebemos visitas : do dr. Helvecio de Andrade, Director da Instrucção Publica ; e do desembargador Evangelino de Faro, membro do Superior Tribunal de Justiça.

Era domingo ; e fomos assistir a uma festa encantadora.

Parece que se inaugurava o *Meio Dia*, jornal falado.

A sessão se celebrou no salão superior da Bibliotheca Publica, o mais vasto que até agora conheço.

Foi uma festa magnifica, que nos surpreendeu, pois realmente é extraordinario que se encontre, numa pequena capital, um grupo tão brilhante de moços de espirito capazes de bella figura em qualquer grande centro do paiz.

Só aquillo era bastante para convencer de que Sergipe é mesmo uma terra proverbial pela intelligencia de seus filhos.

Já sabíamos que os sergipanos de talento, em regra emigram, á procura de meio. Basta ver o que sempre foi, e ainda é, a colonia sergipana no Rio.

Mas o que não sabíamos ainda, e talvez poucos o saibam, é que a intellectualidade de Sergipe não se resente muito da emigração de seus representantes mais notaveis: ainda ficam por ali talentos muito dignos de fazerem honra á sua terra.

Ali conhecemos, por exemplo, o dr. Prado Sampaio, espirito de vasta cultura, especialmente philosophica; o dr. Manuel Passos, sabio até pela modestia, conhecendo o latim e o grego, notavel philologo, romancista e poeta. É' juiz na capital, mas vive em S. Christovam. Tivemos ali ensejo de visitar-lhe a bibliotheca, e de ver a enorme bagagem, que este homem tem reunido, de obras que vai compondo.

Devo ainda declinar alguns nomes: o do professor Magalhães Carneiro; o do desembargador Armindo Guaraná; o do dr. Avila Lima; o do dr. Costa Filho, a quem já fiz referencias; o do dr. Garcia Rosa, poeta de indiscutivel valor; o do dr. Elias Montalvão, grande investigador da nossa historia; o do professor Carvalho Lima Junior; e outros talvez que me não occorrem no momento.

Muitos desses, em meio mais vasto, far-se-iam figuras de primeira plana.

* * *

Agosto, 14

No dia 13 não fizemos mais que alguns passeios.

Hoje visitei, em companhia do dr. Lima Junior, uma fabrica de tecidos nas visinhanças da cidade. O sr. Sabino Ribeiro, que é o gerente, fez-nos percorrer todo o estabelecimento, dês da casa do motor até a officina de embalagem.

Disse-nos o sr. Sabino que a fabrica tem sempre encomendas adeantadas para mais de tres mezes.

Os melhores mercados de consumo são os do sul.

Póde dizer-se que é a mais importante industria de Sergipe.

Ha no Estado, segundo lemos numa correspondencia para um jornal de Manãos, nada menos de 11 fabricas de tecidos, e todas abastecidas de algodão cultivado mesmo em Sergipe.

* * *

De passagem, e já acompanhados do sr. Sabino Ribeiro, vimos umas pequenas salinas, na margem opposta da bahia.

Dizem-nos que não têm valor as salinas de

Sergipe. O que é certo, no entanto, é que tivemos ensejo de apreciar, na feira de Aracajú, grande quantidade de sal purissimo, parecendo crystal granitado.

De volta para a cidade, vimos ainda uma pequena fabrica de ladrilhos, e uma fabrica, tambem pequena, de oleo de côco, situada na ilha que fica fronteira á cidade.

* * *

Agosto, 15

Celebrou-se no *Instituto* a sessão solenne em que fui recebido como socio honorario.

Fez o discurso de recepção o dr. Prado Sampaio.

Fizeram-se ouvir outros oradores.

Comquanto sem notavel apparatus, foi uma festa que despertou attenção publica.

* * *

Tivemos â noite, no hotel, um jantar alegre, e graças a um grande perù recheiado com que se lembrou o coronel Apulchro Motta de obsequiar-nos. A fortaleza a investir era com effeito formidavel; e foi necessario reclamar o soccorro do proprio coronel, para não arriscar

um assalto de exito duvidoso. O coronel, e afinal todos nós nos portamos heroicamente.

* * *

Entre as visitas que recebemos no dia seguinte, citarei a do sr. Bispo de Aracajú, d. José Thomaz; e a do almirante Amynthas Jorge, alma ardente de patriota, e um dos mais illustres filhos de Sergipe. E' homem ainda moço e vigoroso; e não se sabe por quê, está de tão valioso concurso tão cedo privada a nossa marinha de guerra.

* * *

Agosto, 17

Pesseio a Santo Amaro, pelo rio, em lancha. Foram nossos companheiros os drs. Lima Junior e Costa Filho.

Santo Amaro é já, pode dizer-se, um fogo morto. Raros signaes por ali se encontram dos passados dias: igrejas em ruinas, casas que desabam afogadas em matagal, ruas e praças cobertas de capim.

E no entanto, o local é lindissimo. Do alto da collina domina-se immensa explanada. Lá em baixo, para os lados de Aracajú, tem-se uma grande confusão de canaes, esteiros, ilhas, la-

gunas, suggerindo alguma coisa de paisagem egypcia.

A unica pessoa com quem estivemos foi o vigario (pois Santo Amaro ainda tem vigario...) o padre Leonardo Dantas. E' homem de idade avançada, e de physico muito desfeito. Da sua bella cabeça, porem, ainda reçumam vestigios de antigos triumphos na tribuna sagrada; pois dizem que foi orador de fama.

Obsequiou-me o padre Dantas com precioso manuscripto sobre Santo Amaro.

Nos dias 18 e 19, fizemos algumas visitas, entre as quaes a, que nos foi muito grata, á familia do dr. Figueiredo Martins, pai do nosso querido Jackson.

* * *

Agosto, 20

Em companhia do dr. Helvecio de Andrade, Director da Instrucção, visitamos a Escola Normal. Assistimos álgumas aulas que funccionavam.

E' um bom estabelecimento.

O edificio faz frente para a vasta praça onde está a cathedral. E' amplo, e bem disposto, em excellentes condições de hygiene. Funccionam tambem ali algumas aulas de ensino pri-

mario, onde as alumnas da escola fazem a pratica escolar.

* * *

Em Aracajú cuida-se muito da instrucção e da caridade.

O sergipano não tem orgulho sinão do seu espirito.

Distingue-se particularmente por um profundo sentimento, quasi piedoso, de amor á terra.

Costumam até dizer, sem assomos, antes com uns gestos de humildade desvanecida — que Sergipe é muito pequeno em territorio, e modesto em fortuna; e que, portanto, só pôde ser grande pela alma da gente.

* * *

Agosto, 21

Excursão a S. Christovam.

Iamos em companhia do sr. Bispo, D. José; do promotor de Aracajú, dr. Laurindo Silva, e dos drs. Costa Filho e Lima Junior. Com o Guttman Bicho eramos seis.

O trem devia sahir ás 7 e meia da manhã. Estivemos na estação ás 7.

Esperamos ali só até as duas e meia da tarde, quando afinal o trem partiu.

lamos muito contentes.

Ao cabo, porem, de uns tres quartos de hora, estacou o comboio.

Era a estação de Thebaida.

Haviam descarrilhado, entre Thebaida e S. Christovam, não sei quantos trens.

Com o encarregado da secção conseguimos arranjar um *trolley*, e dois homens para arrastar-nos até S. Christovam.

Como nos foi possivel, accommodamo-nos tres no unico assento do vehiculo, ficando tres de pé.

lamos muito bem, até muito alegres, a trocar com a idiota da nossa má fortuna, quando vemos um signal vermelho á nossa frente, ao dobrar um curva.

Os homens que impelliam o *trolley* não puderam de prompto fazel-o parar.

Não sabiamos o que o signal nos dizia. Podia ser algum trem que viesse contra nós, e estaríamos perdidos.

Foi um momento de angustia e de afflicção.

Alguns dos heroicos excursionistas querem lançar-se fóra do carro em vertiginosa furia. O Bicho e o dr. Laurindo gritavam como doidos. Preferiam morrer logo ali num abysmo, a morrer esmigalhados pelo trem que vinha. Custou muito contel-os. Não fosse a calma e a autoridade de d. José, e não sei o que teríamos a lamentar.

Até que enfim o *trolley* parou, e ainda à

tempo. E então é que vimos que o perigo não era tão grande: o que havia era um trem descarriado, e nada mais.

Vejam que asneira teriam commettido aquellos nossos valentes companheiros si tivessem ficado lá atrás nalgum abysmo . . .

Mas o maldito trem havia descarrilhado em ponto por onde não era possivel fazer passar a nossa viatura, de modo a continuarmos muito a gosto a nossa esplendida viagem.

Que fazer agora?

S. Christovam ainda distava cerca de uma legua, e fazia-se tarde.

Não tínhamos sinão um recurso: bater a pé para a cidade.

D. José adeante, com valor admiravel; e todos nós outros a um de fundo, muito calados, como em prestito funebre. Acabara-se a nossa alegria.

Já ao cahir da noite entramos ufanos na cidade, tomando, por atalhar o caminho, uma azinhaga que nos levou até a grande praça da matriz.

Alguns amigos que nos esperavam na estação da tal estrada de ferro, só uns 10 minutos depois é que chegaram á praça onde estávamos.

De sorte que uma viagem, que se devia fazer em cerca de uma hora, nós a fizemos num dia inteiro . . .

Dizem-nos que ninguem mais extranha aquillo, que é normal por ali.

E' simplesmente uma vergonha.

* * *

Os amigos que nos receberam levaram-nos então para o paço municipal, onde nos hospedaram com uma fidalguia que muito nos penhorou. O dr. Manuel Passos, o intendente municipal coronel Messias Prado, o presidente do conselho coronel Irundino, o coronel Barroso, e outros, foram incansaveis em obsequiar-nos.

A casa do governo municipal é tratada com muito esmero, e tem frente para uma praça magnifica. Na sala das sessões, que é ampla e bem arejada, vimos alguns retratos, entre os quaes o do coronel Barroso, a quem a cidade deve bons serviços.

Ao alto, por cima da mesa do presidente, está a Imagem de Christo crucificado.

Celebram-se tambem ali as sessões do jury.

* * *

Agosto, 22.

Muito cedo, fomos ao convento de São Francisco, onde se hospedára d. José.

O bispo celebrava. Ouvimos ainda uma parte da missa.

Em seguida, fomos, com d. José, com o guardião e vigario frei José Pohlmann, e outros frades, ao refeitório.

Depois, visitamos todo o convento.

Chamou-nos muito a attenção a officina de frei Mansueto. E' admiravel o que tureotica ali vimos! Fiz questão de possuir um pedaço, por pequeno que fosse, daquellas esculpturas que enchiam a sala. Fr. Mansueto é completamente surdo; mas d. José conseguiu dizer-lhe o que eu desejava, e elle accedeu em ser-me agradavel.

Dahi a dias recebi em Aracajú o presente: como se destinava a um Pombo, talhou fr. Mansueto um escudo tendo no centro uma pombinha.

Sahindo do convento, fomos com fr. José visitar a matriz e um orfanato que é mantido pela Ordem.

Fr. José Pohlmann, guardião do convento e vigario da parochia, é muito amavel, e dá forte impressão de saude physica e moral.

* * *

A cidade de S. Christovam, que como se sabe foi a primeira capital de Sergipe, ainda conserva alguns aspectos da sua grandeza pas-

sada : boas casas, ruas bem alinhadas, grandes praças.

Para os arredores — panoramas magníficos.

D. José e fr. José almoçaram connosco ; e á noite jantamos nós no convento.

Que atmospheria salutar e edificante !

* * *

Agosto, 23.

Pela manhã offereceu-nos o coronel Barroso um excellente *lunch* em sua aprazivel venda.

Dahi fomos para a estação da tal coisa a que ali se dá o nome pomposo de estrada de ferro.

A volta agora é que era . . .

A's 7 e meia com effeito partimos.

Naquella estrada o partir não é nem sempre o mais difficil.

O chegar é que é . . .

A's 8 e 10 entramos na estação de Thebaida.

E ali ficamos até ás onze e meia, á espera que acabasse de descarrilhar o trem que vinha de Aracajú.

Afinal, ainda o ultimo descarrilhamento

(o quinto ou sexto) foi quasi á nossa vista na primeira curva.

Ao cabo de tres horas e meia de descanso em Thebaida, seguimos para Aracajú, levando a alma em orações.

Graças a Deus chegamos a Aracajú ás 12 e meia, a salvamento.

* * *

Agosto, 24.

Este dia foi, para mim, de serena alegria. Fui visitar o Garcia Rosa na sua modesta e esplendida chacara, mettida entre arvoredos, cheia de sombra e de silencio.

Ali, para os lados de S. Antonio, vive o poeta num aprazivel e dôce retiro bucolico, enamorado só da sua musa, extranho a todo o bulicio do mundo.

Invariavelmente vai elle á cidade dar as suas aulas, e volta logo quasi ás pressas, como em grande ancia de saudade pelas suas mangueiras.

Que typo original este Garcia, de uma suave meiguice de menina, sempre timido e quasi humilde como as creanças.

Dizem que elle tem medo da publicidade, e anda sempre esgueirando-se das rodas, como si as outras almas o assustassem...

O applauso é para elle um supplicio de causar syncopes. . .

Nem por isso perdi a esperança de sacudil-o um pouco, aproveitando-me do ensejo de estarmos ali como sós, sem extranhos que nos ouvissem, pois comnosco só se achava o dr. Costa Filho e um outro senhor de idade, seus intimos.

E o que é certo é que tanto instamos e exigimos que teve de abrir-se aquella alma, e recitou-nos de côr um grande numero de sonetos deliciosos.

Os sonetos de Garcia Rosa são como verdadeiras esculturas talhadas em marmore. O que elle nos diz estava-lhe na alma como um bloco, e o seu estro dir-se-ia que nada teve de fazer porque tudo estava feito. Fôrma, estylo, technica—tudo é aquillo mesmo. Tudo está enquadrado tão bem nos quatorze versos que não se poderia imaginar outro arranjo; pois a expressão que objectiva a idéa sai com a medida, o som, a côr que elle escolheu, não podendo ser outras.

Sempre a chave dos seus sonetos nos dá impressão como de um sol que vai nascer de repente, mas cujo fulgor já se presentia nos outros versos, como claridades que precedem á apparição do astro.

Que pena que este espirito se esconda, e

não venha cá para o pleno dia da nossa intellectualidade !

* * *

Agosto, 25

Visitamos o Atheneu Sergipense, onde assistimos a varias aulas: do dr. Leandro Diniz (francez), do dr. Figueiredo Martins (geographia) e do padre Possidonio Rocha (latim).

E' director do estabelecimento o dr. Aristides Fontes.

Prendeu nossa attenção o alumno Anthon Lyrio Coelho, pretinho, falando francez, e já bem encaminhado no latim. Ao despedir-me deste alumno, não pude excusar-me de dizer-lhe ao ouvido: «V. pertence, meu filho, a uma raça que se sacrificou aqui por outra: essa outra agora lhe está pagando: aproveite quanto puder, e ha de ir longe.»

Visitamos tambem o grupo escolar «Barão de Maroim», dirigido pelo dr. Mario Menezes.

Vi ali collecções Weiszflog para ensino intuitivo.

* * *

Agosto; 26

Passeio a Larangeiras.

Fomos em lancha, sendo nosso companheiro o dr. Costa Filho.

Sahimos às 9 da manhã e chegamos às 11 1/2.

Ali nos esperava, entre outras pessoas, o dr. Gervasio Barreto, advogado e homem de letras.

Almoçamos com o dr. Militão Bragança, medico e occulista afamado.

A sua residencia é muito confortavel. O consultorio, principalmente o gabinete da especialidade a que mais se dedica, está sempre cheio de numerosa clientela.

Depois do almoço, fomos ver a cidade,

A situação de Larangeiras não é como a de S. Christovam : a cidade está quasi toda entre morros, e não tem horizontes.

Só no flanco do monte mais alto ha uma igreja que se avista de longe.

Voltamos por terra a Aracajú, no trem da tarde.

* * *

Agosto, 27

Visitei hoje o desembargador Armino Guarana,

E' um dos mais applicados cultores das coisas da terra. Eu o conhecia desde muito como investigador incansavel, entusiasta do nosso passado. Ha longos annos trabalha na composição de um *Diccionario bibliographico de Sergipe*.

Nos dias 28 e 29 só nos occupamos de visitas pessoaes.

* * *

Agosto, 30

Visitamos o Hospital da Santa Casa, em companhia do desembargador Simeão Sobral, provedor do mesmo.

O desembargador Sobral é de uma dedicação inexcedivel na direcção do estabelecimento.

O Hospital é situado um pouco fóra da cidade, em bella paragem.

A casa é modesta, mas de excellentes disposições; e os serviços internos, tanto os de clinica, como os de enfermaria, a cargo estes de algumas Irmãs Santanistas, são feitos com muito apuro.

Está para ser inaugurado em Aracajú um asylo de mendicidade, tambem devido ao espirito christão e aos esforços do desembargador Sobral.

Nos dias 31 de Agosto e 1º de Setembro fizemos algumas visitas de despedida, pois está a chegar a cada momento o vapor em que devemos seguir para o norte.

* * *

Setembro, 2

E' domingo.

Fomos a S. Antonio, á hora festiva da missa conventual.

Ali nos encontramos com o Garcia Rosa.

Da collina, onde está a ermida, tem-se todo o panorama da cidade e arredores.

Depois da missa, o vigario, padre Abilio Mendes, offereceu-nos, em sua casa, licor e café.

Em seguida, fomos á chacara do Garcia.

* * *

Assistimos á noite a uma nova festa de intellectuaes : uma tertulia promovida por Affonso Costa, litterato e jornalista bahiano, de passagem por Aracajú.

Affonso Costa é um extrenuo propagandista do estreitamento de convívio entre os intellectuaes da Bahia e de Sergipe. Agora mesmo acaba elle de iniciar a publicação de uma revista com esse objectivo.

Na festa de hoje tomaram parte : Costa Filho, Maviasel do Prado, Arthur Fortes, Pericles Barreto, Clodomiro Martins, Avila Lima, Elias Montalvão, Affonso Costa, e outros.

Maviasel do Prado encerrou a sessão fazendo, com o mais fino espirito, um resumo dos varios oradores.

Que noite esplendida !

O vasto salão da Bibliotheca estava repleto, principalmente de familias.

* * *

Nos dias 2 e 4 acabamos as nossas visitas de despedida.

* * *

Não deixaremos Aracajú sem fazer notar que o Estado de Sergipe é, de toda a União, o unico que não tem divida.

A administração vai ali numa perfeita ordem.

Cresce normalmente a receita publica. A de 1916 excedeu em perto de 500 contos á do exercicio antecedente.

A cidade de Aracajú parece feita para alegrar corações, As ruas são muito largas, verdadeiras avenidas ; e as praças, de uma amplitude

quasi exaggerada : praças e ruas profusamente cheias de arvoredos,

Empregam ali na arborização uma planta a cuja copa, muito tufada, dão os jardineiros as mais variadas formas : aqui, é um renque de pyramides ; ali, uma linha de sombreiros ; acolá, numa praça, em circulo, uma porção de leques abertos ; noutra, de cones muito altos apontando para o céu : tudo muito verde e de viço exuberante, dando impressão de frescura e saude.

Logo que se desembarca na ponte metalica, dá-se com a estatua de Fausto Cardoso. Na grande praça fronteira á cathedral está a do monsenhor Olympio de Campos.

Pensam agora em erigir um munumento a Tobias Barreto.

Só se lamenta que não tenham pensado nisso a mais tempo.

Agora já será preciso pensar tambem no de Silvio Romero.

* * *

Como em quasi todas as cidades do norte, ha em Aracajú feiras semanaes, que se fazem fóra, mas nas vizinhanças do mercado.

Começam ás segundas feiras, e ás vezes duram toda a semana.

Ali se encontra uma variedade infinita de

coisas : productos de lavoura, de criação, de pesca, de caça ; artigos de industria indigena, etc.

Cada vendedor tem a sua tenda, ou o seu pedaço de campo ; e ali, quasi sempre ao relento, passa dias e dias.

Principalmente na segunda e na terça-feira, ha por ali um zumbido de colmeia.

IV

Setembro, 5.

Partida para Maceió, no mesmo vapor que nos levára da Bahia a Aracajú.

Temos, pois, que provar ainda uma vez o *Itapacy*.

Sahimos ás 5 da manhã, tendo embarcado na vespera, ás 9 da noite.

Temos ainda a fortuna de ter, como companheiro de viagem, o sr. Bispo d. José, que ia até Maceió.

* * *

A's 3 da tarde entravamos o S. Francisco.

Perto da barra, para o sul, uma fragata ingleza, encalhada ha uns 8 annos — disseram-nos.

Ha, por aquellas paragens, um aspecto de desolamento: só praias de areia quasi vermelha, e coqueiraes.

A' direita, bem junto á foz do rio, um povoado de palhoças, chamado Pontal da Barra.

Muito triste !

Não demorou que avistassemos, á esquerda, a villa de Piassaboçú.

* * *

Quasi ao cahir da noite, fundeavamos a uns 6 kilometros de Villa-Nova. Era a ultima cidade sergipana que iamos deixar.

Como chovia, não pudemos, com grande pesar meu, ir á terra,

Já noite cerrada, recebemos a visita do coronel Gama, intendente de Villa-Nova, o qual havia recebido, para isso, um telegramma do general Valladão. Vieram tambem outras pessoas, entre as quaes o delegado de policia e o representante de um jornal.

O coronel Gama, com extrema gentileza, convidou-nos a visitar a cidade ; mas o máu tempo continuava, e não se nos permittiu a satisfação de ver a tradicional Villa-Nova.

Redigi então um telegramma, que o coronel se prestou amavelmente a expedir, agradecendo ao general Valladão aquelle excesso de carinho, e apresentando a s. ex : o nosso ultimo saudoso adeus á inesquecivel terra sergipana.

* * *

Setembro, 6.

A's 4 da manhã o navio levantou ferro, e começamos a descer o rio.

Pouco depois das 6, fomos sahindo a barra.

A passagem é difficil e perigosa. Tivemos o nosso momento de verdadeira angustia.

Para o norte, na costas—extensas dunas de areia quasi côr de ouro; e em seguida uma orla de florestas da mesma altura do areal.

A's 4 da tarde, avistamos Maceió, bem á beira do mar, quasi sem bahia.

Vista de fóra, a cidade é de aspecto mediocre.

Entrando-se nella, no emtanto, a coisa muda um pouco. Tem bondes electricos regulares, boa illuminação, e um certo movimento, principalmente á noite.

Levaram-nos para um hotel chamado Nova Cintra. . . mas que parece mais uma Cintra bem velha.

Dizem-nos que não é propriamente o melhor da cidade.

Felizmente para Maceió

Não vimos a cara do hoteleiro.

Mal um moço nos indicou os nossos aposentos.

Estes não são ruins demais.

* * *

Setembro, 7.

Procuramos ver a cidade.

Sentimos, em alguns pontos centraes, uns certos ares indicativos de que a população se apercebe da grande data.

Maceió quasi não tem arrabaldes. Os bondes, comquanto dêem ás vezes muitas voltas, quasi sempre chegam muito depressa ao fim da linha.

A physionomia geral da terra e os costumes nada têm de particular. E' o mesmo Brazil por toda parte.

Dizem que Maceió é a patria do *sururú*; mas foi coisa que nem vimos ali.

Estivemos com o dr. Democrito Gracindo, secretario do interior.

Bella figura apolinea, de pouca prosa, mas muito sympathico e delicado.

* * *

Setembro, 8.

Recebemos a visita do dr. Costa Leite, secretario, creio que tambem perpetuo, do *Instituto Historico*.

E' um grande entusiasta da associação.

Visitaram-nos ainda: o dr. Moreira e Silva, o dr. Altavilla, o dr. Marroquino, o dr. Octavio Brandão, e o meu amigo sr. Olympio Chaves.

O dr. Moreira e Silva é homem de extensa cultura, muito dado especialmente a estudos de linguistica e philologia.

Tem um trabalho que ainda não está impresso em avulso, mas de que me offereceu um exemplar numa collecção de jornaes, sobre o estudo comparativo das nossas linguas indigenas.

E' o dr. Moreira director da Instrução Publica no Estado.

* * *

Uma visita que me causou grata surpresa foi a do sr. Octavio Brandão, um joven de 21 annos, e já espirito forte e de rara erudição, sobretudo em sciencias naturaes e em historia.

E' um caso singular.

Tem elle planeado uma obra, da qual já se pode ter idéa pela disposição logica do schema de que me offereceu uma copia.

Espero ter ensejo mais opportuno de occupar-me deste moço intelligencia lucidissima, e dispondo de recursos de expressão admiraveis na sua idade.

Offereceu-me tambem o sr. Octavio Bran-

dão um livro sobre assumpto historico, e da lavra do dr. Alfredo Brandão.

Mal tive tempo, durante a viagem, de passar-lhe os olhos de relance; mas bastou isso para convencer-me de que estava em presença de um autor que não se sabe como não tem grande nome no nosso mundo intellectual.

Havemos de ver em tempo o que é o livro a que alludimos.

* * *

Setembro, 9

De Maceió a Recife fomos por terra. Tomamos o trem ás 5,50 da manhã.

Margeamos quasi a lagôa do Norte, que é, com effeito, bellissima.

Na margem opposta, lá muito longe, no alto, uma linha de casas muito alvas, encimada por uma pequena igreja.

Disseram-nos que é Coqueiro Sêcco.

Em todas as regiões que atravessamos, vêem-se, de um lado e de outro da estrada, grandes plantações de canna de assucar e de algodão.

A natureza não tem nada de opulenta.

O solo é accidentado, e ha pontos em que os panoramas agradam á vista.

la eu curioso por ver a serra da Barriga,

onde os Palmares tiveram, ha mais de dois seculos, os seus famosos quilombos.

Da villa da União, onde tive a grata surpresa de encontrar-me com o meu amigo Dr. Mario Wanderley, advogado ali e homem de lettras, pude ver, por este indicada, a serra dos negros.

E' mediocre como accidente geographico : mas é paragem singular pela sua situação dominando toda a vasta redondeza .

* * *

Em quasi todas as estações por onde passamos, eram os vagões assaltados por grande numero de pedintes, na maioria impaludados .

A proposito disto tenho de fazer aqui uma referencia um tanto curiosa .

O meu companheiro de excursão e amigo Guttman Bicho viu de certo aquillo melhor do que eu ; ou então, alma sem duvida mais candida, impressionou-se mais fundamente daquella miseria .

Parece que nas rodas da Garnier, logo que chegou, (e veio antes de mim), teve ensejo de pintar aquellas tristezas, e como bom pintor — carregando talvez um pouco as côres . . .

Pois bem . Qual não foi o meu pasmo quando em S. Paulo, onde estive alguns dias depois da minha volta do norte, ouço (não me

lembra a quem) attribuir-se-me a mim as coisas mais disparatadas sobre a miseria e o impaludismo no extremo norte do paiz !

Disseram-me que, segundo referia um jornal, pedira eu, «pelo amor de Deus, mercurio para o norte» — assim mesmo entre aspas, para indicar que se davam as proprias palavras.

Absolutamente ninguem pôde dizer que me tenha ouvido semelhante coisa. Primeiro—porque isso nunca me passou pela mente, quanto mais pelos labios. Segundo, porque eu não podia ter deixado que isso pela mente me passasse, pela simples razão de que eu não fui ao norte para colher impressões daquellas coisas.

Para ver pedintes, de certo que eu não precisaria de sahir do Rio de Janeiro ; e impaludados ha-os em toda parte do Brazil e do mundo .

Demais : o absurdo chega a comprometter os meus conhecimentos em materia therapeutica... pois nunca ouvi dizer que com mercurio se curassem o impaludismo e a indigencia.

No caso, si alguma coisa se tivesse de pedir, não pelo amor de Deus, mas pelo amor da humanidade, seria a criação de sanatorios e de escolas de hygiene .

E isso mesmo não seria justo que se pedisse só para o norte, sinão para todo o Brazil .

E o pedido devia ser feito pelo meu amigo

Bicho, que viu melhor d'ò que eu, e não por mim, que não fui, como elle, abalado de piedade.

* * *

Chegamos á estação das Cinco Pontas pelas 7 1/2 da noite.

Sentimos logo que nos achamos numa grande cidade, cheia de vida e de apparato.

O carro que nos conduziu ao hotel teve que vencer uma zona de topographia complicadissima: ruas tortas e curtas, becos, vielas... um labyrintho.

Percorriamos a parte antiga de Santo Antonio, a mais colonial.

Muito rumor de gente, de viaturas, e muito açodamento, quasi vertigem.

Alojamo-nos num hotel, o «Commercial»; e tivemos de passar ali sete longos dias.



V

Setembro, 10

Logo cedo estivemos com o dr. Oliveira Lima, em sua aprazível vivenda, em Paramirim.

Dali veio connosco á cidade ; e mais tarde foi apresentar-nos ao Governador e ao Secretario Geral.

O dr. Borba dava audiencia, e a sala estava cheia ; e elle, como um mestre-escola do tempo antigo, ia chamando o pessoal, um a um.

O Secretario Geral, dr. Andrade Bezerra, é um moço que parece bem intelligente. E' muito delicado e affavel.

* * *

Com o dr. Eduardo de Moraes fui a Olinda.

Lá do alto da cidade tem-se o espectáculo mais admiravel do mundo . Para todos os lados a nossa visão afunda sem encontrar fim.

Recife apresenta-se-nos deslumbrante : immensa planura, cortada de aguas, como linhas de prata em que se engasta a pedraria brilhante das ruas e praças.

E' de uma sumptuosidade, de uma pompa e magnificencia de aspectos que nos deixam absorptos, em longo pasmo.

Não me satisfiz com essa primeira visita: voltei a meditar ali, para saciar-me de meditações, no alto da velha Marim, evocando os Duarte Coelho, os Lucena, os Mathias, os Azevedo, e os que vieram depois e depois, todas as figuras dos dramas que se passaram na gloriosa collina e que pareciam agora levantar-se... espantadas do ambiente já sereno.

Ali fiquei horas e horas, recompondo na imaginação todas as grandezas do antigo heroismo, e sentindo um como supersticioso respeito pelos que fazem a historia.

* * *

Setembro, 11.

Tomamos um bonde da linha «Casa Amarella», e fomos até, pelo menos visinhanças das paragens onde devia ter existido o primeiro *Arraial do Bom Jesus*.

Infelizmente não tivemos desta vez ninguem que nos orientasse:

Para os fins da linha «Dois Irmãos» fica também o local da *Casa Forte*. Deixaram-lhe á frente uma praça bem ampla e que conserva ainda o nome de «Campo da Casa Forte.»

* * *

Com o dr. Eduardo de Moraes visitei a Associação Commercial, no Recife, em excellente predio.

E' uma das mais importantes do Brazil, e existe desde 1839, tendo sido em 1854 agraciada pelo Governo Imperial com o titulo de Beneficente. Em 1904 fusionou-se com a Associação Commercial Agricola.

* * *

Como se sabe, a capital de Pernambuco é dividida em tres secções — Recife, S. Antonio, e Boa Vista. Santo Antonio comprehende toda a ilha de Antonio Vaz, onde Nassau fundára a sua munumental Cidade Mauricia. Communica-se com as duas outras secções por muitas pontes.

* * *

A cidade é muito limpa.

O porto de Recife é hoje um dos melhores do paiz. Augmenta de dia para dia o muro de quebramar, parallelo ao caes. Os navios atracam.

Entre os munumentos que ornam a cidade, nota-se a estatua do Barão do Rio Branco, na praça fronteira ao caes da Lingueta. Está de pé,

na sua classica affitude, erguida a cabeça deante do mar, como falando para o mundo.

E' pena que o pedestal não seja mais alto.

Outra estatua que chama attenção, ao entrar-se no Recife, vindo de S. Antonio, é a de Joaquim Nabuco, tambem de pé, extentido o braço direito, num gesto muito do grande orador.

* * *

Setembro, 12.

A capital de Pernambuco é, de todas as do norte, a de mais bellos e mais extensos arrabaldes.

Os mais conhecidos e procurados são Magdalena, Caminho Novo, Campo Grande, Capunga, Santo Amaro, etc.; e entre os mais afastados — Torre, Casa Amarella, Paramirim, Remedios, Encruzilhada, Varzea, etc.

O arrabalde de Afogados é o menos aprazivel. Não tem luz, nem agua. A população anda por ali, numa grande ancia de sêde, a disputar as gotas, nas fontes e cacimbas.

O terreno é muito baixo, e muito cheio de mangues e alagadiços.

Quasi que só se vêm por ali casebres e palhoças.

E' a Suburra de Recife.

Os dias que se seguem, até domingo (16) foram destinados a passeios e visitas.

* * *

Uma verdadeira curiosidade, que se encontra em Pernambuco, é o Congresso das Municipalidades, ou Congresso dos Prefeitos e Presidentes de Concelhos.

Como é sabido, tem ali essa pratica tão excepcional as suas tradições.

Em 1824, a revolução começou por uma assembléa dessa natureza.

A' vista do programma para a reunião que se deve ter effectuado em Dezembro ultimo, tem-se vontade de dizer que esse Congresso de Municipalidades bem que poderia substituir o outro...

* * *

A' noite de 17, embarcamos no paquete Ceará para Cabedêlo.



VI

Setembro, 18

Chegada a Cabedêlo pela manhã.

A paragem é muito pittoresca.

O antigo e famoso forte — em ruina, como todos os do norte afinal, com excepção talvez unica do de Obidos, no Estado do Pará, já muito dentro do Amazonas.

A povoação (villa) de Cabedêlo é aprazivel, no meio de coqueiros.

Ao longe, rio acima, numa altura, avistam-se indicios da cidade da Parayba.

* * *

A's 9 ou 9 e meia, tomamos o trem de ferro para a capital.

Pelas margens da estrada — casinhas de palha, intermediarias entre a choça do indio e a edificação urbana.

O mesmo que em toda parte. E' o rebothalho das tres raças, que por ali foi ficando, longe do mundo, quasi sempre numa grande miseria.

* * *

Ao cabo de cerca de uma hora estávamos em Parayba.

Fomos recebidos na estação pelo dr. Carlos Fernandes e o ajudante de ordens do presidente do Estado.

Alojamo-nos num hotel fronteiro á estação.

Algumas horas depois visitamos o presidente.

O dr. Camillo de Hollanda é figura insinuante, de modos fidalgos e trato affavel. Mostra-se muito consciencioso das responsabilidades do seu alto cargo, parecendo que toda a sua actividade e esforço se dedicam á sua Parayba.

Com que satisfação proclamou elle, ainda ha dias, que o seu Estado não tem compromissos a saldar.

O palacio do governo é de uma discreta elegancia. Fica na parte alta da cidade; e tem-se dali, para todos os lados, admiraveis panoramas.

A' frente, e ao lado direito do palacio, ha duas praças ajardinadas. No angulo dessas praças já vai em adiantada construcção um novo edificio para a Escola Normal.

* * *

A cidade da Parayba, comquanto pequena, tem um certo movimento. Ha boas contrucções. E' illuminada a luz electrica; sendo esta, porém, defeituosa, pois é sujeita a intermittencias, ficando ás vezes ás escuras algumas zonas da cidade.

Tambem o serviço de bondes não é grande coisa, e não raro se interrompe por falta de energia.

* * *

O mais valioso elemento economico do Estado é o algodão. A industria do assucar vai muito reduzida.

Chama-se ali o algodão — o ouro branco. E é mesmo, pelo alto preço que attingiu agora.

O que anda alarmando os lavradores é a lagarta rosada, praga que em algumas zonas prejudica em 30, 40 e mais por cento as colheitas.

* * *

Si uma alma precisar, na Parayba, de salvar-se por uma esmola, terá de perder-se porque não encontrará uma pessoa a quem dar um nickel. Não se vê na cidade um mendigo sequer.

Abençoada terra!

* * *

Recebemos a visita de uma commissão do *Instituto Historico*, da qual faziam parte os drs. Manuel Tavares Cavalcanti, Alcides Bezerra e Irineu Pinto.

O dr. Manuel Tavares é um grande cultor da nossa historia. E' lente desta materia na Escola Normal.

Irineu Pinto tem trabalhado muito pela historia da Parayba, havendo já feito algumas publicações bem interessantes.

O dr. Alcides Bezerra, ainda muito moço, é um dos intellectuaes da terra. Era Inspector do ensino: hoje é Promotor Publico da capital.

* * *

Visitamos o Asylo de Mendicidade, num arrabalde não muito distante do centro.

E' modesto, mas muito bem arranjado.

E' uma obra digna de louvores — toda devida ao grande devotamento de alguns homens.

Os recolhidos, de um e outro sexo, na maioria velhos, parecem satisfeitissimos daquella fortuna.

Quasi todos os serviços são feitos pelos proprios asylados, e tanto os internos como os de lavoura.

A situação é encantadora. O parque de recreio é magnifico.

Só agora é que comprehendemos como não ha mendigos na Parayba,

* * *

Tivemos mais algumas visitas, entre as quaes a do dr. Antonio Massa, vice-presidente do Estado; e a do deputado federal dr. Octacilio de Albuquerque.

* * *

Em companhia do sr. Evaristo da Fonseca, jornalista conhecido no Rio, fomos á Escola Normal.

Ali estivemos, por alguns minutos, numa grata atmosphaera de affectos e num delicioso convivio de almas: recitativos, cantos, dansas, tudo numa espontanea alegria de juventude ruidosa, no meio de canduras e meiguices que muito nos commoveram.

* * *

A' noite, obsequiou-nos, na sua poetica e serena mansão, o nosso Carlos Fernandes.

Quando sentimos aquella paz, o Carlos mostrou-se entre orgulhoso e feliz.

E com toda razão.

Carlos Fernandes é um dos mais fortes e brilhantes espiritos que tenho conhecido.

O seu nome é illustre em todo o norte, e não menos que no Rio.

Tem tido uma vida operosa, e cheia de vicissitudes.

Nada affectou, no emtanto, até hoje, o fulgor daquella intelligencia.

Não cessa de publicar livros, de verso e de prosa. A sua bagagem é já enorme.

Agora mesmo acaba de dar *Palma de Acanthos*.

O que distingue particularmente o espirito de Carlos Fernandes é o carinho com que trata a lingua. E', como diz esse outro formidavel espirito, o dr. Castro Pinto — «um vernaculista eximio, antes de tudo dedicado á forma augusta da palavra castiça, a vasar em estro sublime de rigor classico o que de mais vigente nos suggerem as escolas modernas».

Para Carlos Fernandes, o latim é ainda uma lingua sagrada: e por isso rende-lhe uma adoração de culto.

Carlos é formado em direito pela faculdade do Recife.

Hoje está redigindo a *União*, orgão official do Estado.

No dia 22, visitamos, em companhia do dr. Heraciito Cavalcanti, o edificio, ainda em construcção, para um orfanato.

Recebemos, no dia 23, a visita do dr. Flavio Marója, presidente do *Instituto Historico*.

Almoçamos com o dr. Orris Soares, secretario da presidencia; e depois fomos, com o mesmo, ao prado de corridas.

* * *

Setembro, 24

Visitamos, com o dr. Flavio Marója, o Hospital de Santa Isabel. O edificio já é pequeno, e pensa-se em amplial-o.

Ali prestam os melhores serviços as Irmãs de Sant'Anna.

Estas santas mulheres encontram-se em todos os estabelecimentos de caridade e de beneficencia que vimos no norte.

* * *

Visitamos tambem o Archivo Publico, do qual é director o dr. Diogenes Penna.

Parece que é de creação recente, e pôde vir a tornar-se uma excellente repartição, cuidada como está.

* * *

A capital paraybana já conta quatro jornaes diarios: a *União*, o *Norte*, o *Correio da Manhã*, e o *Diario do Estado*. Este ultimo o orgão da opposição.

A politicagem por ali parece que anda fervendo .. pelo que nos dizem entre dentes..

Não se estranhe essa abundancia de jornaes. Em todo o norte é assim. Não ha uma capital onde se não encontrem, pelo menos, tres ou quatro jornaes diarios, e muitos — deve dizer-se — jornaes muito bem feitos.

* * *

Setembro, 25

Fizemos alguns passeios nos arredores. Aliás são mediocres os arrabaldes da cidade.

A' noite celebrou-se a sessão solenne com que me honrou o *Instituto Historico*.

Foi presidida pelo dr, Marója.

Fez o discurso official de recepção o dr. Manuel Tavares.

Deixou-me impressão muito grata aquella festa.

O Instituto Historico da Parahyba é bem modesto ; mas, entre os do norte, é um daquelles em que mais se trabalha, e com muito amor e

carinho pelas nossas coisas.

Ha por ali um vivo sentimento de tradição e uma grande ancia de futuro.

* * *

No dia seguinte visitamos o *Collegio Diocesano Pio X*, no genero um dos melhores que até agora conhecemos no norte. E' frequentado por grande numero de meninos e moços. Tem cursos primario e de humanidades. Dizem-nos que é muito procurado por familias, não só da Parayba, como dos Estados mais vizinhos

* * *

Acabamos de fazer as nossas visitas de despedida.

Ao dr. Camillo de Hollanda particularmente fizemos sentir quão penhorados deixamos aquella terra, pelos carinhos de que ali nos cumularam, tanto s. ex. como os intellectuaes paraybanos

* * *

De Parayba a Natal fomos por terra.

Tomamos o trem á 1,20 da tarde. Na estação recebemos ainda as ultimas demonstrações de sympathy de muitas das mais distinctas

peessoas, entre as quaes o dr. Camillo de Hollanda o dr. Antonio Massá, o dr. Manuel Tavares o dr. Alcides Bezerra, o dr. Heraclito Cavalcant e outras.

* * *

A estrada de ferro não é má. Nem nos passou pela idéa a famosa estrada da Bahia a Aracajú. . .

Ao anoitecer, chegamos a Guarabira, onde deviamos pernoitar.

Fomos ali recebidos e hospedados fidalgamente pelas primeiras figuras da terra — dr. Juiz de Direito, dr. Promotor Publico, Prefeito Municipal, Presidente da Intendencia, Sub-Prefeito, e muitas outras.

O professor Alpheu teve a bondade de fornecer-me umas notas acêrca da cidade, as quaes hei de aproveitar opportunamente.

Guarabira é uma pequena, mas bellissima cidade paraybana. Mesmo de noite pudemos visital-a em companhia dos cavalheiros que nos tinham recebido.

A parte central é formada por duas grandes praças parallelas, quasi em amphitheatro, ao alto de uma das quaes está a igreja matriz.

Estas praças são magnificas; e são muito bem illuminadas a luz electrica.

Guarabira é séde de um mucicipio que vai em plena prosperidade.

VII

Setembro, 28.

A's 5 horas da manhã seguimos para o Rio Grande do Norte.

Como já havíamos notado no trecho de Parayba a Guarabira, as culturas que se vêm para os lados da linha ferrea são principalmente canna de assucar, algodão, café e mandioca.

Ao avizinhar-nos dos suburbios de Natal, vemos de umas alturas grande numero de pequenas casas, mas regulares, todas muito vermelhas, como tintas de sangue. E' isso devido á côr do barro que serviu para as paredes.

Sentimos que o dia parece por ali mais claro. Dir-se-ia que naquellas paragens o sol anda mais perto e brilha mais.

* * *

Chegamos á estação de Natal pelas tres da tarde.

Fomos recebidos pelo ajudante de ordens do Governador e pelo dr. Nestor Lima, secretario do *Instituto Historico*; os quaes nos acom-

panharam até um hotel chamado parece que *Internacional*.

Ali só encontramos disponível um exiguo aposento, no segundo andar, muito escuro, e soffrivelmente horrivel. Alojamo-nos naquella catumba, onde estivemos perfeitamente emparelhados durante sete dias.

Logo depois que nos aposentamos, desabou uma forte tormenta de chuva, que nos impediu de ir a palacio agradecer a honra que nos tinha feito o Governador.

Em Natal não ha viaturas publicas a não serem os bondes. Não vimos ali nem um automovel, nem um carro de praça. O proprio chefe do Estado anda nos bondes communs.

* * *

Setembro, 29.

Visitamos pela manhã o *Instituto Historico*.

Acha-se installado em commum com o Archivo e a Bibliotheca Publica, em bom predio. Tudo está disposto ali com muito capricho.

Depois fomos a palacio.

Já conhecia eu pessoalmente o desembargador Ferreira Chaves, do Rio, quando senador pelo seu Estado. S, ex. nos recebeu com a sua proverbial affabilidade, no seu amplo gabinete,

onde se achavam muitas pessoas, naturalmente politicos, *habitués* do café official.

S. ex. nos apresentou a todos. Quando chegou a vez de cumprimentarmos o coronel Pedro Soares, disse-nos s. ex.: — «E' o meu Murtinho. . . » O coronel é secretario da Fazenda; e disseram-me que realmente é homem de excepcional competencia para aquelle cargo.

Quando quizemos despedir-nos, o Governador nos convidou gentilmente para ver o palacio. S. ex. em pessoa nos levou ás varias salas. Entre estas o salão nobre é magnifico. Referiu-nos s. ex. que um collega seu, chefe de um dos Estados vizinhos, ao visitar uma vez o palacio, ficou admirado ao entrar naquelle salão exclamando: --- «Pois voeês já tem isto por aqui!»

De uma das janellas têm-se vistas bellissimas, principalmente para o estuario do Potengy,

* * *

Deixando o palacio do Governo, tomamos um bonde para Petropolis, bairro alto, á vista do mar, ao sul da barra.

A cidade é muito assejada e alegre. Ruas bem largas e bem calçadas quasi todas; predios de bom gosto, alguns grandiosos. Vastas praças. A fronteira ao palacio, e outras, são ajardinadas.

Em caminho de Petropolis, passa se ao

lado de extenso campo que se reserva, segundo nos informaram, para um parque.

Do outro lado do Potengy, junto á barra, e tambem para o sul, ha immensas dunas de areia muito branca. Muitos desses altos cerros de areia vinhamos já avistando hontem quando em viagem ,muito longe para as bandas do mar.

Do alto das dunas de Petropolis, o horizonte, para o mar e para a terra, é estupendo.

* * *

Recebemos a visita do coronel Pedro Soares, que é tambem presidente do *Instituto*; do desembargador Vicente Lemos, incansavel investigador da historia natalense; e do dr. Nestor Lima, advogado, professor e tambem cultor dedicado da nossa historia.

* * *

Setembro, 30.

A imprensa de Natal é talvez a mais modesta que encontramos nas capitaes do norte, depois da de Victoria.

Publicam-se ali tres jornaes, sendo *A Republica* o mais importante. E' hoje orgão, si não propriamente official, ao menos officioso do Governo, e existe desde antes de 15 de Novembro,

contando, pois, 29 annos de existência. E' jornal de grande formato e muito bem feito. Foi fundado em Julho de 1889 pelo dr. Pedro Velho.

A memoria deste homem é ali muito venerada ; e todos apontam os serviços por elle prestados a Natal, como primeiro Governador do Rio Grande do Norte. Foi elle quem organizou o Estado sob o novo regimen.

Tem estatua numa das praças, junto ao edificio do Congresso. E' pena que o monumento não seja grande coisa como arte.

Em outra praça vê-se tambem a estatua de Augusto Severo. Esta, como obra de arte, não é melhor : o malogrado aeronauta está muito diminuido na esthetica da sua figura,

* * *

Os dois outros jornaes são a *Imprensa* e a *Nota*. Este ultimo parece que não é diario.

Por ali não ha luctas politicas, pelo menos tão acirradas como na imprensa paraybana.

* * *

Há em Natal alguns grupos escolares.

Aliás, isto é commum em todos os Estados do norte : não ha uma só capital onde se não encontrem estabelecimentos dessa ordem, que já entraram --- pode-se dizer --- definitivamente no regimen do ensino.

Felizmente--não cessarei de dar testemunho--- a instrucção popular é objecto da preocupação e do esforço de todos os governos e de todas as populações.

Nos dias 1 e 2 de Outubro fizemos alguns passeios e visitas, adiantando os nossos trabalhos de pesquisa.

* * *

Outubro, 3.

Muito grato me foi receber a visita do dr. Jeronymo Gueiros, lente da Escola Normal, homem de espirito culto e alta competencia em historia.

Infelizmente já não era tempo de retribuir-lhe pessoalmente e agradecer a fineza.

Tambem recebi, na vespera de embarcar, alguns livros que me offereceram d. Isabel Gondim, e o dr. Oscar Brandão. Este illustre homem de letras escreveu-me, remettendo a suas obras, uma carta extremamente amavel. Tambem d. Isabel Gondim.

Hei de ter ensejo de occupar-me das obras com que me obsequiaram estes autores.

* * *

Outubro, 4.

Quinta-feira. Acaba de chegar, pela manhã, o *Acre*, a bordo do qual devemos seguir para o Ceará.

Como o vapor só sairá pela tarde, aproveitamos ainda o dia para ver alguma coisa.

Em companhia do dr. Horacio Barreto, Secretario Geral do Governo, e do dr. Nestor Lima, visitamos o Hospital da Santa Casa, no alto de Petropolis, e o Isolamento da Piedade.

O Hospital não é de vastas proporções; mas está muito bem montado, achando-se os varios gabinetes providos de installações modernas, principalmente os de cirurgia e de clinica hydrotherapica.

O desembarcador Ferreira Chaves está mandando ampliar o edificio.

O Isolamento, para alienados, é um como ensaio de hospicio; e já está prestando serviços relevantes.

E' dirigido pelo dr. Santiago Varela.

Tambem está sendo renovado.

* * *

Pela tarde, um pouco antes do embarque, tive a honra de receber, no proprio refeitório do hotel (pois que sala para isso não havia) uma commissão do *Instituto Historico*.

Nessa occasião dirigiu-me palavras de muito conforto o dr. Nestor Lima, de cujas mãos recebi o título de socio honorario.

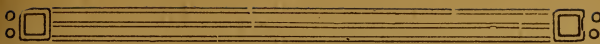
Feitas em seguida as ultimas saudações e agradecimentos, fomos para bordo, ás 5 horas da tarde.

A's 6 o vapor levantou ferros.

* * *

Pelas 10 da noite, avistamos o pharol do cabo S. Roque.

Começamos a rumar para noroeste.



VIII

Outubro, 5

O *Acre* é um bom vapor, onde se viaja com certo conforto. E' de marcha regular, e não joga muito.

O commandante, sr. Francisco Rodrigues do Nascimento, é cavalheiro muito amavel e insinuante. Não se parece nada com alguns de seus collegas.

* * *

Entramos na bahia de Fortaleza ás 3 da tarde.

A cidade, vista do mar, é como a de Maciô: não faz figura.

A difficuldade do desembarque é ainda maior do que na capital de Alagôas.

E' preciso ser herôe ali.

O Bicho empallideceu.

O saltar em terra ainda foi peor. A unica ponte, que existe na bahia, está ruindo depressa. Já está quasi de todo desmantelada. Para, do escaler, apanhar-se a escada, é preciso es-

perar o instante em que uma onda mais empo-
lada levante a embarcação.

E' tragico.

Faz suar suores frios.

O Bicho agarrou-se á ponte com unhas e
dentes. Cahiu-lhe o chapéo, a bengala, um gran-
de embrulho e não sei que mais que levava. E
ainda tomou banho salgado até a cintura ; e si
um rapaz não o soccorre a tempo, teria talvez
mergulhado naquelle mar tempestuoso.

Eu tive calefrios. Cheguei a escoriar a perna
direita.

Que horror !

Demos graças a Deus quando nos vimos
em terra.

Em terra—não : na tal ponte que está
ruindo.

Vem agora o serviço de bagagem.

Cada volume é levantado do escaler por
uma corda.

A ponte, batida de vagalhões, gemia estre-
mecendo; e eu a firitar, vendo o instante em que
bagagem, ponte, gente e tudo, e eu e o Bicho
desabavamos naquelle furor de resaca lá em
baixo.

Medonho !

Afinal, a bagagem estava tambem salva.

Salva, porém, só dos escarceus.

Agora é preciso salvar-a do fisco.

— «Do fisco?» — gritou, livido, o meu amigo e companheiro.

Sim : do fisco estadual.

Era preciso abrir malas, caixas, *valises*, estojos... abrir tudo...

Promptifiquei-me a obedecer, de chaves em punho.

O Bicho quiz encristar-se, penso que porque a mala delle era enorme, e os fiscaes lhe punham olhos de gula.

Afinal, tudo aquillo era só para inglez ver. O que se quer ali é tornar effectiva a cobrança de uma taxa especial sobre amostras de artigos de commercio.

E nem mesmo isso se fez: os proprios caixeiros viajantes não precisaram de abrir as malas.

Olhem si o Bicho tivesse feito barulho...

* * *

Um moço, que tinha ido a bordo, levou-nos para o seu hotel.

Chama-se "Hotel Avenida".

Não é grande coisa; mas é bem situado, com frente para a praça onde está a cathedral.

Vimos, logo de chegada, que o povo é muito religioso. Defronte do grande templo, ergue-se, como é uso no norte, um bello e grande

cruzeiro, isolado da praça por um gradil, e em torno de cujo sócco ha nichos e imagens.

Ninguem passa junto daquelle monumento sem descobrir-se com respeito. Algumas pessoas oram ali.

A igreja está sempre aberta. E não é pequena a concurrencia de fieis quasi que o dia inteiro.

* * *

Outubro, 6

Recebemos algumas visitas, entre as quaes a do Presidente do Estado pelo seu ajudante de ordens; a do dr. Theodorico da Costa, e do Barão de Studart.

Cuidamos de ver a cidade.

E' muito maior que Natal e que Parahyba.

Quasi que se pôde já dizer uma grande cidade.

As ruas são muito extensas, largas e rectas, verdadeiras avenidas.

Tem muita vida algumas dellas, principalmente á noite. Ha grande numero de cafés, confeitarias, e até *bars* de luxo.

A illuminação é excellente.

Os bondes electricos, muito bons.

* * *

No dia 7, que era domingo, só passeiamos na cidade e nos arredores.

* * *

Outubro, 8

Visitamos o Presidente do Estado. O dr. João Thomé (que nos dizem ser um engenheiro distincto) é um homem intelligente e ponderado, respirando calma e bom senso. Fala-nos das coisas do norte, e especialmente dos grandes problemas do seu Estado. Diz-nos que o Ceará só tem contra si a secca; e ás vezes, como aconteceu ha pouco, o flagelo que com a secca se alterna---as inundações. Não fosse a calamidade da secca---o Ceará seria talvez o mais rico Estado do norte.

Quando me referi ás outras capitaes já visitadas, s. ex. observou que se têm com effeito todas ellas renovado, mas a custa, quasi sempre, dos maiores compromissos para o futuro.

O dr. João Thomé de Saboya e Silva é ainda moço. Tem fama de administrador activo e operoso.

Parece agora muito empenhado em desenvolver e melhorar a viação geral no interior.

* * *

No dia 9 recebi a visita do sr. Adolpho Salles, irmão do illustre poeta e meu amigo Antonio Salles.

Muito lhe devo á boa vontade e esforço com que me auxiliou nas minhas pesquisas.

* * *

No dia 10, uma commissão da Faculdade de Direito, com o respectivo Director, dr. Eduardo da Rocha Salgado, faz-me a honra de uma visita; e outra do *Instituto Historico*, de que é presidente o dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil.

Tambem teve a gentileza de visitar-nos o tenente Alves Tavora, da guarnição da cidade.

E' um digno filho da terra, pelo sentimento com que sabe amar-lhe a historia.

* * *

Outubro, 11

Com o dr. Antonio Theodorico da Costa, fomos á casa do coronel João Brígido, a grande figura da imprensa do norte.

E' um quasi nonagenario e já cego; mas forte, ostentando ainda vigor, falando meio descansado, mas firme.

Junto d'elle está sempre uma das netas, que é a secretaria.

Gosta muito de referir coisas passadas, e parece sentir quanto pesa a sua autoridade.

Disseram-me que é ainda o homem mais temido no Ceará. O jornal que redige, o *Unifario*, é a maior força moral daquella terra.

Outros me asseguram que o prestigio do coronel João Brigido não se explica só pelo seu jornal, mas ainda pela coragem, firme e resoluta, com que elle é capaz de exercer a sua acção em qualquer terreno. Não é só um espirito combativo: é tambem uma opinião, uma consciencia que ha de impôr-se, ainda que seja no terreno da força.

E' até hoje um atheu declarado, e mesmo ostentoso, desabrido e intolerante. Tem um gesto esquerdo, quasi duro e hostil, de repulsa e detestação, sempre que lhe dizem qualquer coisa que suggira idéa de creança religiosa.

Referiram-me que, ainda por occasião do seu ultimo anniversario, a familia, sem que elle soubesse, mandou celebrar missa de graças. Pois elle desandou quando veio depois a saber daquella demonstração...

* * *

Outubro, 12

A cidade de Fortaleza está assente numa vasta planura: dahi o não fazer-se bem idéa da sua

amplitude e do seu contorno, sem ter-se um ponto de vista.

O dr. Thedorico da Costa proporcionou-me um meio de apanhar-lhe todo o aspecto de conjuncto, levando-me ao mirante do Magestic-Hotel.

Magnifico ! Dali é que se vê como a cidade é grande, e como é bella, fartamente arborisadas as suas avenidas e as suas praças.

* * *

Esperamos amanhã o paquete que nos deve conduzir ao Maranhão.

Fizemos, portanto, hoje as nossas despedidas.

Como não tivéssemos encontrado o dr. João Thomé, surpreendeu-nos s. ex., ás 9 da noite, no hotel. Ao voltarmos do centro da cidade, demos com o Presidente do Estado, em palestra, numa roda, como qualquer burguez, á nossa espera.

Esta nota não é extranha lá pelo norte, onde ainda não se inventaram protocolos...

* * *

Outubro, 13

O vapor *Bahia* chegou pela manhã.
Embarcamos ás 3 da tarde. O capitão Ar-

naldo Tavares, ajudante de ordens do Presidente, levou-nos em auto de palacio até o ponto de embarque. Também nos acompanharam até ali o Barão de Studart e o dr. Theodorico da Costa. Em escaler da policia fomos para bordo.

Felizmente, agora não foi tão horrivel o supplicio do embarque. Assim mesmo ao Bicho só lhe voltaram as côres quando se viu a bordo e enxuto.

Não ha duvida: Fortaleza está precisando de uma bahia ao menos.

Sem isso, aquillo é uma perfeita . . . porta estreita de paraíso.

Noto, no entanto, que os cearenses parece que não se preocupam muito de ter um porto.

Quando eu disse a alguém que me parecia ser essa a primeira necessidade do Ceará, rebateu-me prompto e seguro o interlocutor que—a primeira necessidade do Ceará é acabar com a sêcca . . . Livre-se o Ceará daquelle cruel flagelo, e hão de ver o que será o Estado dentro de cinco annos.

Póde-se dizer que é o problema obsidente para aquellas populações.

Ainda agora, depois que cheguei ao Rio, de volta do norte, tive ensejo de ler, em folheto, o discurso que na Camara pronunciou, em Outubro do anno p. p., o dr. Ildefonso Albano, illustre representante do Ceará naquella casa do Congresso. E' a pintura mais viva e mais com-

pleta dos horrores a que estão sujeitos os habitantes do sertão cearense; e é ao mesmo tempo um grito commovente de misericórdia dirigido á nação inteira.

Realmente é preciso que se resolva, de uma vez para sempre, a sorte daquelles miseros irmãos!

* * *

Isso não impedirá, no entanto, que se faça tambem uma bahia para Fortaleza.

* * *

Outubro, 14

Sahimos do Ceará na vespera, depois das 5 da tarde.

O *Bahia* é grande tambem como o *Acre*, e joga pouco; mas parece que de marcha não é tão bom.

Continuamos a viajar todo este dia.

Não tocamos na Tutoia.

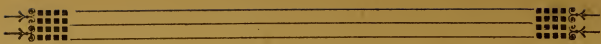
O Estado do Piauhhy é o mais isolado de todos os do norte. O accesso a Therezina, a cerca de uns 400 kilometros de Amarração, é penoso. E' preciso, do porto, ir em lancha a Parnayba, e dali em barca, rio acima, durante uns sete ou oito dias, á capital.

Devido a isso, sentimos não ter podido visitar Piauy.

Por S. Luiz, via Itapicurú, a viagem não é mais facil.

Tanto desejava eu ver a cidade de Caxias, tão cheia de tradições; e ver tambem as campanhas piauyenses.

Por minha desfortuna não me foi isso possível.



IX

Outubro, 15.

Amanhecemos no porto de S. Luiz.

A bahia é encantadora.

A cidade, de fóra, tem aspecto meio colonial, e suggere uma idéa da Bahia.

Recebeu-nos a bordo o dr. Ribeiro do Amaral, presidente da *Academia Maranhense*. No caes esperavam-nos: o ajudante de ordens do Governador, o dr. Justo Jansen Ferreira, Fran Paxeco, Domingos Barbosa, e outras pessoas.

Fomos hospedados no *Hotel Çentral*.

* * *

A entrada na cidade é auspiciosa. A avenida por onde fomos, do caes ao hotel, é bem aprazível, cheia de arvoredos, e ladeada de jardins.

Fóra da parte central, é muito desordenada a topographia da cidade. Ha muitas ladeiras, muitas ruas tortas e estreitas, muitos beccos e azinhagas. Pontos ha em que se fica bem confuso, no meio de verdadeiros dedalos de travesas e ruelas.

E no entanto S. Luiz agrada. E' uma cidade muito sympathica e deleitavel.

Aquellas velharias da colonia contrastam com muitas ruas bem boas, com bons predios modernos, e principalmente com muitas praças, pequenas quasi todas, mas ajardinadas.

Numa das praças, vimos a estatua de Gonçalves Dias. E' um dos monumentos mais bellos que vimos em todo o norte. A figura do poeta está lá no topo de uma alta columna, muito esguia e muito graciosa.

Em outra praça está a estatua do dr. Benedicto Leite.

Hoje, si ali fivessemos a fortuna de estar ainda, já nos commoveriamos ao contemplar tambem a estatua do nosso grande João Lisboa, inaugurada no dia 1 de Janeiro deste anno.

Quando por ali passamos, o monumento ainda estava na saleta de entrada do palacio do Governo, em baixo. Representa o escriptor sentado, na attitude do pensamento, como convem a um vulto de tal ordem, que em nossa historia ficou como o mais notavel cultor da lingua, e um dos mais profundos e sabios pensadores do seculo XIX no Brazil.

Assim que tomou o governo do Estado (logo depois de nossa passagem por ali) apressou-se o coronel Bricio de Araujo em autorizar a *Academia Maranhense* a fazer a erecção da estatua.

* * *

Logo que descansamos um pouco, fomos fazer ao Governador a nossa visita.

O dr. Herculano Parga é ainda moço. Fala pouco, e meio medido, como si deixasse alguma coisa por dizer. Parece mesmo um tanto reservado; e só se expande por uma delicadeza que lhe é natural. Ainda assim não é propriamente expansão o que elle mostra, mas uma affabilidade de quem sentiu sympathia. Não é homem que nos abra a alma logo no primeiro momento.

Creio que neste fundamental do seu character está o maior elogio que se lhe pôde fazer ás qualidades de politico.

Notamos-lhe tambem o natural democratismo caracteristico do norte.

Em S. Luiz. alem de uns bondezinhos de tracção animal (muito ruins, e de um archaismo affrontoso, que destôa dos ares da cidade) ha viaturas de praça e particulares, principalmente caleches.

Pois bem: o dr. Parga vai a pé de casa a palacio. E o que é ainda mais extranho: anda sósinho!

Outra nota interessante: no domingo que precedeu á nossa partida, os estudantes me aca-rinharam com uma sessão publica no paço municipal. Depois da festa, muitas das pessoas presentes, inclusive senhoras, meninas das escolas

primarias, e alumnas da Escola Normal, entenderam de completar as demonstrações, com que me haviam commovido, acompanhando-me a pé até o hotel. Pois bem : na frente do prestito, como si fosse tambem um estudante, ia o Governador do Estado !

Este desprendimento de etiquetas officiaes é de todo o norte.

Tivemas ainda ensejo, alguns dias depois, de visitar o dr. Herculano Parga em sua residencia particular, onde s. ex. nos recebeu com todas as mostras de intimidade.

* * *

No dia seguinte, quando entramos no hotel, o Champoudri, pela primeira vez sorrindo amavel, apresentou-me um cartão de visita dizendo-me, na sua lingua cheia de rrr : — «Senhorrr . . sua magestade esteve aqui. . . »

Era um cartão do Governador.

* * *

Sahindo do palacio, fomos visitar a familia do dr. Ribeiro do Amaral.

O professor Amaral é mestre de duas ou tres gerações na terra maranhense, e é muito querido e venerado pelos moços e pelas creanças. E' presidente da *Academia Maranhense*. A sua

bibliotheca é, entre as particulares que tenho conhecido, a mais opulenta em bibliographia especial do Brazil, e particularmente do Maranhão. Pussúe collecções completas de toda a imprensa maranhense.

* * *

O meu aposento, no 2º andar do hotel, tendo vista para uma praça arborizada, é o melhor que eu poderia ter escolhido.

Dali desvendo uma boa porção da cidade e parte da bahia, o rio Anil, e do outro lado, por cima de Nazareth, o pharol de S. Marcos.

Na praça ha um pequeno parque, á frente da Sé e do palacio episcopal.

O Bicho metteu se lá para os fundos, em quarto meio escuso, que elle encheu logo de quadros, tintas e desordem.

Primeiro quiz engrilar-se, mas depois ficou muito contente de ter aposento separado. . .

* * *

Uma felicidade pela qual não esperavamos : em S. Luiz não ha mosquitos.

Essa falta, sem duvida nada lamentavel, é talvez devida á completa ausencia de illuminação publica.

E' uma das notas mais desagradaveis que nos vem da cidade : a escuridão.

Quando sahimos dali, no entanto, começavam, pelo que nos informaram, os trabalhos de instalação da luz eléctrica.

E' provavel que hoje possam já os maranhenses sahir á noite, mesmo sem luar.

Mas tambem já devem estar prevenidos contra os mosquitos: a invasão é fatal assim que os invasores souberem por onde é que hão de ir. . .

* * *

Outubro; 16.

Tive hoje a minha grande manhã.

Logo cedo, fui visitar a igreja da Sé, ali vizinha.

E' a antiga N. S. da Victoria.

Entrei como quem entra num velho santuario, onde se ouvissem ainda vozes de oraculo.

Ali, na estreiteza daquella nave, estrondou a palavra de Vieira, aquella palavra que era a unica talvez, naquelle tempo, que fosse como elle proprio queria que fosse a voz do pregador — um como trovão do céu, que abale e faça tremer a terra.

Entrei, e ali estive longos minutos, em religioso silencio, com a alma cheia da solennidade que me vinha daquelle recinto.

Figurou-se-me que ainda vagava por ali a sombra afflicta daquelle homem; e que aos meus

ouvidos repercutiam ainda, através de quasi trescúlos, os estos daquella eloquencia maravilhosa.

Já disse isto mesmo, e por mais de uma vez, lá em terras do norte : nunca senti na minha vida impressão tão profunda e tão edificante !

Quem me dera a felicidade de viver ali no Maranhão, para ir todos os dias escutar o que dizem aquelles muros, duas vezes sagrados.

* * *

A' noite, depois que me recolhi ao meu aposento, é que meditei neste lance da minha excursão, do qual, confesso, não me havia apercebido até o momento em que penetrei naquella igreja.

O vulto do apostolo admiravel, a sua grande ancia de volver ao Brazil como missionario; a alegria com que saltou naquella terra — alegria como elle proprio disse, semelhante a de quem entrasse no Paraíso ; as vicissitudes que ali padecera ; o susto e o pavor que, do pulpito, infundiria em tantas daquellas mesmas almas que teriam, logo depois, de ultrajal-o . . . — tudo, tudo isso a minha memoria naquella noite evocou, tal como si aquella propria figura se tivesse erigido deante de mim, ainda clamante.

* * *

No correr do dia visitamos o Lyceu e a Escola Normal, que funcçionam conjunctamente, e são como um só estabelecimento.

E' um instituto de primeira ordem: bello e espaçoso edificio, amplos salões de aula, gabinetes de physica e chimica,apparelhos modernos para estudo de cosmographia, excellente mobiliario.

Ali estudam promiscuamente os dois sexos.

E' director o dr. Lamagnière.

Estivemos tambem na Escola Modelo, cuja directora — informaram-nos — é professora distinctissima.

Visitamos ainda a Associação Commercial.

* * *

Outubro, 17.

À imprensa de S. Luiz é representada por quatro jornaes: *Diario Official*, *Pacotilha*, *Diario do Maranhão*, e *Correio da Tarde*.

* * *

A' noite recebi com muito prazer a visita de duas commissões de estudantes: da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» e da União Estudantal «Silvio Romero», trazendo-me esta ultima o título de socio honorario.

Uma destas agremiações, a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», ha seis annos publica uma revista sob o titulo *O Ateniense*.

Creio que me não animarei a perpetrar a estulticia de transcrever muitas vezes o que a imprensa do norte publicou referente á minha excursão, e isto por mais grato que me seja o que tive em toda parte.

Mas, por um capricho do meu coração, destacarei para aqui ao menos alguns periodos do artigo publicado, na vespera da minha partida de S. Luiz, no *Ateniense*.

.....
.....

«O Rocha Pombo que encontramos (os membros da commissão que me fôra visitar) foi completamente outro do que imaginavamos: amavel e simpatico velhinho, de uma simpleza encantadora que nos cativou de começo, ele sem nos conhecer ainda, pois era a primeira vez que lhe dirigiamos a palavra, convidou-nos com lhaneza de um perfeito cavalheiro a entrar para os seus aposentos, onde depois de nos termos apresentado, declinando a incumbencia que ali nos levava, que era a de o saudar em nome da agremiação de letras que representavamos, iniciamos com elle animada palestra.

«Louvando a nossa idéa de nos acolhermos debaixo da protecção do maior dos brasileiros do passado, o Chanceler de Oiro, enalteceu a

figura masculina e victoriosa do nosso egregio patrono, depois sem arrebiques sedícios, nem torpos campanudos, discorreu largamente sobre as mentalidades mais flamejantes e gloriozas da nossa Atenas; e referindo se a João Lisboa, o vibrante e intrepido lutador da imprensa no Maranhão, a cuja penna chisparreante a literatura brasileira deve os mais primorosos lavôres classicos que a ezornam, teve palavras de sincera admiração e carinho, que muito nos envaideram a nós, porque somos maranhenses, porque nascemos em terra bendita de tão esclarecido filho. Falou-nos ainda de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Gomes de Souza, Sotero e muitos outros, com a mesma naturalidade, sem preocupação de forma, fazendo seguir cada nome consagrado dos acima escriptos, dos adjectivos sinjêlos que lhe traduzem a admiração, que é também sinjêla, porque elle todo respira simplicidade e bonhomia. Finalmente, teve palavras de encorajamento para comnosco . . . » etc.

* * *

O illustre sr. dr. Clodomir Cardoso, Intendente de S. Luiz, mostrou-se comnosco muito amavel, cumprimentando-nos em nome da cidade, e offerecendo-nos o carro da Intendencia para nosso serviço durante nossa permanencia ali.

* * *

Outubro, 18.

Fomos á casa do dr. Clodomir Card
agradecer-lhe as gentilezas com que tanto
penhorou ; e depois estivemos ainda no pal
da Intendencia.

* * *

Visitamos uma fabrica de tecidos nos a
dores da cidade. Ha no Estado do Maranhão
10 fabricas de tecidos ; 5 em S. Luiz, 4 em C
xias, e uma em Codó.

Sempre em companhia do dr. Ribeiro
Amaral , fizemos outras visitas e passeios.

Uma das visitas dé que nunca me esque
rei foi a que fizemos ao palacio da justiça. Logo
depois que entramos, o dr. Amaral e eu, na s
dos juizes, foi aberta a sessão do Superior
bunal com certa solemnidade, achando-se os
embargadores revestidos de beca, e os propri
officiaes com os seus distinctivos. Deram-no
honra excepcional de assistir á sessão no p
prio recinto, á direita do veneravel desembar
dor presidente. Alguem me fez sentir que ser
lhante distincção só se havia feito ali a duas p
soas — ao dr. Luiz Domingues, quando Go
nador do Estado, e a mim.

Naquelle dia, alem de outras, foram decididas varias questões de *habeas corpus*, e todos os juizes fundamentavam sempre o seu voto.

Senti-me orgulhoso de ouvir naquelle recinto a palavra de verdadeiros mestres, tão seguros de doutrina como no verbo sereno e ponderado, proprio da augusta funcção.

O presidente e um dos outros membros do conselho referiram-se á minha visita, dizendo palavras que eu tive de ouvir tolhido na minha profunda commoção.

E como para que me puzessem de todo confuso de tantas honras, ao despedir-me, depois de uma rapida visita a outras salas, todos os desembargadores nos acompanharam até a porta do edificio.

* * *

Estivemos ainda com algumas das pessoas e tanto nos têm cumulado de obsequios e gentilezas, entre as quaes o dr. Justo Jansen Ferreira, o dr. Xavier de Carvalho, o dr. Assis, Francisco (que é consul portuguez, e tão querido como si fôra filho do Maranhão), Domingos Barbosa, uma das intelligencias mais brilhantes dequelle meio.

O dr. Justo Jansen já era meu conhecido no Rio. Si bem me recordo, encontramo-nos pela vez, ha já muito tempo, na Sociedade de

Geographia, e fomos apresentados pelo fallecido marquez de Paranaguá.

E' um homem de muita cultura, dedicando se especialmente á geographia, de cuja cadeira professor no Lyceu Maranhense.

Tem já muitos trabalhos impressos, e fe publico, ha alguns annos, sob sua direcção, tre cartas — a do Estado do Maranhão, a da ilha e a planta da cidade de S. Luiz. São obras muito interessantes. de impressão muito nitida, e de maior utilidade para o ensino, e para todos os estudiosos.

Ah si em todos os Estados se fizesse coisa semelhante!

* * *

Outubro, 20.

Visitamos o Instituto «Rosa Nina», de que é directora d. Maria da Gloria Parga Nina.

Vimos ali creanças de todas as idades, e até pequeninas de 5 ou 6 annos, já cantando hymnos escolares.

Assistimos a varias aulas e exercicios, mostrando as meninas muito desembaraço e vivacidade.

Não me lembro bem si ali encontramos, como em outras capitaes, as cartas Weiszflogino intuitivo.

* * *

Estivemos tambem na Bibliotheca Publica, em visita mais demorada.

O estabelecimento é dos bons entre os que temos visto.

Guarda-se ali um pedaço da náu em que naufragou Gonçalves Dias (a *Ville de Boulogne*). Este pedaço tem gravado em baixo relevo : *Ville*, estando o resto — *de Boulogne* — no Museu Nacional, segundo nos informaram.

* * *

Tive, ás 8 da noite, recepção na *Academia Maranhense*, da qual já havia sido, alguns días antes, eleito socio correspondente.

Celebrou-se a sessão com toda pompa. Alem do discurso de abertura pelo presidente, dr. Ribeiro do Amaral, oraram Domingos Barbosa e dr. Justo Jansen.

Uma festa magnifica, digna das tradições da elha Athenas Brasileira.

* * *

Tinhamos visitado, durante o dia, a Santa Casa de Misericordia e a Assistencia á Infancia.

* * *

Outubro, 21.

Fomos ao *Tiro Rondon*; e ali assistimos a uma festa edificativa.

Alem do pessoal do *Tiro*, esteve tambem presente um grupo de enfermeiras da Cruz Vermelha, formado por meninas das mais distinctas familias da terra. Estavam todas graciosamente uniformizadas, e com os distinctivos da sua funcção.

Que coisa commovente !

Estava tambem ali um batalhão de escoteiros, e muitos tão pequeninos que não se sabe como é que já andam direito, e já sabem fazer continencia,

O commandante do *Tiro* é o dr. J. Franco de Sá, por quem fomos muito obsequiados.

Tivemos ensejo de assistir a uma aula do dr. Achilles Lisboa, feita ás enfermeiras.

Verdadeiramente magistral ! Palavra elegante e muito clara, diserto e fluente sem pompa calculada, dizendo tudo com espontanea naturalidade, explicando tudo e tudo illuminando — aquelle mestre devia estar na sua cathedra.

Foi realmente uma grande surpresa para nós.

Ao sahirmas dali --- o ultimo imprevisto : os meninos escoteiros formaram alas em continencia . . .

Ao menos naquelle instante experimentamos a sensação de ser general . . .

Com que alegria estão ali aquellas almas, aprendendo o novo culto !

* * *

A's 3 horas da tarde, celebrou-se no paço municipal a sessão solenne da «União Estudantal Sylvio Romero», para receber-me.

Estiveram presentes o Governador, e outras autoridades, professores e creanças das escolas.

Um dos oradores recordou que daquellas janellas para a praça falára muitas vezes o Bequimão ao povo maranhense.

Não se imagina, em circumstancias como a presente — e isto em todo o norte — o arrepio que passa pelas almas quando se lhes fala nalgum heróe da terra !

Tem-se por lá um verdadeiro culto dos grandes filhos que honraram a patria.

* * *

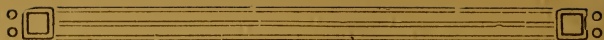
Outubro, 22.

Feitas as nossas despedidas durante o dia, fomos, ao anoitecer, para bordo do *Manãos*, que nos deve levar a Belem.

O vapor, que devia sahir ás 9 horas da noite, só sahiu no outro dia ás 6 da manhã.

* * *

O dia 23 foi só quasi de mar e céu.



X

Outubro, 24

A's 9 da manhã, tendo passado Salinas, entramos em aguas da bahia de Guajará,

E' o estuario do Tocantins.

A ilha de Marajó nem se avista. Estamos ainda a umas 50 ou 60 milhas da capital paraense.

Levamos a alma em tumultos; iamos ver aquelle mundo phantastico.

Pelas 3 e meia da tarde, começamos a sentir os signaes que procuramos naquelle immenso horizonte.

A vista da bahia, entre o continente e a ilha das Onças, é admiravel.

Belem, contemplada do mar, dá idéa de uma cidade gigantesca, monumental, com as suas grandes construcções, os seus palacios, as suas torres, o seu porto vasto e movimentado, o seu extenso caes e enormes armazens.

* * *

A chegada tem um aspecto de dia de festa.

O vapor atracou ás 4 1/2.

A primeira pessoa que nos veio a bordo foi um jornalista que havíamos conhecido num dos portos do sul, o sr. Candido Elesbão, do *Estado do Pará*.

Vieram logo depois o major Alberto Mesquita, assistente militar do Governador, e muitos socios do *Instituto Historico*, entre os quaes o seu illustre presidente, dr. Ignacio Moura.

Trocados os usuaes cumprimentos, seguimos todos, em automoveis, para o *Hotel da Paz*.

Ali, servido o champanha, pedi licença para, agradecendo aquella recepção carinhosa, brindar antes de tudo o espirito da Historia, representado no dr. Ignacio Moura. E' graças a esse sentimento da Historia que temos a fortuna de estar ali cercados de homens dos mais illustres da terra. Foi bastante que eu lidasse um pouco, já nestes fins da minha vida, com o que tem de mais bello o nosso passado, de mais veneravel as gerações que nos precederam, para que me recebessem ali como se recebe um irmão, filho do mesmo lar. Só a essa circumstancia posso attribuir os afagos com que se me acolhera em toda parte, e que sinto ali ainda mais vivos naquelles requintes de carinho, a que sou tão sensivel, bebendo pela felicidade dos amigos presentes e pelo futuro do Pará.

Falou o dr. Ignacio Moura pelo Instituto,

e tambem o dr. Palma Muniz, e parece que ainda outros.

Eu estava dominado de vivo contentamento, e muito curioso por ver a cidade, que de chegada produziu no meu espirito uma impressão muito forte.

Assim que se dissolveu aquelle primeiro tão grato convivio, fomos logo á residencia particular do Governador agradecer a honra que s. ex. me havia feito mandando receber-me.

O dr. Lauro Sodré nos acolheu com a sua conhecida bondade, mostrando-se o mesmo homem simples e affavel a quem no Rio já eu havia sido uma vez apresentado.

* * *

Outubro, 25

Começamos por uma visita geral, destinada a dar-nos as proporções e os aspectos mais característicos da cidade.

Tivemos a fortuna de contar para isso com a amavel companhia do dr. Palma Muniz, illustre secretario do Instituto, profissional da mais alta competencia, espirito operoso, e figura muito distincta entre os intellectuaes de Belem. Foi commigo, tanto nas gentilezas e fidalguias com que me tratou, como na boa vontade e esforço com que se empenhou pelo bom exito das mi-

nhas pesquisas, de uma solicitude e dedicação inexcedíveis.

Que me não passe, pois, este ensejo de registrar aqui a minha gratidão pelo inestimavel concurso que me prestou o illustre engenheiro.

* * *

Tomamos em poucas horas as diagonaes da cidade.

De caminho, por não perder os momentos mais opportunos, fizemos logo algumas visitas.

Fomos á casa do dr. Ignacio Moura, tambem engenheiro, mestre provecto da mocidade, alma expansiva de joven, coração aberto a todas as emoções da sympathia e da amizade.

Entramos tambem na Santa Casa. E' vasta e sumptuosa. Parece a mais rica de todas as que temos até agora visitado.

* * *

Belem excedeu á minha expectativa.

Aliás, todo o norte me surprehendeu. Não me seria possivel fazer uma idéa, siquer approximada, das capitaes que pude ver, e das populações que tive a felicidade de sentir de perto.

Mas a capital da Pará despertou-me um sentimento que é mais de orgulho que sô de alegria.

Figurou-se-me que estava ali, á entrada do grande rio, qual sentinella do mundo novo que se nos vae abrir, aquelle prodigio, attestado vivo da nossa capacidade constructora.

Belem é uma grande cidade moderna. No ponto em que se formou o primeiro nucleo, na parte mais baixa, junto do rio, ainda se conservam vestigios dos antigos tempos: pequenas praças, ruas estreitas e curtas, algumas tortuosas, travessas e azinhagas, predios velhos de construcção colonial.

Mas fóra daquella zona, póde dizer-se que a cidade é feita só de avenidas e parques.

Aquellas amplas ruas, muito longas e rectas, são todas arborisadas.

E' uma das peculiaridades locaes que mais dão na vista ao visitante: a profusa arborisação das ruas e praças.

Explica-se assim a agradável temperatura que se tem no Pará. Ali, não só a visinhança do mar, como a abundancia de vegetação, modificam os mais fortes factores do clima.

A planta que empregam é quasi exclusivamente a mangueira, arvore de coma opulenta e grosso caule.

Muitas das ruas são como tunneis de verdura: os dois renques de mangueiras juntam-se pelas copas, e formam abobadas contínuas de folhagem, de um verde carregado e de uma exuberancia maravilhosa.

Isso se vê muito bem, por exemplo, na *estrada* de Nazareth, e na que se lhe segue, *estrada* da Independencia.

Conservam ali o nome de *estradas* para as avenidas. Houve tempo, em que a praça de Nazareth ficava muito fóra da cidade, a esta ligada por estrada. Hoje, Nazareth fica em plena cidade, mas o uso conserva o nome de *estrada* para a esplendida avenida.

Da *estrada* da Independencia, atravessando-se um largo campo, entra-se na avenida Tito Franco.

Esta, sim, já é mesmo avenida, e seguramente a mais larga e mais extensa que se encontra, pelo menos no Brazil.

Era o antigo caminho do Marco da Legua, isto é, do marco que assignalava o limite, por ali, do quadro urbano.

Hoje, a avenida se estende até Souza, e parece que vai além.

Mede já cercà de uma legua.

E' ladeada de mangueiras em toda essa extensão.

Já se encontram por ali, a uma e outra margem, predios muito bons e chacaras apraziveis.

* * *

Para todos os lados a cidade cresce a olhos vistos,

O serviço de bondes é excellente.

Ha infinidade de linhas para o centro e para os arrabaldes.

Não se pôde dizer que sejam caras as passagens, Nos de 2.^a classe, custam 100 réis por secção; nos de 1.^a custam 120.

Estes 20 réis, á primeira vista, parece que deviam complicar a cobrança e aborrecer o passageiro.

No Rio, por exemplo—é aquella certeza ! —zé-povo encresparia de prompto, e não pagaria o vintem.

No Pará, a abundancia de moedas de cobre tudo facilita, e ninguem se amola com essa coisa de nonada.

Alem disso, todo o mundo viaja em bondes de 2.^a classe, tão bons e tão decentes como os de 1.^a. Os bondes ali são como os empregos publicos em toda parte: a classe só regula para augmento da passagem.

As viaturas de praças (automoveis e carros) não levam preço exaggerado.

* * *

A' noite fomos a Nazareth. Pudemos ainda aproveitar alguns dos ultimos dias daquella festa tradicional, tão cara á devoção do povo paraense.

A praça, fronteira á ermida, não é muito

ampla, mas é de aspecto muito agradável,

E' bem arborisada em torno.

Num dos lados, ha tres arvores colossaes, de incomparavel majestade e imponencia. São *sumaumeiras*, dos maiores vegetaes daquella zona.

Só agora notamos, sob a intensa claridade da illuminação, que as tres arvores estão caídas até o alto das raizes adventicias, largas e finas como laminas.

Tambem estão caiados, muito brancos, até a altura de um homem, os caules das mangueiras da estrada de Nazareth.

Ninguém soube dar-nos a origem daquelle uso: só nos disseram que era uma tradição.

Estas arvores assim parecem estar em fraldas de camisa. As *sumaumeiras*, porém, estão de saias . . .

* * *

O largo de Nazareth estava feerico.

Em toda parte, em desordem—barracas, tendas, chalés, pavilhões, onde se joga, onde se come, onde se bebe, e onde se vende tudo quanto ha no mundo.

A festa passa-se ali, e dura quasi sempre a noite inteira.

Nas ruas que confinam a praça, ha theatros, cinemas, corêtos, balcões de leilão, e outras muitas coisas.

Mesmo que se passe ali a noite toda não se terá tempo de ver e esmerilhar tudo.

Dos officios que se celebram na igreja muito poucos de certo que se apercebem.

A ermida, que ainda serviu este anno, é já a terceira ou quarta, não restando nem vestigios da primeira, que foi uma pequena capella.

Já está quasi acabada, ao lado da actual, outra ermida, maior e de mais gosto como architectura.

* * *

Outubro, 26

Continuamos, em companhia do dr. Palma Muniz, a fazer as nossas visitas.

Fomos á Bibliotheca Publica, cujo director nos acolheu muito bem, mostrando-se disposto a tudo facilitar-me ali.

E de facto, foi naquella repartição que se reuniu e acondicionou toda a farta messe de papeis, livros, mappas etc, que foi possivel colligir naquella capital, graças á boa vontade do illustre director e aos esforços do dr. Palma Muniz.

* * *

Visitamos em seguida o palacio do governo, onde estivemos com o dr. Eladio Lima, Secreta-

rio Geral do Estado, e com o dr. Emmanuel Sodré, official de gabinete do Governador.

O dr. Eladio Lima é homem de espirito culto, seguro e integro, conhecendo perfeitamente os negocios do Estado.

E' um verdadeiro typo de homem publico: muito calmo, ponderado, justiceiro, e avesso a sectarismos...

Vimos no salão nobre de palacio um grande quadro de Parreiras, a *Conquista do Amazonas*.

Tambem vimos (não me lembra onde, si no palacio do Governo, si no da Intendencia) uma tela em que se representa a morte de Carlos Gomes.

Visitamos ainda o Theatro da Paz.

Tem a frontaria para a praça da Republica, um dos mais bellos jardins de Belem.

O grande salão nobre do theatro é esplendido e bem decorado.

Ali celebram-se festas publicas — concertos, exposições, conferencias, sessões commemorativas, etc.

* * *

Outubro, 27

Com o major Alberto Mesquita e o dr. Palma Muniz, fomos ao *Instituto Lauro Sodré*, na avenida Tito Franco.

Tivemos ali uma recepção muito carinhosa, tanto pelo director, dr. Antonio Marçal e demais pessoal docente, como pelos alumnos.

Assistimos algumas aulas e exercicios militares.

A' sombra de umas mangueiras, ouvimos excellente musica pela banda de alumnos.

Em seguida, preparou-se, na propria sala de aula, a symphonia do *Guarany*. O *maestro* Cincinato Souza, professor da aula de musica, juntou aos instrumentos usuaes, uns como rufos, de madeira, maracás etc., que produzem uma suggestão perfeita da figura do indio.

Ha naquelle estabelecimento cerca de 300 alumnos: Cada um recebe instrucção de primeiro gráu, e aprende um officio.

Não tínhamos visto até agora um instituto como aquelle.

* * *

Sahindo do *Instituto Lauro Sodré*, fomos ao Asylo de Mendicidade, um pouco adeante, na mesma avenida Tito Franco.

O edificio é amplo, bem disposto, e muito bem cuidado pelas Irmãs de Sant' Anna,

Os asylados parecem meio tristes, mas visivelmente satisfeitos. Apenas notamos na sessão feminina, uma certa incuria e desordem no convivio das detentas.

Isso ha de ser de certo natural, e portanto inevitavel.

* * *

De volta do asylo, visitamos o Bosque Municipal, a que se tenta dar o nome de---*Rodrigues Alves*.

E' um vasto parque natural, que não se sabe como é que anda meio abandonado do publico.

Vimos ali, num pequeno tanque, o peixe-boi. Este é muito maior que os que depois vimos em Manãos, em aguas de um jardim publico.

E' um dos animaes mais curiosos da fauna amazonica. Alimenta-se de uma certa qualidade de capim, que apprehende com o focinho á flor da agua.

Aquelle do Bosque Municipal vive ali ha muitos annos---disseram-nos.

* * *

Quizemos visitar ainda o *Instituto Gentil Bittencourt*; mas, não se nos permittiu. Sentimos bastante, pois nos dizem que é modelar.

* * *

Outubro, 28

Este dia quasi que o enchemos com uma visita que particularmente muito me interessou.

Depois de termos ido ao paço archiepiscopal agradecer ao sr. Arcebispo os cumprimentos que nos mandára fazer no caes; e depois de uma rapida visita á Escola Normal, onde encontramos a casa em trabalhos de exames — fomos ver o forte do *Presepio*, em torno, ou ao lado do qual se começou, por 1615 ou 16, a povoação que é hoje a grande cidade de Belem.

Ainda existe alguma coisa, si não propriamente da obra de Caldeira, ao menos de tempos muito antigos: o que é attestado pelas proporções cyclicas dos muros, e da abobada que reveste o subterraneo.

Ha por ali grande quantidade de canhões velhos, e já tão gastos pela ferrugem que não é mais possivel distinguir nelles signaes que permitam a identificação e ler a data.

Dali, do alto das muralhas, domina-se a bahia.

O ponto em que fôra construido o forte é admiravel, e não podia mesmo ter escapado ao tino daquelles pioneiros da conquista.

* * *

Outubro, 29

Começou o dia para mim com uma nota desagradavel: o meu amigo Guttman Bicho teve de deixar-me, voltando para o Maranhão, onde me esperaria.

Deu-me elle para isso umas tantas razões, que eu tive de aceitar, porque não tinha razões melhores para dissuadir-o de abandonar-me.

Apesar das taes razões, eu fiquei, por mim, muito convencido de que elle teve medo de ir a Manãos. Para elle, a visão do Amazonas era um pesadelo: giboias, surucucús, crocodilos, até hippopotamos... e depois o calor de fôrnalha que assa e torra um homem antes do nascer do sol, as febres que matam em dois minutos — e uma infinidade de coisas horriveis que lhe metteram na cabeça — tal pavor fizeram á imaginação do meu amigo que o mais simples foi concordar com elle.

E assim tive de vel-o partir ás 6 da manhã, resignando-me com a minha sina de ir sósinho affrontar as hostilidades daquelle mundo.

Afinal, vi que o Gutfmann Bicho é como quasi toda gente quando se trata do Amazonas. Não ha quem tire, da cabeça de um homem do sul que nunca viu o norte, a certeza de que ir a Manãos, ou mesmo a Belem, mas principalmente a Manãos, é só para doidos que não têm amor á vida...

O que é certo é que o Bicho embarcou para o Maranhão...

* * *

De volta do seu botafóra, fomos primeiro ver o Museu Goeldi, á rua da Independencia.

O director parece que é uma senhora, e está ausente.

O vice-director, dr. Siqueira, não estava ali na occasião.

Tivemos de soccorrer-nos ao dr. Adolpho Ducke, director da secção de botânica.

Recebeu-nos assim assim, e nos foi mostrando o que era de sua especialidade. Elle parece que tem uma certa implicancia com a zoologia. De quando em quando apanhava, lá de muito alto das arvores, alguma folha ou alguma fructa: coisa que por algumas razões só elle mesmo podia fazer.

Logo que nos julgou satisfeitos, entregou-nos aos cuidados de um guarda, para que nos mostrasse a secção de zoologia.

O guarda pouca coisa teve que nos mostrar. Disse-nos que naquella secção o museu estava muito desfalcado, porque muita coisa se havia vendido para Norte-America...

— Vendido ?

— «Sim, senhores.»

— Mas, quem vendeu ?

— «Não sei . . . Mas bem que sei como as coisas vendidas eram retiradas ali pelos fundos . . .

— Mas quando foi isso ?

— «No tempo passado» . . . — respondeu maliciosamente o homem.

A expressão — «tempo passado» — tem no Pará um sentido preciso.

Acabada a visita á secção de zoologia, fomos ver, no interior do edificio, as secções de ethnographia e de historia natural.

Nada encontramos por ali de novo. Apenas na sala de mineralogia, o dr. Siqueira, que tinha chegado da cidade, teve a gentileza de nos mostrar uma formosa *muirakitan*, que guarda a sete chaves.

* * *

Em companhia do respectivo engenheiro fiscal dr. Augusto Octaviano Pinto, do dr. Santa Rosa, engenheiro chefe, do dr. Americo Campos e dr. Palma Muniz, visitei as obras do porto.

O que se tem feito ali é um prodigio de audacia e de esforço.

Houve entre nós quem comparasse aquillo com as docas de Santos.

Os armazens são amplissimos, e de dois pavimentos.

Todo o serviço é feito por meio de guindastes electricos.

Vimos, numa das secções de armazens, enorme quantidade de madeira em tóros para exportação.

Quando se ha de exportar tudo aquillo é que ninguem sabe...

* * *

Outubro, 30

Durante o dia, visitamos o paço municipal, bello e espaçoso; o Superior Tribunal de Justiça; e a Repartição de Obras Publicas e Terras.

* * *

A's 8 e meia da noite, recepção no Instituto Historico.

A sessão, presidida pelo dr. Lauro Sodré, esteve augusta e brilhante.

Fez o discurso official o dr. Luiz Estevão, Juiz Federal da secção do Pará, e orador do Instituto. E' um dos mais bellos espiritos que tive ensejo de conhecer em todo o norte. Presença sympathica, gesto simples, palavra nitida e vibrante — é um grande prazer ouvi-lo.

Fizeram-se ouvir outros oradores, entre os quaes o dr. Ignacio Moura, ardente e arrebatado como um joven; dr. Palma Muniz, claro e sereno; dr. Americo Campos, fluente e gracioso, verdadeiro senhor da tribuna; dr. Santa Rosa, que leu um trabalho sobre hydrographia do Pará; e dr. Almeida Genú, que brindou o auditorio com

algumas paginas acêrca da pre-historia do Amazonas.

Foi uma festa memoravel, a que compareceu toda a intellectualidade de Belem.

* * *

No mundo intellectual do Pará, alem do dr. Luiz Estevão, tive ensejo de conhecer pessoalmente os drs. Severino Silva, Paulo Maranhão, Eladio Lima, Palma Muniz, Ignacio Moura, Luiz Barreiros, Augusto Meira, Eustachio Azevedo, Manuel Lobão, Carlos Nascimento, Ferreira dos Santos, Candido Costa, Luiz Cordeiro, e talvez mais alguns de que no momento não me recordo.

E' notavel o movimento espirital naquella terra, e havemos de ver isso opportunamente.

* * *

Outubro, 31

O serviço de assistencia publica é muito regular em Belem.

A vida nocturna, no centro da cidade, é tão animada e intensa como em todos os grandes centros.

A illuminação não é inferior á do Rio.

Todas as noites funcçionam theatres e cinemas.

As *terrasses* (principalmente as do Grande Hotel e do Café da Paz) estão sempre cheias; aos domingos, tanto de dia como de noite.

O que mais hoje se bebe nas grandes capitães do norte, Belem e Manáos, é o *guaraná effervescente*; e pelo menos tanto como a cerveja.

E' de recente introdução no consumo geral esta deliciosa bebida.

Ha uma fabrica em Belem, a dos srs. Oliveira Simões & C.; e outra em Manáos.

O *guaraná* que se bebe em Belem é melhor.

Assegura-se que este producto extractivo da flora amazonica é um reconstituente poderoso.

Ouvi citarem-se casos de anemia, e até de arterio-esclerose, debellados só com o uso do guaraná. E dizem que o refresco preparado com a massa é sufficiente como medicamento.

O que é certo é que tem hoje largo consumo nos dois Estados. E affirma-se que em Matto Grosso é ainda maior o consumo, e que só para ali se exporta annualmente cerca de 800 contos do producto.

Já se está fazendo tambem exportação para o Perú.

Uma das coisas mais curiosas, que vi em Manáos e em Belem, são os artefactos de massa de guaraná. Esta massa chega a fazer-se muito compacta, dura e resistente. Tem côr e aspecto

como de vulcanite. Della fazem-se vasos, taças, salvas, estatuetas, o que se quizer.

E' bastante fazer-se a indicação, ou dar a photographia de uma pessoa, ou o desenho do que se deseja, e o artista reproduz, seja o que fôr, com uma fidelidade e perfeição admiraveis.

E o que é de espantar é que o esculptor é quasi sempre um homem sem cultura nenhuma, completamente analfabeto !

Tive ensejo de ver algures um desses artefactos que me deixou positivamente maravilhado: uma pequena bandeja, regulando o tamanho de um prato commum, e na qual o artista esculpira figuras e objectos dando-nos, nas varias phases, os processos de preparação do guaraná: tudo, des da bandeja, feito de massa; as figurinhas, as attitudes, os movimentos—tudo tão fino, tão natural, tão expressivo e tão verdadeiro que não se pôde recusar o nome de obra de arte áquella obra.

Em Manãos deram-me duas estatuetas deste genero. O dr. Alcantara Bacellar offereceu-me o seu proprio busto. E' exacto que se não parece muito com s. ex.; mas si não tem grande valor iconico, a perfeição do lavor é digna de ser apreciada.

O dr. Faria e Souza brindou-me com o busto de d. Pedro II. Este é irreprehensivel como figura authentica do grande principe.

Tambem no Pará, depois que voltei de

Manãos, obsequiou-me o dr. Lauro Sodré com o busto do Barão do Rio Branco. Perfeito!

* * *

A imprensa de Belem é representada pelos diarios *Estado do Pará*, *Folha do Norte* (matutinos), *Razão e Imparcial* (jornaes da tarde). Nos dias em que ali estive appareceu mais a *Evolução*.

Principalmente os dois da manhã são jornaes de grande formato.

A prova de quanto é importante ali a imprensa, e valiosa a profissão jornalística, está na existencia de uma *Associação da Imprensa do Pará*, fundada em 1911. Fôra até 1912 o *Circulo dos Reporters do Pará*, passando a 24 de Novembro de 1912 a ter a denominação actual,

Funciona em predio regular, com boas salas; e tem já um começo de bibliotheca.

Alem do objectivo de congregar e unir a classe, tem ainda fins de beneficencia e recreativos.

* * *

Novembro, 1

Fui pela manhã, com o dr. Octaviano Pinto, e acompanhados graciosamente pelo sr. Vi-

clorino de Almeida, negociante no Rio e que eu conheci em viagem, fazer um passeio em lancha a Val-de-Cans, onde se acham ainda as grandes officinas da companhia que construiu as obras do porto.

Uma parte daquellas officinas (principalmente as que serviram para fabricação dos enormes blocos de cimento que foram empregados no caes) já estão estragadas e ao abandono.

A officina de fundição, porém, ainda funciona, e com a particularidade de só trabalharem ali mestres e operarios brasileiros. E isto des do tempo da actividade das obras. Os proprios homens da companhia, segundo me informou o dr. Octaviano Pinto, confessavam que os operarios nacionaes em pouco tempo se tornavam mais habéis e em tudo superiores aos inglezes; e estes foram excluidos.

Diz o mestre da officina de fundição que a mesma bem podia ser ainda aproveitada para um arsenal.

De volta de Val-de-Cans, fez o dr. Octaviano Pinto questão de que almoçassemos em sua casa, onde fomos fidalgamente tratados pela digna familia do distincto engenheiro.

* * *

O vapor *Brazil* já estava no porto; e devia sahir de noite para Manãos.

Acabei as minhas despedidas, e ás 9 fui para bordo.

* * *

A bahia á noite apresenta um espectáculo bellissimo. As boias illuminativas, os pharóes das embarcações, a illuminação dos caes, dos estaleiros — tudo compõe um como firmamento estrellado em contraste com o de cima.

E lá para o fundo do panorama verdadeiramente feerico--a sombra extensa da ilha das Onças.

* * *

Novembro, 2.

Pela manhã.

Estamos agora entre Marajó e o continente, deste separados apenas pela profusão das ilhas.

Pela costa, lá muito longe, á direita — povoações branquejando.

A todo instante — velas de embarcações, como no Maranhão, de varias côres, pardacentas, vermelhas, azues, brancas.

Informam-me que as terras que temos á vista, e que parecem altas, ficam inundadas por occasião das aguas vivas, em Fevereiro e Março.

* * *

Pela tarde.

Entramos no estreito de Breves. Seriam 5 horas quando passamos pelo pharolete á esquerda

E' a região talvez mais curiosa do rio-mar, considerada sob o ponto de vista geognostico.

Tudo naquella natureza parece provisorio. Tudo astá mudando ali de dia para dia.

O estreito de Breves é apenas a linha mais recta, o canal mais amplo, que se encontra na desordem de ilhas e canaes, até sahir no Amazonas propriamente dito.

Por ali, vai o vapor produzindo ondulações parallelas, muito amplas e serenas, que figuram cardumès de cetaceos gigantescos que acompanhasssem o navio.

Naquellas ondulações reflecte-se, como em afflicção, a ultima claridade do dia.

Toda aquella vegetação das margens espelha-se nas aguas, em alguns pontos mais distantes e tranquilllas, simulando-se então por ali duas florestas divergentes.

De quando em quando — uma cabana, lembrando que ha por ali, na grandeza daquelle chaos, creaturas humanas que se não assombram.

* * *

Dizem que muita gente não tem sentido, ao entrar no Amazonas, a impressão que esperava.

Por mim, confesso que fiquei immobilizado, num grande extase.

Ante aquella majestade de aguas e terras, que parecem sahir de um cataclysmo, ou quẽ são restos de um diluvio, não sei como se pôde permanecer sem espanto.

Figura-se-nos que temos, de um lado e de outro, costa marítima.

Apenas a côr das aguas não é a côr do mar. As aguas do Amazonas parecem sempre aguas-do-monte — barrentas, quasi luridas, ás vezes mais escuras ás vezes de um amarello fosco mais pasmado, muito lizas e tranquillias.

E' realmente mais um mar interior do que um rio.

Tem-se a sensação de que é um prolongamento do oceano.

Quando o vapor se approxima de uma das margens, vê-se a outra muito distante, como uma faixa azulada.

E ás vezes passa o navio tão junto da margem que se ouve perfeitamente o canto dos passaros.

Por toda parte vamos encontrando ilhas de formação recente, bordadas de aningaes, que fingem estacas a proteger a terra contra as aguas — exactamente como nos descreve o dr. Huber num dos seus excellentes trabalhos.

Simulam canteiros immensos de um jardim sem flôres.

Ao longo dos aningaes, já para dentro das novas ilhas — touças de *canarana*, que é o melhor pasto para bois naquellas paragens.

* * *

Novembro, 3.

Depois que passamos Gurupá, começamos a avistar, á direita, serranias, que se abaixam ás vezes e logo se levantam, muito longe da linha da costa. É para além, muito para além dessas serranias, alcança ainda a vista, pelas colladas, montanhas mais distantes, de azul mais esmaecido, suggerindo a idéa de que não têm fim aquellas terras.

Agora já vemos, em certos pontos, costas muito rampadas, indício de quanto faz por ali a força das aguas.

Por ambas as margens vêm-se palhoças, quasi sempre sobre estacas, mesmo em logares onde a terra parece mais alta.

São *barracas* de seringueiros.

Os *barracões* já são casinhas um pouco melhores; e ahi habitam os patrões.

Contaram-me sempre as coisas mais horri-
veis a proposito dos seringueiros, e das condi-
ções em que vivem e trabalham, principalmente
no Acre.

Um homem desses contracta serviço com

o dono de um seringal, e por esse contracto deixa-se escravizar até a morte. Não tem mais meios de libertar-se do patrão. Este é por ali um perfeito soberano, emquanto não assanha contra si, no animo dos escravos, uma soberania mais poderosa e mais cruel.

Dizem que o patrão chega a recrutar á força, como se capturam animaes alçados, os miseros que tentam fugir ao cativoiro.

* * *

Por cerca de 4 da tarde, vemos, á direita, uma povoação que nos dizem ser a cidade de Prainha.

Pelas vizinhanças, na matta, á destacar-se pela folhagem sumptuosa, de um amarello-claro muito brilhante e festivo — o páu-d'arco. Informam-me que não é tal a folhagem que esplende, pois a arvore agora não tem folhas, e sim só flores. Estas conservam aquelle viço alleluial durante apenas tres dias, ao cabo dos quaes murcham e caem, sobrevivendo então as folhas.

Durante aquelles tres dias, a arvore espalha em volta uma suave fragrancia.

* * *

Uma nota avulsa: no Pará e no Amazonas, ha uma palavra que se ouve a todo instan-

te e que não passa despercebida a ouvidos que vão do sul: é o adverbio *acolá*,

— Onde fica a rua tal? — pergunta-se.

Respondem-nos: «—Acolá, depois daquelle praça . . . »

— Que é da creança?

— «Está brincando acolá . . . »

— E a chave?

— «Procura acolá . . . »

* * *

Novembro, 4.

A's uma e meia da madrugada, fundeamos no porto de Santarem.

Aquella hora não impediu que multidão de escaleres e canôas cercassem o navio, carregados de fructas e de variedade de coisas da terra que se vinham vender a bordo,

Que immensa balburdia então ali para aproveitar os poucos minutos que o vapor demora.

* * *

A's 9 da manhã chegamos ao porto de Obidos.

A cidade é bem situada, sobre uma collina, em amphitheatro.

E' aquelle o ponto mais estrategico de todo

o rio, guardado por dois fortes, um numa altura a oriente da cidade; outro, mascarado de arvoredos, a loeste, fechando a parte mais estreita do rio. Não mede este ali mais que cerca de um kilometro; e não se encontra outra passagem si não aquella.

A cidade tem bello aspecto, parecendo apenas que não tem grande movimento.

Naquelle porto saltou um moço que conheci a bordo, o sr. Samuel Auday, negociante na terra.

Em Obidos vive ha annos um naturalista francez, dr. Paul le Cointe, muito amigo do dr. Ducke, do Museu Goeldi.

Q vapor ali parou apenas uma meia hora.

Sahindo daquella garganta, o rio se alarga outra vez.

Parece que á medida que subimos, maior se faz aquelle mediterraneo, que não se acredita que acabe nunca, ou que tenha principio. . .

Em certas alturas (nas curvas sobretudo) estão visiveis, e bem distinctas, as camadas de solo que as cheias vão deixando, e que mostram como por ali a terra cresce.

E no entanto, por ali mesmo é que é mais formidavel a acção erosiva das aguas. Vê-se claro o conflicto tremendo: barrancas que desmoronam, arvores que foram desarraigadas, como si tudo por ali andasse em convulsões.

Um pouco antes das 5 da tarde, passamos

à vista da serra dos Parintins. Esta morre ali quasi a pique sobre o rio, e perlonga o para cima por uns tres ou quatro kilometros.

Ao anoitecer, densos enxames de insectos (como moscardos) invadem o navio, cobrindo em massas espessas os focos electricos.

* * *

Novembro, 5.

Pela manhã, começamos a ver que as costas se elevam.

Para a nossa esquerda, ha muitas cabanas. Formam ás vezes verdadeiras povoações. Chegamos a contar em algumas paragens mais de umas vinte casinhas quasi agrupadas.

Ha por ali muitas bananas, e sobretudo muitas creanças.

O rio não perde nunca o seu aspecto de mar.

O vapor procura sempre as curvas por onde fica o canal.

Vemos em certos pontos uns bandos de aves moles e lerdas, de vôo curto, e a que chamam *ciganas*. Pousam nos galhos seccos á beira do rio, e mudam-se, aos bandos, de uma para outra arvore.

Quasi ás 10 da manhã fundeamos no porto de Itacóatiara, cidade amazonense, á margem esquerda do rio.

Fica num alto, de onde se desce por escadas
E' cidade pequena; mas tomou grande incremento com a construcção da Madeira-Mamoré.
A's 11.10 sahimos de Itacoatiara.

Quanto mais nos approximamos de Manãos, mais povoadas vão sendo as costas.

Já se vêem por ali casinhas muito regulares e bem cuidadas, com o terreirozinho muito limpo, circuladas de arvoredos, algumas até pittorescas, cobertas de zinco ou de telha,

Bem se vê que não é mais uma população em completa penuria a que habita aquelles sitios, de onde nos vem uma impressão de serenidade e de abastança.

E eu me lembro tanto do Rio, onde a dois passos da cidade, em certos suburbios mais afastados, já se encontra a miseria.

As costas vão se fazendo cada vez mais altas, á medida que subimos. Naturalmente, vai sendo maior o concurso das alluviões.

* * *

Era passageiro para Manãos um moço syrio, negociante no Acre. Em conversa commigo, disse-me que «tudo aquillo» (todos aquelles sertões) está já invadido por patricios seus.

E' um phenomeno muito interessante, esse da emigração da Asia Menor para o Brazil, e o da facilidade com que se adaptam e se assimilam aqui os syrios.

E o que é certo é que a colonia em toda a parte, se torna sympathica e estimada.

O syrio fica logo amando o paiz, fazendo causa commosco, sentindo as nossas alegrias e as nossas dôres.

Explica-se de certo isso pelo animo com que se faz a emigração; todos os que vêm, quasi todos são christãos, e vêm fugindo aos dois despotismos — o do Crescentes e o dos Pachá.

Aqui encontram outro regimen e outra sociedade e nada mais simples do que preferirem o que é melhor.

Basta ver: a Turquia mussulmana está com os imperios centraes na conflagração; e no entanto, ha de ser muito raro o syrio que no Brazil, não seja pelos alliados.

Em todas as capitaes do norte vimos syrios; e no Maranhão sentimos quanto a colonia se impoz ás sympathias geraes offerecendo uma bandeira ao *Tiro Rondon*,

* * *

Cahiu a noite.

Disseram-nos que o vapor só chegaria a Manhães das 11 horas em diante; e que portanto, não nos seria permittido o desembarque hoje.

Resignamo-nos e fomos cuidando de accommodar-nos.

Já dormia eu no meu beliche, quando ali me vão chamar.

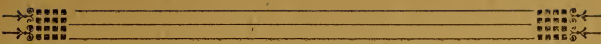
Com surpresa para mim, o vapor já estava atracado; e procuravam-me a bordo áquella hora (perto da meia noite) entre outras pessoas, o dr. Alcides Bahia, representante do Governador do Estado, e o professor Mariano de Lima.

O dr. Bahia era já meu conhecido do Rio; e Mariano de Lima, meu querido e velho amigo ha cerca de 30 annos. Com que vehemencia de alma o abracei !

Tinham vindo pedir-me que não desembarcasse sinão no dia seguinte.

E' excusado dizer que em grata vigilia passei o resto da noite.

Estava eu então com effeito em Manãos !



XI

Novembro, 6.

Muito cedo estive com o digno commandante Ranulpho Souza, a quem agradei as gentilezas que teve commigo.

A's 7 vieram a bordo os representantes do Governador e do Bispo diocesano; o dr. Alfredo da Matta, presidente da Assembléa Legislativa; o dr. Ayres de Almeida, superintendente municipal; commissões do Conselho Superior da Instrucção Publica, do Gymnasio Amazonense, da Escola Normal (corpo docente e de alumnas), da Universidade, da Intendencia Municipal, do Instituto Historico; representantes da imprensa, etc.

Feitos os meus agradecimentos, fomos para terra. pelo caes e ponte fluctuantes da *Manãos Harbour*.

Na praça Oswaldo Cruz, tomamos automoveis, e logo fomos a palacio, onde agradei ao dr. Alcantara Bacellar as honras com que me recebia.

De palacio dirigimo-nos para o hotel; e de caminho vímos o Theatro Amazonas.

Mas eu estava, confesso, atordoado; e taes visitas não valiam: seria preciso repetil-as.

Já me haviam sido reservados commodos no Grande Hotel, onde fui hospedado magnificamente.

Estava eu ancioso por ver a cidade, que, de entrada, me produzira impressão de espanto.

Felizmente, contava ali com o meu Mariano de Lima, cuja ternura não teve limites commigo.

Não demorou também que se me affeiçõessem dois homens a cujo coração devo os maiores excessos de estima e de affecto: o dr. Alfredo da Matta, e o dr. João Baptista de Faria e Souza.

Em companhia destes amigos, encetei logo as minhas visitas, e os meus trabalhos de pesquisa.

Fomos primeiro á Bibliotheca e Archivo Publicos, e ao Archivo da Municipalidade, onde tudo se me franqueou, começando-se logo a colligir, em todas essas repartições, os documentos que me eram necessarios.

Nessa faina fui poderosamente secundado pelo dr. Faria e Souza, jornalista e alto funcionario da Secretaria de Fazenda, e que o Governo do Estado encarregára especialmente de auxiliar-me.

O dr. Benjamin de Souza, director da Imprensa Publica, e o dr. José Chevalier, do Archivo, prestaram-me os melhores serviços.

Aliás, de grande numero de pessoas — intellectuaes, estudantes, jornalistas, espiritos dados á historia — recebi as maiores provas de interesse pelo completo exito da minha excursão.

Os livros, mappas, papeis, todo genero de dados que se colligiam, iam sendo remettidos para a *Galeria Artistica*, estabelecimento de Mariano de Lima, á rua Municipal, onde o meu incansavel amigo fazia embalar tudo com meticoloso cuidado.

A Bibliotheca Publica de Manãos é uma repartição de primeira ordem. Acha-se installada no pavimento terreo de um edificio magnifico e de vastas proporções para abrigar a Bibliotheca e o Archivo.

No pavimento superior funciona o Congresso Legislativo do Estado.

* * *

Em seguida, empregamos o dia todo em passeios, a ver a cidade, e a sentir o que tem ella de mais original.

Manãos é menor que Belem; mas tem as mesmas bellezas e o mesmo movimento da capital paraense.

Apenas a vida nocturna parece que não tem igual intensidade.

Quanto á belleza das construcções — sente-

se ainda melhor em Manãos, talvez porque se as apanha mais em conjuncto.

A capital do Amazonas é uma cidade moderna e de esplendor que realmente surprehende.

Podem indicar-se os edificios que ali se destacam, sem receio de os pôr em confronto com o que ha de mais notavel no Rio, em Pernambuco, em S. Paulo : o theatro Amazonas, o palacio da Justiça, o palacio Rio Negro, a Beneficente Portuguesa, o Gymnasio Amazonense, a Alfandega, o Instituto Benjamin Constant, o Mercado Publico, etc.

Entre as construcções de varia ordem que se vêm na cidade, basta citar : a ponte e o caes fluctuantes e os guindantes aereos da *Manãos Harbour* ; a ponte metalica da Cachoeirinha ; e as officinas do bombeamento de agua, a poucos kilometros da cidade, sobre o rio Negro.

As praças e ruas mais notaveis são : a praça do Commercio, a Tenreiro Aranha, a da Matriz, a dos Remedios, a de S. Sebastião, a da Saudade ; as ruas Municipal, Lobo de Almada, Marechal Deodoro ; a avenida Eduardo Ribeiro, etc.

* * *

Como se viu, visitamos, de chegada, o theatro Amazonas.

Tem frente para uma vasta praça, luxuosa-

mente calçada a *petit pavé*, e ao centro da qual se levanta o monumento commemorativo da abertura do rio Amazonas a todas as nações.

O theatro é, externamente, de um effeito artistico admiravel, tanto pela grandiosidade do edificio, como pela amplitude e elevação da paragem onde se levanta. Será talvez um pouco menor que o Theatro da Paz, de Belem; mas dá mais vista pela situação.

Como o Theatro da Paz, tem este de Manãos um esplendido salão na parte fronteira, muito bem decorado, e onde vimos quadros do pintor Paolo Forza, ali em exposição.

Do outro lado da rua para a qual faz fundo o theatro, fica o monumental palacio da Justiça, que tivemos tambem ensejo de ver.

E' o Forum de Manãos. Ali se encontram os varios cartorios perfeitamente installados; salas para officiaes, para juizes e funcionarios das diversas categorias, para advogados, etc.

No interior não é menos rico e sumptuoso que no aspectó externo.

Na sala dos advogados, ao alto do topo da mesa, está o retrato, em ponto grande, do conselheiro Ruy Barbosa. Disseram-me que ali se celebra todos os annos o anniversario do mestre,

O palacio Rio Negro, onde estive pela manhã em visita a s. ex, o sr. dr. Alcantara Baccellar, é de construcção moderna e de aspecto muito agradável.

E' pena que não tenha largo espaço em torno, ou ao menos uma praça fronteira.

* * *

No dia seguinte ao da chegada (7) continuei a ver a cidade.

O serviço de bondes é tão bom como o de Belem.

A illuminação igualmente nada deixa a desejar.

Algumas ruas e praças estão sempre cheias de viaturas. Ha ruas onde estacionam 50 ou 60 automoveis e carros de praça.

A cidade é muito limpa. O calçamento, solido e elegante.

Os hoteis são excellentes. No *Grande Hotel*, onde me hospedei, tem-se todos os confortos dos melhores do Rio: amplos aposentos, vasto e luxuoso salão de visitas, refeitório em grande ar e bem illuminado, serviço perfeito de copa, e mesa de primeira ordem.

Manãos não é tão fartamente arborisada como a capital paraense. E', em parte por isso mesmo talvez, um pouco mais quente que Belem.

As noites, porem, são sempre muito mais frescas do que no Rio.

As madrugadas e as manhãs chegam ás vezes a ser frias.

Estive em Manãos do dia 6 ao dia 14 de Novembro. Dizem-me que é inverno por ali. Pode ser então que seja devido a isso: mas devo dizer que nunca senti tanto calor em Manãos como no Rio entre Dezembro e Março.

* * *

Outra nota:

Cá no sul todo o mundo nos fala, não só do calor suffocante, como do flagelo dos insectos —mosquitos, pulgas, moscas, persevejos, baratas—todas as immundicias do mundo, como fazendo, em todo o norte, o supplicio de um pobre vivente.

Pois, pela minha parte, dou um desmentido formal a tudo isso; e affirmo que durante a minha excursão só tive de defender-me dos mosquitos. Baratas... vi uma unica a bordo de um dos vapores em que viajei. Moscas... em parte alguma me importunaram; e até, na maioria das capitaes, si alguém precisasse de uma aza de mosca para remedio, o melhor era ir logo morrendo. Nunca, em parte alguma, tive de alarmar a visinhança contra um persevejo, nem mesmo contra uma pulga.

Assim como não tive, nas minhas noites, um instante de insomnia devido a calor.

* * *

Manãos não tem muitos arrabaldes. Raras são, por isso, as linhas de bondes de certa extensão.

A vida nocturna já vimos que não tem grande intensidade. Ainda assim, até 11 horas e meia noite, os *bârs* e os cafés estão concorridos. Também os cinemas.

* * *

Novembro, 8.

A vida local, tanto em Belem como em Manãos, começa muito cedo. As repartições publicas, os tribunaes, as escolas, o mais tardar até as 9 da manhã já estão abertas.

Até essa hora, a temperatura é de paraíso, e a cidade tem uns ares de festa.

Ninguém, por isso, estranha uma visita pela manhã.

* * *

Em companhia do dr. Alfredo da Matta, do dr. Faria e Souza e do professor Mariano de Lima, fui, às 8 e meia, ao Gymnasio Amazo-

nense. Ali assistimos a diversas aulas. Estava presente o dr. Araujo Lima, director da Instrucção Publica.

Depois do importante estabelecimento, visitamos a Escola Normal, e o Curso Annexo, onde faziam exame alguns alumnos.

Em seguida, fomos ao edificio da Assembléa Legislativa. A sala das sessões é ampla e majestosa. O mobiliario do recinto é de uma pompa descommunal. Nas paredes lateraes ha uma esplendida galeria de retratos de homens notaveis na historia do Amazonas.

Já disse que o corpo legislativo funciona no pavimento superior do palacio em que estão installados a Bibliotheca Publica e o Archivo.

Dali fomos ao *Instituto Benjamin Constant*, educandario para meninas.

Foi uma das visitas que mais me commoveram.

Fomos recebidos pelo respectivo director, o notavel scientista dr. Astrolabio Passos. Ali encontramos alguns representantes da imprensa local e outras pessoas.

Percorremos as varias dependencias do estabelecimento, des do locutorio, capella, dispensa, enfermarias, sala de prendas etc., até o jardim e a horta.

Ouvimos depois varios trechos de musica executada ao piano por duas das educandas, e pela respectiva professora, irmã Tornatore.

No livro de visitas escrevi estas palavras :

«Sinto-me bastante confortado no meu sêr moral ao visitar esta sagrada casa. O dia do mundo em que estamos vivendo é tão doloroso ; e só mesmo o contraste em que com elle se põem estes prodigios do grande amor humano é que nos poderia consolar dos castigos que na hora presente caem sobre as nações da terra. Vejo, com effeito, aqui o que tem de mais excellente a celeste virtude da piedade encontrando-se com o que ha de triste no destino dos humildes. Estas creanças desvalidas, entregues aos carinhos das meigas e desveladas Irmães de Sant'Anna, projectam no meu coração uma doce claridade como de irradiação divina. Nunca vi tão intimamente associadas a grandeza moral de taes creaturas e a humildade destes pequenos entes, para os quaes dir-se-ia que se inventaram estas maravilhas da caridade christã. E', pois, com a alma em oração que deixo aqui esta expressão do meu culto pela obra que se pratica no *Instituto Benjamin Constant*; e de toda a minha admiração pelo esforço do sr. dr. Astrolabio Passos e seus companheiros de trabalho, principalmente pela ternura com que as Irmãs de Sant'Anna exercem a sua santa missão. Penso que não exaggero affirmando que, no seu genero, é este o estabelecimento mais perfeito entre os que tenho tido a fortuna de visitar no norte do paiz.»

* * *

Mais tarde fui ao palacio episcopal agradecer e retribuir os cumprimentos que se dignou d. João Jofflily mandar fazer-me pelo seu secretario, padre José Thomaz.

A's 4 da tarde fomos á Universidade de Manãos, de que é director o dr. Astrolabio Passos.

O edificio é um tanto acanhado, muito exiguas as salas. Bem se vê que é uma instituição que começa, muito modesta, sem grandes recursos, contando só com a paixão dos obreiros que a levantam.

* * *

Novembro, 9.

Dediquei a maior parte do dia principalmente á retribuição da delicadeza com que toda a imprensa de Manãos me recebera. Fomos ás redações da *Imprensa*, da *Capital*, do *Tempo*, do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta da Tarde*.

Por ahi se vê o alto valor da imprensa amazonense.

E' preciso, aliás, saber-se ainda que todos esses diarios são dignos de uma cidade culta: são de um formato regular, muito bem feitos, e

tendo vida propria. Quasi todas as salas de redacção apresentam agradavel aspecto de ordem, e algumas chegam a ser luxuosas.

Em todas as officinas, o mesmo capricho. Em duas ou tres encontramos machinas de lino-typo das mais aperfeiçoadas.

Seria bastante qualquer daquelles jornaes para fazer honra aos creditos de uma capital.

Uma nota que convem pôr em destaque: a imprensa de Manãos, como a do Pará (e como afinal a de outras grandes capitaes do norte) já está livre de uns tantos vicios de aldeia, que em terras do interior convertem não raro o jornal em flagelo: não se vêem, nas columnas de nenhum daquelles jornaes, coisa alguma que se pareça com a torpeza da verrina, mais propria do pas-quim que da gazeta.

Ha tambem em Manãos uma *Associação da Imprensa*. Como é de lamentar que taes nucleos de cohesão e de força nas varias capitaes do norte não se ponham em relações directas uns com os outros, por assim dizer — não se confederem e não se unam.

Fomos ainda á redacção do *Cá e Lá*, revista humoristica.

Numa das salas da Imprensa Official (si bem me lembro) vimos a famosa collecção numismatica do Estado. Apesar de um tanto desfalcada (segundo nos informaram) é ainda a mais

notavel do Brazil, e talvez de toda a America .
Já foi a quarta collecção do mundo.

* * *

Nota que não quero perder o ensejo de registrar aqui.

Conheci de perto, entre outros jornalistas, o decano dos *reporters* da imprensa de Manãos — o sr. Pompeu Brazil, typo muito sympathico, insinuante, sempre de sorriso discreto nos labios, parecendo contente da vida na sua fina modestia, como quem vive de alma aberta para o mundo.

Era infallivel em quasi todas as nossas excursões.

Quando fomos ás Officinas do bombeamento, depois de havermos visitado todas aquellas grandiosas installações, escrevia eu algumas palavras no livro de visitas, quando dei pela presença de alguém por trás de mim : era Pompeu Brazil, por cima das minhas costas, erecto, subtil, de olhos engrelados, a surprehender-me cada palavra que sahia da penna .

Póde imaginar-se como me sahiam aquellas pobres palavras .

Entrou Pompeu Brazil na vida da imprensa quasi desde menino ; pois, contando hoje apenas 40 annos de idade, só em Manãos tem cerca de 23 de reportagem ,

Tem servido ahi em mais de uma dezena de Jornaes.

E' hoje o chefe de *reporters* da *Imprensa*, e auxilia ainda o serviço da *Capital*.

E' de uma actividade infatigavel, e de reconhecida aptidão para o arduo officio.

* * *

Pela manhã tinha eu ido, com o dr. Alfredo da Matta, o intendente coronel Aprigio Menezes e o professor Mariano de Lima, ao Mercado Publico.

O edificio é immenso e apparatuso, sendo de metal toda a armação.

Está dividido internamente em secções: de carne, de peixes, de legumes, de fructas, etc.

Não se acredita, sinão vendo, na ordem do serviço e no asseio de todas as secções; e ainda menos na fartura, que ali se encontra, de todos os generos da terra.

Na respectiva secção, vimos carnes de vacca, de vitela, de porco, de carneiro, de tartaruga, de varias caças, e até de onça!

O que é extranho é que, no Pará (e quanto mais cá para o sul! . . .) não me quizeram acreditar quando falei em carne de onça. Tive de appellar para o testemunho das pessoas que refiro acima e em companhia das quaes fôra eu ao mercado.

Na secção de peixes, que a freguezia tinha já desfalcado muito, vimos enormes mantas de *pirarucú*, muito brancas como toucinho. São vendidas a peso.

A secção de legumes, e a de fructas sobretudo, alegam a vista, não se sabe si mais pela variedade que pela abundancia de tudo que ali se encontra.

Tem-se a impressão de que aquillo se destina a abastecer o Brazil inteiro !

E no emtanto — sempre nos explicavam — não viamos ali agora a abundancia de outros tempos. E a prova disto colhi eu proprio de um rapido relance sobre uma estatística que consegui da *The Manãos Markets*, e relativa aos annos de 1906 a 1916. Nesses 11 annos o declinio foi realmente brusco. Infelizmente não me é permittido aqui entrar em detalhes desta estatística, na qual se encontra a variedade de productos que passam por ali.

Esta *The Manãos Markets and Slaughterhouse, Lfed.* é a companhia que explora o mercado e o matadouro.

Não visitei o matadouro (ou *curro*, como ali e no Pará se diz); mas todos me asseveram que é um verdadeiro modelo.

* * *

Fomos em seguida á Delegacia Fiscal de Matto-Grosso, em visita ao chefe da repartição,

dr. Conrado Erichsen Filho, meu conterraneo e meu amigo.

Pela tarde, fizemos a nossa visita á Beneficente Portugueza.

E' uma das mais notaveis do Brazil. Chega a ser opulenta e luxuosa.

Fomos ali recebidos pela directoria; e o dr. Jorge de Moraes, director do serviço medico, dignou-se de acompanhar-nos em toda a visita aos dois pavimentos, explicando-nos tudo com proficiencia de mestre e com uma distincção que nos captivou.

O dr. Jorge de Moraes tem já, como politico, pode dizer-se, um nome nacional, pois já representou na Camara o Estado do Amazonas.

O que talvez nem todos saibam é que o dr. Moraes é uma das mais brilhantes notabilidades scientificas do norte.

* * *

A' noite assisti, em companhia do dr. Ayres de Almeida, digno Superintendente da cidade, a um espectáculo no Polytheama.

* * *

Novembro, 10.

Um dos serviços publicos mais importantes de Manãos é o de hygiene.

E' feito por uma Directoria do Serviço Sanitário, sendo director o dr. Miranda Leão.

A directoria está installada nos dois pavimentos de um bom edificio, achando-se no inferior os varios gabinetes, perfeitamente providos de modernosapparelhos de desinfeccão, laboratorios de analyse, de bacteriologia experimental, etc.

No pavimento de cima estão as salas da directoria, da secretaria, da polyclinica, da estatistica sanitaria etc.

O sr. dr. Miranda Leão e seus dignos collegas e auxiliares ali nos receberam com extremos de gentileza.

* * *

Fomos depois á Santa Casa de Misericordia, da qual é provedor o dr. Ayres de Almeida.

Não é tão rica como a Beneficente Portuguesa; mas é, ainda assim, um estabelecimento que merece especial referencia pela ordem interna e pelo esmero com que são feitos todos os serviços, e que se recommenda pela somma de beneficios incalculaveis que faz á pobreza desvalida.

Tambem visitamos o Instituto Universitario, de que é director o dr. José Chavalier. Com que alegria vimos ali aquella multidão de meninos

falando em patria, e tremulos de enthusiasmos ao ouvirem o nome do Brazil!

E era afinal a mesma exultação em todas as escolas.

* * *

Estivemos hoje na Fabrica de Cerveja Amazonense. E' um grande edificio de muitos andares, e cujo volume se destaca de muitos pontos da cidade. E' situado em larga paragem junto do rio, e perto das officinas de electricidade.

Recebidos pelos proprietarios, drs. Antonio e Carolino de Miranda Corrêa, subimos pelo elevador até o ultimo andar, de onde se tem vistas magnificas do porto e da cidade.

* * *

Fechamos o dia com algumas visitas pessoas: ao dr. Rocha dos Santos, juiz de direito da capital; ao dr. Hamilton Mourão, Secretario Geral do Estado; ao coronel Bernardo Ramos, presidente do *Instituto Historico*; e dr. Conrado Erichsen Filho em sua residencia.

* * *

Novembro, 11.

Domingo.

O illustre Governador do Estado, dr. Alcantara Bacellar, havia mandado fazer preparativos para um passeio pelo rio.

À's 7 da manhã estávamos no caes : s. ex. com seu official de gabinete e ajudante de pessoa ; e mais os drs. Alfredo da Matta, presidente da Assembléa Legislativa : dr. Antonio Crespo de Castro, engenheiro director do Serviço de Aguas ; dr. Virgilio Barbosa ; dr. Raymundo Monteiro ; professor Mariano de Lima ; Pompeu Brazil, representante da imprensa ; e eu.

À's 7 e meia embarcamos no aviso «Cidade ds Manãos». e fomos primeiro á Ponta do Ismael, onde se acham installadas as officinas do bombeamento de agua .

Percorremos todas aquellas monumentaes installações, guiados pelo dr. Crespo de Castro, que tudo nos explicava. Vimos as colossaes caldeiras movimentadas a vapor ; as salas de machinas do bombeamento, a sala dos filtros, a officina mecanica etc.

Reembarcamos em seguida, e fomos, ás 10, aportar a Paricatuba.

Era aquillo uma colonia correccional, que o dr. Bacellar agora converteu em detenção e colonia agricola.

As duas secções do estabelecimento são dirigidas pelo dr. Raymundo Pinheiro e o dr. Orfilo Tavares.

Todos os serviços são executados pelos proprios detentos. São elles, ou lavradores, ou artezãos.

Não me recordo de ter visto por ali um só homem fardado.

Todo o pessoal parece satisfeito, e numa ordem admiravel.

Quizera eu ver o Lombroso no meio daquella gente!

O regimen instituido ali é o mais liberal que se imagina, em taes condições. Vivem aquellas creaturas em perfeita liberdade, trabalhando com prazer, e muitos fazendo o seu peculio, pois ali não se trabalha de graça. Cada trabalhador tem a sua diaria, e ali permanece até cumprir a respectiva pena: pena que é, como se vê, a mais suave que um precito poderia desejar neste mundo.

Quantas daquellas almas não andarão a sentir por ali como o homem não é tão ruim quanto haviam pensado. . .

Durante mais de uma hora percorremos aquelles campos já lavrados, apreciando as varias culturas, e vendo para alem plantações mais recentes, e novas queimadas e roças.

Voltando de novo para bordo, passamos pelo porto de Manãos, tendo o prazer de apanhar em cheio todo o panorama da cidade; e fomos até a bocca do Cambixe. Enquanto isso, servia-se o almoço, numa discreta expansão de familiaridade encantadora.

O Carreiro é uma verdadeira povoação rural; e disseram-nos que é principalmente dali

que provêm os generos da terra que abastecem o mercado.

A's 5 da tarde, o bello aviso atracava no fluctuante da *Harbour*.

O dr. Alcantara Bacellar foi com todos nós de uma fidalguiã captivante.

* * *

Novembro, 12.

Pela manhã visitamos a Escola de Aprendiz Artifices, da qual é director o dr. Esmeraldo Coelho. Tambem é professor ali o infatigavel Mariano de Lima.

Vimos as varias salas de aula e officinas do estabelecimento, tendo ensejo de apreciar muitos trabalhos dos proprios alumnos.

Parece que o Govereo Federal não se tem importado muito com aquelle instituto de educação, que é, no emtanto, da maior utilidade para as classes desprotegidas.

Tambem... aquillo está tão longe daqui. . .

A Escola é bem frequentada, mesmo sem as vantagens do internato.

O predio tem proporções muito amplas; mas seria preciso fazer ali mais algumas obras de adaptação.

* * *

Uma das visitas que me foram mais gratas em Manáos, e que chegou mesmo a ser, para o meu coração de brasileiro, de emoções edificantes, foi a que fiz, em companhia do dr. Alfredo da Matta, e do professor Mariano de Lima, ao Quartel da Força Policial do Estado, em agradecimento e retribuição á que me fizera o respectivo commandante, coronel Luiz Marinho de Araujo.

Está o quartel situado á praça da Constituição, fazendo frente para o esplendido parque e jardim que ali existem.

Occupa o edificio todo um quarteirão, medindo a frontaria uns 60 metros, e tendo 30 de fundo.

Os amplos compartimentos, nos dois andares, todos em asseio irreprehensivel, e em perfeitas condições de hygiene, podem alojar 1.200 homens.

O pessoal compõe-se actualmente de 530 homens, entre officiaes e praças, distribuidos por um batalhão de Caçadores, uma companhia de Bombeiros, e um piquete de Cavallaria. Este ultimo tem quartel separado, num proprio do governo.

O armamento é o fusil Mauser-Brazileiro. Alem das armas de infantaria, possui ainda 3 canhões, 1 canhão-rewolver, e 6 metralhadoras.

O regulamento e instrucção do corpo são

os mesmos do Exercito federal, ao qual se achá incorporado como auxiliar de 1.^a linha.

Mantem-se ali uma escola regimental, criação do actual commandante, e modelada pelas congeneres das demais corporações militares, ministrando-se ensino theorico e pratico a inferiores e praças.

O actual commandante, coronel Luiz Marinho de Araujo, é official reformado do Exercito, com medalha de ouro por contar mais de 30 annos de serviço activo. E' uma figura marcial, sympathica e veneravel; e parece um coração que só vive do culto da patria.

Pelas 9 e meia paravamos nós á frente do quartel.

Sem muita confiança na minha memoria, como desta visita não pude tomar notas, soccorro-me á noticia que da mesma deu no dia seguinte um dos diarios da terra.

“Recebidos gentilmente pelo coronel Marinho de Araujo e officialidade de toda a força, foram os visitantes conduzidos á sala de recepção no pavimento superior, enquanto a banda de musica executava no sagão uma peça vibrante. Ali entretiveram-se todos em amistosa palestra, falando o excursionista da sua viagem ao norte do Brazil, não cessando de repetir que foi para elle uma verdadeira revelação — e não da Republica, como se assegura que dissera o conselheiro Affonso Penna — mas revelação do

nosso esforço de povo, da capacidade construtora da nossa raça.

Percorreram em seguida os visitantes o grande quartel: a sala de armas, as do commando geral e da secretaria, as installações das companhias do batalhão de Caçadores e do de Bombeiros, a arrecadação, o refeitório, etc.

A Escola Regimental mereceu aos visitantes os maiores encomios, pelo irreprehensível esmero, pela ordem meticulosa, e pelo cunho de severa disciplina e ao mesmo tempo de respeitoso carinho que ali se sente.

Numa das salas, por signal bem estreita para as proporções da grande tela, admiraram todos longamente um quadro de Pedro Americo, commemorativo da redempção do Amazonas. Obra que a todos deslumbrou, pois é de inestimável valor como arte e como symbolo historico aquelle esplendido conjuncto de flores, paisagens, ceus, figuras, que realmente suspendem a menos impressionável das almas. A tela tem a seguinte inscripção: LEI AUREA. VOTADA PELA ASSEMBLÉA DO AMAZONAS EM 24 DE ABRIL DE 1884. REDEMPÇÃO TOTAL DA PROVINCIA EM 10 DE JULHO DE 1884.

Reconduzidos á sala de recepção, teve ali o excursionista de ver pela primeira vez a bandeira do Amazonas, ao lado do glorioso pavilhão nacional que o Estado da Bahia offerecêra

às forças amazonenses quando foram lutar em Canudos.

Antes de se retirarem os visitantes, aproveitou o coronel Marinho o ensejo de fazer uma saudação ao historiador patricio. Disse que se sentiam felizes e penhorados, elle e toda a Força Militar, com aquella visita inesperada. Felizes porque o nome do escriptor já era desde muito ali querido e reverenciado; penhorados, pela visita que fazia áquelle quartel. «Daqui—disse s. ex.—levareis a impressão de que todos procuramos, congregados e unidos, sob as normas da disciplina e da honra, trabalhar em prol do Amazonas, desta terra tão grande quão pouco conhecida. Em meu nome e no da corporação sob meu commando, saúdo o illustre patricio.»

Sobremodo commovido, respondeu o visitante, agradecendo tão affectuoso cumprimento. Declarou que a visita que acabava de fazer era mais uma das muitas surpresas que o Amazonas lhe reservára. Amigo do soldado, e entusiasta da função militar, cuja apologia não tem necessidade de fazer porque está feita em toda a nossa historia, sentia-se satisfeito de naquelle ambiente encontrar o proficuo trabalho e actividade do honrado e digno coronel commandante e da sua distincta officialidade e demais commandados. Enalteceu a disciplina e a ordem que ali reinam: registou o bello gesto da criação da Escola Regimental; e referiu-se ao nosso Exer-

cito, junto ao qual as forças amazonenses poderiam formar com brilhantismo. E é isto o que nos consola nesta hora de amarguras para o mundo — esta confiança em que a pátria, aqui, tem a sua defesa no coração dos proprios filhos. Já sabemos que nem nós, americanos, que só queremos viver da paz e da justiça — nem nós estamos livres de marchar para a guerra de um instante para outro. E si os nossos destinos nos impuzerem esse doloroso dever, podem ficar certos os peitos que ali respiram, de que hão de ir contra o inimigo acompanhados da nação inteira. Terminou agradecendo as expansões de cordialidade com que era recebido no seio daquella patriótica e digna corporação, á qual fazia os seus cumprimentos na pessoa do illustre commandante geral coronel Mariano de Araujo.

Por uma coincidencia feliz e inesperada, via-se o historiador, quando falava, ladeado pelos dois pavilhões, o do Brazil e o do Amazonas, empunhados por officiaes. Essa coincidencia muito impressionou a todos os assistentes, que cobriram as ultimas palavras do illustre visitante com uma estrondosa salva de palmas.

Terminada a visita, foram os visitantes acompanhados até a porta por toda a officialidade da Brigada, a qual rendeu assim commovente homenagem a um digno brasileiro. »

Não quiz eu, no entanto, despedir-me

daquella casa sem deixar no livro de visitas as seguintes palavras :

«Bastaria que se visse o que vejo neste quartel, e sentir as suggestões que me vêm destas physionomias, em que transparece a grande alma da gloriosa Amazonia, para ter-se idéa do valor com que esta geração vai aqui a caminho dos grandes dias da Patria. Desejo nestas linhas consignar a alegria e o orgulho com que tive a felicidade de sentir-me, por alguns instantes que jamais esquecerei, ao lado do sr. commandante geral coronel Marinho de Araujo, e cercado de seus dignos companheiros de arma.»

* * *

A' noite, pelas 8 e meia, fui recebido no *Instituto Geographico e Historico do Amazonas*.

Celebrou-se a sessão no salão nobre da Assembléa Legislativa. Foi presidida pelo veneravel e benemerito coronel Bernardo Ramos.

Declarando os motivos da solennidade, em eloquente improviso, terminou o presidente dando a palavra ao orador official, dr. Vivaldo de Palma Lima, cujo espirito ardoroso arrebatou a assembléa. Disse-me coisas que me immobilizaram, e eu me senti tão tolhido que receei não pudesse expressar os meus agradecimentos por aquella que era das mais altas distincções que se me faziam em Manãos.

O vasto salão do corpo legislativo estava repleto do que ha de mais distincto na sociedade amazonense.

* * *

Novembro, 13.

Muito cedo, em companhia do dr. Alfredo da Matta e do professor Mariano de Lima, fui ao *Seringal Miry*, onde já se achavam os commendadores José Claudio de Mesquita e Joaquim Gonçalves de Araujo.

Como o proprio nome está indicando, o *Seringal Miry* é um pequeno campo onde se faz a cultura experimental da seringueira, e o ensaio de processos novos, racionais e economicos, para a extracção da seiva, preparo da gomma, todas as indispensaveis operações da grande industria até que o producto entre no mercado.

Vimos ali plantações de seringueira, apreciando o desenvolvimento da planta desde que nasce até o estado em que começa a ser explorada.

Duas novidades nos impressionaram: no processo de extrahir a seiva — o modo como se ha de aproveitar toda a força da arvore sem prejudical-a ou inutilizal-a, como acontece ainda hoje entre os seringueiros do sertão, obstinados na velha rotina.

A outra novidade é o meio, que encontrou

o commendador Mesquita, de reconstituir a parte da casca da arvore que os golpes da destruidora machadinha destacaram. Mas o *curativo* é de uma efficacia admiravel e absoluta, como está evidente em muitas arvcores em que se surprehende a operação ainda flagrante.

O que vimos no *Seringal Miry*, iniciativa do *Club da Seringueira* — des da barraca modelo e os novos instrumentos a empregar na extracção do latex, até o campo de experiencias — deu-nos a certeza de que, orientados assim os industriaes, e servida a industria pela intelligencia e esforço de homens como aquelles, não haverá perigo de que venha ella, pelo menos tão cedo, a perder o primeiro logar que tem nos mercados do mundo.

Este *Club da Seringueira*, que tambem visitei, ê de iniciativa do operoso e incansavel commendador José Claudio de Mesquita, uma existencia benemerita, votada ao trabalho e ao progresso do Estado do Amazonas.

O *Club* é destinado a «proteger os seringaes silvestres, a incentivar o plantio de outros, e a promover ao mesmo tempo o desenvolvimento da agricultura no Estado.

O *Club da Seringueira* foi ha pouco reconhecido pelo Governo Federal como de utilidade publica.

Estou convencido de que aquella agremiação de homens devotados, tendo á sua frente

figuras das mais representativas do commercio de Manãos, ha de prestar serviços de incalculavel relevancia e extensão a toda a industria da borracha no Amazonas.

* * *

Alem disso, ali mesmo na Amazonia, já se cogita de ir applicando aquella materia, tão preciosa e de uso tão extenso em todas as industrias.

Na capital do Pará, tive até ensejo de visitar a officina *Eureka*, de mecanica e construcção naval, do sr. Miguel Botelho da Cunha.

Vimos ali algumas peças de borracha refinada, e artefactos de applicação commum — tudo produzido emapparelhos que o proprio sr. Cunha vai inventando e construindo. Não contando com grandes capitaes, tem elle de sujeitar-se a semelhantes ensaios, á vista de cujos proveitos, no emtanto, é facil avaliar a que successos não chegaria com o seu esforço si contasse com recursos sufficientes, e sobretudo com o amparo que merece dos poderes publicos.

Tanto me interessou o que vi naquella officina que, ao partir de Belem para o Rio, tomei a incumbencia de trazer umas amostras de borracha refinada, com informações sobre a differença de preços e qualidades em relação aos similares que se importam. Levei essas amostras

ao Ministerio da Agricultura, e com ellas uma petição do sr. Botelho da Cunha requerendo isenção de impostos de entrada para os machinismos que deseja importar destinados á sua officina.

Disse-me o sr. Cunha que, si tivesse de pagar taes direitos, os machinismos lhe ficariam pelo dobro ou mais do custo.

Vi, não sei em que jornal, que o actual ministro da agricultura se está interessando um pouco por essa que é uma das nossas grandes indústrias. Si é assim, provavelmente aquelle homem trabalhador, embora lá muito longe do Rio, não terá perdido as suas esperanças e o seu tempo.

* * *

Para os dois grandes Estados do extremo norte, a industria da borracha é a fundamental de toda a respectiva economia interna, Vale como o café cá no sul.

Ha uns cinco annos o Governo Federal teve um movimento de attenção e interesse pela grande industria, entregue a todos os azares da sorte.

Mas parece que não passou aquillo de um bello gesto...

Si viesse a fazer-se no Pará e no Amazonas (e afinal em outros Estados productores)

tudo o que se estabeleceu na resolução de 5 de Janeiro de 1912, os dois Estados ficariam em condições de se fazerem rapidamente dos mais ricos da União.

Mas o decreto (como outros muitos de tanto apparato) creio que ficou até hoje sem execução.

* * *

Para fazer-se uma idéa do movimento do porto de Manãos antes da guerra, basta saber-se que em 1912 ali entraram 1,010 vapores; e em 1913, 894. Já em 1914, só entraram 627: em 1915, apenas 558. De 1916 e 1917 não temos estatísticas precisas, mas sabe-se que o declínio foi brusco.

* * *

A Associação Commercial de Manãos é uma das mais operosas do Brazil, Tem um delegado no Rio; está em relações com muitas congengeres de outros Estados; e publica, ha uns 8 annos, uma *Revista*, em que se encontram, tratadas sollicitamente, as questões e assumptos de interesse mais palpitante para a economia geral do Estado.

Além da de Manãos, contam-se ainda, no Estado do Amazonas e no territorio do Acre,

as Associações Commerciaes do Alto Juruá, de Santo Antonio do Madeira, de Senna Madureira e de Itacoatiara.

Foi por iniciativa da Associação Commercial de Manãos que se reuniu ali, em 1910, o Congresso Commercial, Industrial e Agricola, «um dos acontecimentos mais notaveis de que se orgulha o extremo norte do Brazil» — como diz muito bem o dr. Bertino Miranda no prefacio dos *Annaes* que então se publicaram.

Acaba de instalar-se em Manãos uma Camara Portugueza de Commercio e Industria, modelada pela sua congenere desta capital.

* * *

Novembro, 14.

Empreguei todo o dia quasi que só em visitas de despedida.

Não devo deixar de referir algumas, sendo primeira a que fiz ao sr. dr. Alcantara Bacellar, illustre Governador do Estado.

E' preciso frisar bem que andei na minha excursão mais vendo e ouvindo que a revolver archivovos.

O que trouxe dos archivovos e bibliothecas, por mais que me surprehendesse a abundancia da messe recolhida, não me é mais precioso do que tudo o que directamente pude apanhar vendo a terra e sentindo a gente.

Com muito geito — devo mesmo dizer — com a necessaria astucia, ouvi a todo mundo.

E não me limitei a auscultar apenas os das rodas, os mais chegados a palacio, ou os que podiam ter mais interesse em fazer-me ver e ouvir umas coisas sem ouvir e ver outras. Confesso mesmo que puz mais cuidado em ouvir de preferencia toda classe de gente que nada tem com politica, nem com coisas de governo.

Pois bem: a não ser na Bahia (onde aliás ouvi apenas suspirar de saudade pelo dr. Seabra): em Maceió (onde parece que todo mundo espera alguma coisa imprevista); e em Pernambuco (que me disseram estar sendo administrado como se administra uma usina) — em todas as capitães que visitei senti que as populações se acham num estado como de quem respira á larga ao cabo, em quasi todas, de longas impaciencias, oppressões e ás vezes terrores.

Em alguns Estados ainda se reflectem, na respectiva imprensa, umas tantas complicações de partido, mais rugas pessoaes do que propriamente luctas politicas.

Mas são poucos, mesmo muito poucos esses Estados. Nem sei si poderia citar mais algum alem do da Parayba, onde aliás ouvi elogios ao dr. Camillo de Hollanda por boccas de adversarios, como administrador honesto e ponderado. O que parece que mais irrita alguns

animos por ali é o mando imperioso do dr. Epitacio.

Chega-se a crer que si não fosse isso, tudo na Parayba iria como nos outros Estados.

Vê-se, no entanto, que ali mesmo as taes luctas politicas já se confinaram, por assim dizer, nas columnas dos jornaes...

Isto significa que por toda parte as tormentas passaram.

Na própria Manãos, tive oportunidade de ver, com os meus próprios olhos, nos muros de um predio, vestigios do ultimo tufão... E no dia 14 de Novembro, vespera do anniversario da Republica, houve quem me prevenisse de que na alvorada do grande dia tinham de começar as festas commemorativas por um combate simulado, e numa praça não distante do hotel.

Preveniram-me para que me não assustasse... Aquillo por ali era assim mesmo: quando menos a gente se apercebia, estava o batalhão na rua... e quasi sempre tambem na rua o Governo...

— Mas que batalhão?

— «Qualquer força da flotilha...»

Alludia-se á politica do Amazonas feita no Rio de Janeiro.

E levante o dedo o Estado do norte que não tenha soffrido taes lances da sua fortuna.

Só agora, portanto, é que parece que as coisas por ali entram nos eixos,

Deus que se amercêie da nossa Federação.

* * *

Ao visitar agora o Governador do Amazonas, fui reflectindo longamente nas dolorosas vicissitudes que em todos os Estados andaram enchendo os dois primeiros decennios do regimen.

Hoje, estão á frente dos negocios publicos em toda parte homens dignos da confiança geral. Hão de ter provavelmente desaffectedos e até adversarios; mas si lhes fazem opposição, essa fica dentro de normas legitimas, por isso mesmo - que não ha, pelo menos nem sempre, quem se exceda no clamor e no protesto quando não ha razão para o protesto e o clamor.

E' um facto que só agora nos Estados do norte se institue a nova ordem. Só agora é que se pode dizer que (até nos que foram mais flagelados da politicalha) a probidade, o sentimento do regimen, a moderação e a justiça vão constituindo normas para os homens de governo.

* * *

O dr. Alcantara Bacellar não será de certo um estadista notavel, nem um grande politico. De s. exc. mesmo, a discretear commigo, lhe

ouvi toda a historia, que é a mais modesta talvez que tenho ouvido. S. ex. nunca se envolveu com muita paixão em coisas de partidos. Exercia a sua profissão de medico em paragem do interior quando se lembraram de appellar para os seus sentimentos civicos e lhe confiaram o alto posto em que está servindo a sua terra.

E está vendo o povo do Amazonas que se pôde ufanar de haver sido bem inspirado na escolha.

Espirito moderado e conciliador, o dr. Alcantara Bacellar dir-se-ia que tomou a si o congregamento da familia amazonense.

Modesto e sem grandes ambições, pauta a sua conducta na administração como quem só deseja dar boas contas de si.

De probidade indiscutivel, de alto sentimento de iustica, incapaz, por indole, da mais ligeira violencia, e só fazendo questão de ser util ao Estado, s. exc. tem certeza de que seus actos hão de merecer a sancção publica.

Parece que é mesmo como me diziam em Manãos: o Amazonas entrou em phase nova.

Assim se normalizem por ali, sob a influencia deste homem, as coisas da politica.

* * *

O dr. Bacellar me recebeu em palacio com a mesma sympathia e as mesmas gentilezas de outras vezes,

Ao retirar-me, ainda s. exc. me offereceu duas photographias com dedicatorias amabilissimas.

* * *

Sahindo de palacio, fui á Superintendencia Municipal despedir-me do dr. Ayres de Almeida, e agradecer-lhe as deferencias que tivera commigo o illustre governador da cidade.

Dali, em companhia do professor Mariano de Lima. fui á casa do dr. Alfredo da Matta, cuja inexcédível bondade e carinho tanto me penhoraram durante a minha permanencia em Manãos.

Da casa do dr. Matta, fomos á do dr. João Baptista de Faria e Souza, a quem devo as maiores provas de sympathia e affecto.

Havia ali outras pessoas, que, parece de proposito, tinha o meu illustre amigo reunido.

Obsequiou-me elle da maneira mais fina e graciosa, fazendo-me até brindes delicadissimos, que eu guardarei sempre com ciúme.

Depois que vimos toda a sua bella residencia, onde encontramos todos os signaes de um apaixonado amator de artes, e de um espirito affeito a estudos principalmente de historia, offereceu-nos, com expressões de familiaridade encantadora, uma taça de champanha.

Não perderei, pois, esta oportunidade de

deixar aqui a minha gratidão a este homem, tanto pelos afagos que me fez, como pelos grandes serviços que me prestou.

* * *

Neste dia em que eu sentia já o coração meio nublado de umas saudades que elle sempre nos antecipa, ainda se me reservava uma dessas surpresas que só as almas delicadas sabem inventar para tocar-nos direito ao fundo da vida. Pela tarde, entrou-me na sala o dr. Astrolabio Passos, acompanhado de um bando de crianças uniformizadas, e trazendo cada qual um ramalhete de flores.

Eram crianças do *Instituto Benjamin Constant*, algumas tão pequeninas que foi preciso fazel-as sentar nas cadeiras. Vinham agradecer-me a visita que eu tinha feito áquelle educandario.

* * *

A noite, em companhia do dr. Alfredo da Matta e do dr. Faria e Souza, jantei com Mariano de Lima, na casa do sr. Antonio Carmina. Naquelle sereno lar de familia christã, o jantar não podia correr propriamente alegre: foi mais uma effusão de almas que se despedem, sabe Deus até quando.

No dia seguinte, 15 de Novembro, ia eu deixar Manãos.

* * *

Entre as visitas que fiz neste ultimo dia, estão mais algumas que não devem passar sem especial referencia.

O coronel Bernardo Ramos (Bernardo de Azevedo da Silva Ramos) tem já nome fóra do Amazonas. Tem estado na Europa em commissão do Governo ; já esteve no Egypto ; e tem já impressos trabalhos que o recommendam como consciencioso scientista. Entre esses trabalhos figura uma conferencia sobre o Egypto, feita no consistorio da cathedral de Manãos em 1912.

Nada disso, entretanto, diz tão bem do esforço e do valor deste homem como a coragem e perseverança com que prepara uma obra sobre archeologia e prehistoria do Amazonas. Tem elle para isso visitado todas as paragens da immensa bacia onde lhe conste que ha documentos a recolher. Acompanhado de um filho, que é photographo, mette-se dias e dias e até mezes pelo sertão, explorando e perquirindo, vendo e registrando tudo quanto lhe parece interessar ás soluções que procura.

Tive ensejo agora, ao visital-o pela segunda vez, de ouvir a leitura de grande parte do primeiro volume da obra em preparo, muito illustrada de copias de inscripções e monumentos.

E' de crer que venha elle, com este trabalho, a completar a obra de de Thoron, e instituir definitivamente, entre os nossos estudiosos, o problema das origens americanas.

Pelo menos já podemos ter a certeza de que, com a farta messe de subsidios que tem podido colligir, o operoso scientista amazonense virá augmentar a documentação que já possuímos para estudo de tão larga importancia.

* * *

Uma vez que trato de um homem de intelligencia, julgo que é opportuno dar aqui algumas notas sobre os intellectuaes de Manãos.

E' de observar que ficarei muito longe de dar uma idéa exacta do meio, pois só farei referencia áquelles que tive ensejo de conhecer pessoalmente.

Já tive occasião de dizer alguma coisa a respeito do dr. Alfredo da Matta. Provavelmente, no entanto, pelo que disse, pouco, ou mesmo nada se sabe ainda desta que é uma das grandes figuras da intellectualidade do norte.

Alfredo Augusto da Matta é doutor em medicina pela Faculdade da Bahia. E' membro da Academia Nacional de Medicina. Tem publicado perto de setenta trabalhos, entre livros, monographias, relatorios etc., quasi todos referentes a endemias ou a morbus sporadicos das

regiões amazonicas . Tem ainda grande numero de obras a publicar. Entre as publicações feitas destacam-se : *Flóra Medica Braziliense* (Plantas medicinaes da Amazonia e especialmente do Estado do Amazonas); *Ensaio de Geographia Botânica do Amazonas*; *Geographia e Topographia Medica de Manáos*; *A B C da Prophylaxia do Paludismo*; *Notas para a Climatologia e Geographia Medica da cidade de Manáos*; e outros,

Pelo que parece, só de pouco é que se resolveu o dr. Matta a metter-se na politica do Estado, sendo hoje um dos chefes mais prestigiosos do partido republicano, E' presidente da Assembléa Legislativa . A sua popularidade em Manáos (e assegurem-me que mesmo antes da sua entrada na politica) diz bem claro o que é este homem como intelligencia e como coração . E' de uma bondade singela, de uma verdadeira mansuetude paternal e de uma simpleza e modestia de sabio.

Que me perdôe elle estas minhas indiscrições...

Quando fui despedir-me do dr. Matta, quem me veio receber no jardim, e muito ancho de alegria, foi o pequeno Arnaldo, dizendo-me logo que tinha lido já o *Nossa Patria*, e abraçando-me carinhoso.

Que meiguice de creança !

E' sem duvida que a ternura daquella gran-

de alma se transfunde nas almas que vivem naquella sereno e abençoado lar,

* * *

O dr. Virgilio Barbosa, advogado, é um espirito de larga cultura, moço ainda, forte, de maneiras expansivas, todo elle respira sympathia e saude moral. E' um devotado cultor da nossa historia. A sua bibliotheca é valiosa, não menos pela qualidade que pelo numero. Tudo naquelle gabinete em muita ordem, e tratado com muito esmero. Sei que tem livros publicados; mas, como em regra são os intellectuaes do Amazonas, foi irreductivel em excusar-se de me obsequiar com algum trabalho.

* * *

Um dos mais bellos talentos da actual geração em Manãos é o dr. Alvaro Maia. Deste então nem fivensejo de approximar-me, como tanto desejava. Luctei, fiz mesmo uma tenaz campanha por alcançar que me arranjassem alguma producção deste moço. Persuadia-me de que todo o meu esforço era baldado, quando, já no dia do meu embarque, recebo um grande enveloppe com este sobrescripto. *A Rocha Pombo — envia Alvaro Maia*, Havia dentro uns retalhos de jornaes,

Num destes retalhos, vejo uma conferencia,
na qual esplende o espirito do prosador.

Em tres outras tiras vinham versos.

Abriu-se-me a alma ao ler os poemas que
Alvaro Maia me enviara.

Não direi mais nada ; diga o leitor si é ou
não um grande poeta quem sentiu estes versos :

HYMNO A' SERINGUEIRA

— —

O' germen do celeiro, ó bemdita semente,
que trazes no tecido a paixão destas zonas,
brota, deslumbra, mostra o delirio fremente
das florestas. dos céus, dos rios do Amazonas.

Ave, Ave ! Taça que encerra
verde brinde erguido ao léo,
enchendo de graça a terra,
enchendo de gloria o céu.

Quantas benções de luz não te brilham nas franças,
que harmonisam de dia o rincão que adoramos . . .
Resplende em tua fronde um fanal de esperanças,
solta hosannas á noite o oboé dos teus ramos . . .

Nas phrases que ao alto envias
pelas brandas ondas do ar
vão turbilhões de alegrias,
matando o negro pezar . . .

Rainha poderosa imperando na matia,
com tua ardente seiva o terreno enriqueces . . .
E, ás caricias do sol, e aos luars de prata,
esbanjas a bondade, entreabrindo-te em preces . . .

Tua soberba ramagem
suspira, encanta, seduz,
e espalha a essencia selvagem.
emquanto namora a luz...

E' a imagem ideal do crescer formidando,
do holocausto divino em favor do que chora...
Dão te golpes na casca e, em resposta, cantando,
dás teu leite e teu pão, que são goltas da aurora...

Surja sorrindo a alvorada,
venha tristonho o sol-pôr...
Teu sorriso é uma ballada,
teu pranto um rogo de amor...

Sacódes tua copa aos clamores do vento,
offereces ao solo o teu pollen fecundo...
Sorves pela raiz o abençoado alimento
para dar alimento aos que vivem no mundo...

Na cerne as dôres resumes.
Nas fibras um coração...
Por isso dizes queixumes
Aos ventos que vem e vão...

O' florestas, ó ceus, ó rios do Amazonas,
estacai um momento, e, em delirio fremente,
levantai orações ao porvir destas zonas,
ao galho, á folha, a flor, ao perfume, á semente...

Ave, Ave! Taça que encerra
verde brinde erguido ao léo,
enchendo de graça a terra,
enchendo de gloria o ceu.

Em outra poesia, em alexandrinos tambem,
intitulada *Na correnteza*, dá-nos o poeta, nos
dois primeiros sonetos, uma forte impressão do

rio Amazonas, e no terceiro, á guisa de desfecho, canta :

O' aureo rio d'Amor que dentro d'alma passas,
vens dos Andes da Magua e tens, como affluentes,
desesperos febris e lagrimas ferventes,
findando na caudal em preces e ameaças...

Contra teu curso ergui pesadas argamassas,
fentei desviar ousado os vagalhões frementes...
Mas trazes no conjuncto a força das verientes,
e os muros que te opponho escarvas e estilhaças.

Entanto, alço a cabeça : a luta não me cansa.
A arena é um livro aberto : estende para os lados
duas folhas mostrando as letras da esperança...

Rio, eis-me em tua face, absorto para lel-as!
Tenho para entender os periodos velados
a harmonia do luar e o clarão das estrellas...

Na ultima das tiras, vêm tres sonetos em
decasyllabos, e sob o titulo de *Gestação*. O ter-
ceiro, que é a chave do poema, é este :

A harpa eólia do prazer dedilhas,
movendo a bocca em brandos rumorejos...
Conquistaste o maior de teus desejos
e, cheios delle, brilhas e rebrilhas...

Teu vulto espalha luminosos beijos,
folhas verdes e aromas de baunilhas...
Teu labio imita o céu : tem maravilhas...
Teu rosto imita o sol : produz lampejos...

Dor nove mezes de amargura insana
ganhaste um premio — poema resumido,
resumo do Infinito em fôrma humana...

E, junto ao berço, deixas de ser triste
e abençôas o tempo já vivido,
porque amaste, soffreste e produziste...

* * *

Entre os intellectuaes de Manãos, posso citar: drs, Jorge de Moraes, Raymundo Monteiro, Paulo Eleutherio, Palma Lima, Rocha dos Santos, Araujo Lima, Astrolabio Passos, Crespo de Castro, Alcides Bahia, José Chevalier, Edgard de Castro, Benjamin de Souza, Adriano Jorge, Jonas da Silva; além de outros muitos que de momento não me acodem á memoria. De alguns destes pude obter um ou outro trabalho, de que me occuparei em occasião mais opportuna, visto nada ter agora presente.

Depois da minha volta, tive noticia de que em Manãos se creou uma *Sociedade Amazonense de Homens de Lettras*, O novo gremio de intellectuaes compõe-se, pelo que me dizem, de 30 membros.

E' o caso de se esperar que a sociedade se torne digna da grande capital.

* * *

Novembro, 15.

Desde antes de 4 da manhã, ouço pela cidade ruído de festas commemorativas do dia.

Depois do combate simulado pelas forças do Corpo Militar, percorreram algumas ruas, já em plena manhã, batalhões do mesmo corpo, e do Tiro 10, sob os applausos da população.

Como que se puzera nos ares uma nota extranhamente festiva, e um novo entusiasmo se accendêra nas almas, de fé que renasce, de vigor que se affirma,

O que pude sentir, no entanto, em Manãos (pois que deixei a cidade ás 9 horas) não é comparavel ao que a minha fortuna me proporcionou que assistisse em Belem no dia 19.

* * *

Chegou o momento de partir.

No meu canhenho estão apenas estas palavras: *Embarque ás 9 horas, no paquete Maranhão. Unico.*

Outros, provavelmente, por modestia, nada mais diriam.

Terei eu a franqueza de não fazer isso. Sinto que a minha gratidão excede sempre a uns tantos luxos de convenção entre alta gente.

Na minha humildade (que não é virtude porque está na minha natureza moral) julgo-me

livre de taes empeços. Quem sou eu para não commover-me de ternuras, e para não consolar-me de sancções que não mereço, e que por isso mesmo só me vêm como esmoladas da alma do meu semelhante?

Em um jornal que recebi de Manaos, depois da minha chegada ao Rio, o diário *A Imprensa*, de 17 de Novembro de 1917, vejo a noticia do meu embarque nestes termos;

RÔCHA POMBO --- *Ao partir para o sul, recebeu inequivocos testemunhos de apreço.* — Passageiro do paquete *Maranhão*, viajou elle ante-hontem para a capital do paiz, devendo permanecer ainda alguns dias na capital do Pará, a convite do illustre Governador daquelle Estado. O embarque do operoso publicista foi prestigiado pelo que ha de mais selecto e distincto no escol da nossa culta sociedade, vendo-se no seu bota-fôra, alem de basta massa popular, politicos, professores, militares, magistrados, commerciantes, medicos, engenheiros, advogados, em synthese, o que havemos de mais valioso e representativo. No meio daquella multidão presurosa em testemunhar ao viajante o maior apreço e consideração, o exmo. sr. dr. Alfredo da Matta saudou-o effusivamente, auspiciando-lhe todas as venturas, e fazeudo votos por sua felicidade pessoal. Depois de ouvida a musica do Batalhão Estadual, agradeceu o homenageado, muito commovido, as distincções de que era alvo, reiteran-

do os seus conceitos sobre o Amazonas e o povo deste pedaço da pátria idolatrada. Daqui disse levar immorredouras saudades ; e aproveitou-se da oportunidade para transmittir, mais uma vez, seus protestos de coração a quantos o penhoraram, notadamente os exmos. srs. Governadores do Estado e da Communa, Chefe de Policia, confrades do *Instituto Historico*, imprensa, commandante e Estado Maior da Brigada Militar, alumnas da Escola Normal e de outras instituições de ensino e respectivo pessoal docente, etc. Em seguida, a graciosa menina Leonor, dilecta filhinha do dr. Alfredo da Matta, offereceu ao viajante um formoso ramalhete de flores naturaes, gentileza que muito o sensibilizou. Os funcionarios e alumnos da Escola de Aprendizizes Artifices, de que é digno director o dr. Esmeraldo Coelho, e onde lecciona um velho amigo de Rocha Pombo, o benemerito professor Mariano de Lima, offertaram ao historiador, como recordação da sua visita ao futuroso instituto, optima cadeira propria para bordo, da qual pendiam fitas com as côres nacionaes trazendo a legenda: *A Rocha Pombo --- lembrança da Escola de Aprendizizes Artifices do Amazonas.*»

Agora, uma nota (como outras aliás) que a todos escapou: no tumulto das despedidas a bordo, senti que alguem me abraçava de lado, e me dizia ao ouvido: *E' um pedacinho da alma de Sergipe que tambem aqui está!* . . .

Era o padre José Thomaz de Aquino, sergipano, Secretario de d. João Joffily, Bispo de Manãos, e que fôra com s. ex. a bordo.

* * *

A' 10 em ponto o vapor desatracou.

Não acredito que seja para sempre que eu deixei Manãos, ponto terminal da minha excursão.

* * *

Descendo agora o Amazonas, parece que ainda mais forte impressão vou sentindo em toda a extensão d'elle.

A viagem é mais agradável nos trechos que primeiro vamos percorrendo. Passamos por ali de noite na subida : de sorte que tudo agora é que é novo para mim.

Em breve fomos entrando no Amazonas ; e pude então apreciar o curioso phenomeno de que tanto me falavam, da junção das aguas do rio Negro com as do Solimões : as daquelle, côr de café puro ; as deste, côr de café com leite.

Continuam as aguas bem distinctas até grande extensão.

Pelas 3 da tarde, pouco mais ou menos, passavamos pela foz do Madeira.

Pensa-se muito hoje por ali em desenvolver e activar a navegação do Madeira até Porto Velho, onde começa a estrada de ferro. Nos

gaiolas vai-se de Manãos a Porto Velho em 6 a 8 dias, conforme as águas. De Santo Antonio ao Abunã, pela estrada de ferro (300 e tantos kilometros) quasi sempre mais de um dia.

Si se realizar o melhoramento da navegação, o commercio daquella zona dentro de pouco tempo terá incremento assombroso.

Aproveito este ensejo de notar que o Acre está sendo hoje a Canaan para as populações do extremo norte.

Não é mais possivel que o Governo Federal perca de vista um instante aquellas regiões maravilhosas que tomaram o papel de El-Dorado na imaginação de toda gente.

Posso affirmar, de plena consciencia, que ha hoje um grande clamor contra a situação em que se encontra o territorio, e sobretudo contra as condições em que se acham os habitantes dos tres departamentos em que está elle dividido.

Aliás os reqlamos não são de hoje; e a insistencia delles está dizendo que o Governo Federal, não conhecendo nada do Acre, tem andado e continúa a andar ás cegas em tudo que respeita ao governo e administração de toda aquella zona.

De quando em quando, as populações dos tres departamentos mandam ao Rio um delegado incumbido de apresentar aos poderes federaes as queixas e os reqlamos, cujos ecos, lá dos confins do mundo amazonico, chegam por aqui sempre

vagos e desfeitos, e por isso mesmo nunca ouvidos.

Ainda ultimamente, por meados do anno findo, esteve nesta capital o coronel Manuel Absolon de Souza Moreira, como representante de proprietarios de dois departamentos, encarregado de mostrar ao Governo da Republica o grande erro que se commetteria com a centralização administrativa do territorio: medida absurda que já havia tido approvação no Senado e estava pendente do voto da Camara.

No intuito de esclarecer logo a questão e orientar o espirito do Congresso, publicou o coronel Souza Moreira na imprensa carioca alguns artigos á vista dos quaes não é mais possivel que subsista a minima duvida quanto aos males em que redundaria semelhante reforma.

«Depois de publicada — diz o illustre emissario dos acreanos — a magnifica carta geographica do dr. João Alberto Masò, desvendando completamente o Acre, já se não justifica uma reorganização administrativa incompativel com os seus interesses.

A população do Juruá, e todos os proprietarios do Tarauacá que commigo se encontraram em Belem do Pará, são inteiramente contrarios ao projecto do eminente senador dr. Francisco Sã, quanto a um governo geral, simplesmente por não existir, nem ser coisa facil dentro do territorio, um meio seguro e efficiente

de locomoção Durante o inverno, temos como unico meio de locomoção entre os departamentos dos valles Juruá e Purús, a via fluvial, percorrendo tres mil e muitas milhas, e escalando, forçadamente, por Manãos, que fica a meio do caminho.»

Entre as opiniões em que procura apoiar o seu modo de ver, cita o coronel Souza Moreira a do illustre e benemerito major Francisco Siqueira do Rego Barros, que foi prefeito do Juruá durante muito tempo e conhece perfeitamente aquellas regiões. «O Juruá e o Purús— diz o major Rego Barros em documento official —são rios que têm uma unica relação de dependencia—a da sua confluencia com o Amazonas. No mais, pela distancia que os separa, pelos mil obstaculos naturaes que entre elles medeiam, formam duas zonas inteiramente distinctas, e suas populações não mantêm entre si relações algumas de commercio ou de sociedade. O rio Acre, este identifica-se com o Purús, não só pela sua situação hydrographica de tributario, como pela communhão de interesses, formando ambos uma só região de condições sociaes e materiaes perfeitamente identicas. O Tarauacá, despejando as suas aguas no Juruá, está em iguaes condições ás do Acre em relação ao Purús. Como o Juruá, forma elle, para bem dizer, um só valle, e as relações entre os habitantes de um e outro rio são constantes. Nestas condi-

ções, ligar a situação administrativa do Purús à do Juruá será sempre um erro de graves consequências. Um e outro, separados geographicamente, devem ter governos distinctos, independentes, porque não ha em todo o Territorio um ponto onde se possa centralizar a administração, e esta não convem nem deve ser installada em nenhuma das actuaes sédes de prefeitura, pelas difficuldades que a natureza oppõe. Essas difficuldades das communicações são tão serias e tão poderosas *que è mais facil communicar-se o Cruzeiro do Sul com a Capital Federal, do que com a cidade de Senna Madureira*.

Cita ainda o delegado dos acreanos alguns topicos de um relatorio de 1915, do desembargador Vieira Ferreira, então presidente do Tribunal de Appelação do Cruzeiro do Sul. "Entre as duas metades do territorio — escreve o illustre magistrado — não ha communicções directas: é preciso passar por Manaos, que fica a meio caminho, no vertice de um angulo agudo, Entre as sédes dos tribunaes, Senna Madureira e Cruzeiro do Sul, medeiam cem leguas de mattas intransitaveis, onde se dissiparam milhares de contos na tentativa de abrir uma estrada, a que faltariam necessariamente viajantes... Si os valles do Juruá e do Purús são contiguos, nem por isso os ribeirinhos de um desses rios mantêm relações com os do outro, porque todos exportam para Manãos e Belem a borracha que fabricam,

e dessas praças importam as mercadorias de que precisam para o seu consumo. As embarcações carregam e descarregam á porta de cada seringueiro. A mesma indiferença entre vizinhos reina pelas successivas ramificações dos rios, de affluente para affluente. Os interesses, como as aguas, só confluem nas fozes, e como estão longe os principaes pontos de convergencia, Belem e Manãos, as operações da vida sem reciprocidade, parecem parallelas. *Por isso, á criação de um Estado, ou de um governo geral, comprehendendo os quatro departamentos, não se oppõem sòmente considerações demographicas, mas a potamographia e a botanica.*

Não é possivel tornar mais claros os termos da questão. A' vista do que ahi fica em ligeiras linhas, deve ter-se a certeza de que a projectada reorganização não se fará.

* * *

Não quero perder esta oportunidade de insistir em algumas linhas mais acêrca dos interesses daquellas populações, tão dignas de justiça pelo esforço com que disputam logar menos humilhante no convivio nacional.

•Durante 12 annos—observa o coronel Souza Moreira em um dos seus artigos—de Junho de 1904 a Junho de 1916, o Governo Federal arrecadou no Acre, dos seus cem mil

habitantes, sómente do imposto de exportação —rs. 132.007.542\$626; ou seja, em média annualmente rs. 11.000.628\$552, que dão para cada habitante (para cada alma) rs.... 110.006 por anno.

Compare-se este resultado com o que paga cada brasileiro de qualquer circumscripção nacional, e ver-se á facilmente a enorme disparidade.

Em quasi todos os Estados a arrecadação vai de 3\$ a 8\$ por individuo, sendo bem digno de nota que no proprio Estado de São Paulo, onde as condições de vida são incomparavelmente superiores ás do Acre, um cidadão não paga nem 25 % do que paga um acreano. Veja-se quanto se arrecada no Pará com mais de um milhão de habitantes, em Pernambuco com mais de dois, na Bahia com mais de tres, e em Minas com mais de cinco milhões», e ver-se-á que este do Acre é o caso de mais formidavel extorsão que jámais se commetteu contra irmãos da mesma patria. «No paiz população alguma concorre para os cofres publicos na medida em que fazem os acreanos ; nenhuma população tambem, e por isso mesmo talvez, tem sido menos compensada dos seus sacrificios.»

O coronel Absolon Moreira refere-se a uma carta geographica do Acre recentemente publicada pelo dr. João Alberto Masô, e levou a sua amabilidade ao extremo de offerecer-me um exemplar desse notavel trabalho. E' realmente o mappa do dr. Masô de uma importancia que se não pôde suggerir em duas linhas.

Além da parte graphica, muito nítida e fina, e comprehendendo fartas indicações acêrca de tudo quanto pôde interessar a um perfeito conhecimento daquella admiravel região, teve ainda o autor o cuidado de fazer, como supplemento, o registro de dados estatísticos do maior interesse sobre a administração do territorio.

E' um serviço relevantissimo o que o benemerito engenheiro acaba de prestar, não apenas áquellas populações, mas ao paiz em geral.

* * *

O *Maranhão* vai fazendo mais de 14 milhas: não ha como rio abaixo..,

O pessoal de bordo não é grande coisa.

O commandante Carlos Storry, porém, é homem simples e delicado, communicando-se logo com os passageiros. Fez-me elle sentir que o seu collega do *Brazil*, commandante Ranulpho Souza, me havia recommendado muito á sua sympathia.

* * *

Uma nota confortante;

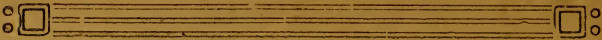
Já estávamos, no alegre convívio de bordo, despercebidos de que era 15 de Novembro, quando, á frente de uma casinha da margem direita, vimos alçada uma bandeira nacional.

E não houve quem se não commovesse de ver por ali aquelle signal do grande Brazil novo, que vai agitando a alma de toda gente !

* * *

Chegamos ao porto de Itacoatiara ás 4 1/2 da tarde, tendo feito, portanto, umas 110 milhas.

Seguimos ás 5 3/4.



XII

Novembro. 16

Tempo sempre muito bom.

Coisa curiosa: durante toda a minha viagem pelo norte, não tivemos chuva que durasse duas horas.

Principalmente no Pará e no Amazonas, ninguém faz caso de chuva.

E' que vem uma balega, e passa logo. As vezes, cinco minutos após um aguaceiro, tem-se um tempo esplendido.

* * *

Chegamos a Obidos ás 10 da manhã.

Veio a bordo, trazendo-me uns presentes, o sr. Samuel Auday, com quem viajei de Belem até ali na minha ida a Manãos. O sympathico patricio não me havia esquecido: e a prova me trazia num brinde muito delicado que me offereceu: uma pequena lata de massa de tamarindo, coberta de umas flôres de assucar de feitura admiravel—trabalho tão fino que custa acreditar fose feito por dedos humanos.

Obidos é celebre em preparados deste genero.

O sr. Auday me trouxe ainda umas resinas perfumosas.

Tambem recebi a bordo a visita do dr. Paul le Cointe, com quem pude conversar, infelizmente apenas por alguns minutos, pois o vapor não demora quasi nada nas escalas do Amazonas.

Seguimos ás 10 1/2.

Ha entre Itacoatiara e Obidos de 240 a 250 milhas; e entre Obidos e Santarem, apenas umas 60.

Chegamos a Santarem ás 3 da tarde.

Era o primeira vez que eu via a cidade, pois na subida tinhamos estado ali de noite.

E' apenas um pouco maior que as precedentes.

Fica tambem sobre o rio em amphitheatro.

Apreçiei ali uma curiosidade semelhante á que se nota na confluencia do rio Negro com o Solimões. Aqui, porém, a còr das aguas do Tapajós é differente: ellas põem no café com leite do Amazonas umas largas manchas verde-mar.

Sahimos de Santarem ás 4.

Temos agora de fazer perto de 300 milhas até Belem.

No dia 17, pelas 8 da manhã, passamos por Gurupá, que não é escala.

Dentro de algumas horas entravamos no estreito de Breves.

* * *

Novembro, 18.

A's 7 1/2 da manhã estávamos em Belem. Fui hospedar-me outra vez no Hotel da Paz. Ia passar mais 8 dias no Pará.

Cuidei de aproveitar os meus minutos.

Como hoje é domingo, visito alguns amigos, e passeio muito de bonde.

Preparam-se em toda a cidade grandes festas para amanhã.

* * *

Novembro, 19.

A cidade amanhece engalanada.

A população agita-se como em alacridade de paschoa,

Miniaturas da bandeira nacional em profusão por toda parte.

Bondes, carros, automoveis trazem á frente desfraldado o pendão querido.

Meninas trajando verde e amarello ; populares trazendo ao peito a insignia sagrada ; em muitas sacadas, a desdobrarem-se bem do alto,

as côres symbolicas; nas ruas, um movimento excepcional, e um ar de ufania em todos os semblantes; soldados em gala que marcham a reunir; bandas militares que põem naquelle vasto bulicio um tom de alegria e de enthusiasmo; tudo isso annuncia que a cidade vai celebrar uma grande cerimonia da sua vida.

Aquelle mundo todo vai confluindo para a praça de Nazareth.

Não ha alma que resista áquelles turbilhões.

Não demorou que a praça régorgitasse.

A's 9 horas, organizado o prestito ali, começou a mover-se, em direcção ao centro da cidade.

Para bem apreciar aquelle espectaculo, fui postar-me, sosinho, fóra da corrente, no largo da Memoria.

Ali estive, mais de uma hora, a vibrar em silencio.

Todo aquelle mundo passa cantando, erguendo vivas, acenando com as bandeiras, repetindo acclamações como em vasto delirio. enquanto bandas de musica, de distancia em distancia, estimulam, fazem mais intenso aquelle incendio de almas.

O que mais me commovia era ver creancinhas das escolas entoando os seus hymnos; meninos de collegios, operarios, soldados, estu-

dantes, cantando canções patrióticas, como incendiados de uma chamma estranha.

O immenso cortejo desfilou de Nazareth até o antigo largo da Polvora.

Ali, a massa enorme encheu litteralmente todos os recantos.

Em torno da estatua colossal da Liberdade, no centro do parque, celebrou-se a cerimonia do alçamento da bandeira; acto que o proprio dr. Lauro Sodré levou a effeito, com a natural commoção de lance tão edificante.

Quando o estandarte appareceu no alto do monumento, fremiu longamente aquelle oceano de almas numa vehemencia e exaltação indescriptiveis.

Durante o dia, em todos os quarteis, nas sédes de associações, nas escolas, nas repartições publicas, realisaram-se solemnidades identicas.

O dr. Lauro Sodré não teve durante todo o dia um instante de socego: assistiu a todas as festas, provocando em toda parte a sua presença as mais vivas manifestações de respeito e enthusiasmo.

* * *

A's 4 da tarde, em companhia de Monteiro de Paiva e outros jornalistas, fui ao Club do Remo, onde se ia effectuar o acto do juramento

da bandeira por uma turma de voluntarios navaes.

Todas as archibancadas e a amplissima arena do club estavam repletas.

A encenação era maravilhosa. de uma pompa verdadeiramente cultual: o espectáculo ia ser olympico.

Momentos antes de iniciar-se a cerimonia, cahiu uma chuva quasi torrencial.

Mas nem por isso se moveram aquellas multidões.

Logo que chegou o Governador do Estado e tomou logar na tribuna que se lhe reservára, sentiu-se o apparato precursor da solennidade.

Não se pôde imaginar scenas mais tocantes. A cada fila de moços que se approximavam do pavilhão desfraldado, fazendo-lhe o protesto de honra e a continencia — todo aquelle immenso e arquejante peito de povo prorompia em applausos.

Houve um momento em que uma legião de meninas invadiu a arena levando flôres áquella briosa mocidade, e sob salvas de palmas que estrondavam em todo o campo.

Ouviram-se alguns discursos, e a todo instante freneticos vivas e acclamações.

O dispersar daquella assistencia foi um como escoar de alluviões na avenida Tito Franco, e logo na «estrada» da Independencia e de

Nazareth, tomando por alguns minutos a larga arteria que leva ao centro da cidade.

A's 6 horas da tarde assisti ainda ao arriar da bandeira no largo da Polvora. Antes que descesse do alto da estatua o pavilhão, orou o dr. Severino Silva, produzindo uma brilhante allocução, que foi entrecortada de palmas e acclamações,

* * *

Novembro, 20.

Em companhia do dr. Lauro Sodré, pude hoje apreciar algumas paragens circumvizinhas de um longo trecho da estrada de ferro de Bragança.

Em trem especial, partimos ás 7 1/2 da manhã, e chegamos por cêrca das 11 ao antigo Aprendizado Agrícola.

Não ha por ali muita coisa que ver, a não serem plantações, algumas villas e povoados.

As paisagens não são destituidas de belleza; comquanto a vegetação não apresente indícios de opulencia descommunal. Parece antes, em muitos pontos, uma terra já lavrada e meio exausta.

E no emtanto, dizem-nos que é uma zona riquissima.

Inicia-se agora por ali a cultura do algo-

dão, Por emquanto, as maiores roças que vi são de mandioca.

Nos terreiros de muitas casas, chamou-me attenção quantidade de mandioca picada, exposta ao sol. Informaram-me que é assim que se está exportando o producto para o exterior.

Não ha industria mais facil. O lavrador não fabrica mais farinha.

Parece que o dr. Lauro Sodré pretende aproveitar o que já existe no extincto Aprendizado para fundação de uma colonia agricola.

Depois do almoço, retomamos o trem, e fomos chegar á cidade ao anoitecer.

A's 9 da noite, fui ao theatro da Paz, onde assisti a um concerto em honra ao maestro Paulino Chaves.

Ouvimos excellente musica, executada ao piano por senhoritas, alumnas do notavel artista paraense, e tambem pelo proprio maestro.

* * *

Novembro, 21.

Uma das visitas que fiz hoje foi a do mercado publico, ou melhor — dos mercados, pois que são dois. O maior terá a amplitude do de Manãos. Não me pareceu, no emtanto, na mesma ordem e tão bem provido como o daquella capital.

Notei que nos mercados de Belém ha mais variedade de coisas curiosas da terra, de artefactos de ceramica, de artigos de conserva ou preparados, e menos fructas e legumes, e outros de consumo immediato.

Explicam-me então que a hora da visita é que me prejudicara a impressão. Era preciso ir ali mais cedo.

Extranharam-me muito a referencia que fiz de ter visto no mercado de Manãos até carne de onça... por signal que muito escura e feia.

Todos mostraram-se incredulos, e até entreolhando-se como desconfiados de alguma peta. Pedi então por carta ao dr. Alfredo da Matta, ao coronel Aprigio Menezes e ao professor Mariano de Lima, em companhia dos quaes estive no mercado de Manãos, que me não deixassem passar por patranheiro.

* * *

A' noite, fui recebido de novo no *Instituto Historico*, já na qualidade de socio honorario, tendo essa honra em companhia do coronel Rondon e do dr. Oliveira Lima. Somos os tres brasileiros a quem primeiro conferiu o *Instituto* o titulo de socios daquella categoria.

Realizou-se a sessão na grande sala do edificio em que funciona a *Associação da Imprensa*, e foi igualmente presidida pelo dr Lauro Sodré.

Estiveram presentes, além de grande numero de membros do *Instituto*, muitos jornalistas.

* * *

Novembro, 22.

Durante o dia fiz muitas visitas pessoases, recordando-me destas: ao dr. Ignacio Moura, ao dr. Luiz Estevão, ao dr. Eladio Lima, ao dr. Americo Campos, ao dr. Santa Rosa, ao major Alberto Mesquita, ao dr. Pereira de Barros, ao dr. Luiz Barreiros, ao dr. Augusto Meira, ao dr. Octaviano Pinto.

A's 8 da noite fui jantar com o dr. Lauro Sodré, na suãve intimidade daquella digna familia e de alguns amigos que s. ex. tinha reunido.

Ali recebi, das mãos do proprio dr. Lauro, um brinde que me fazia o dr. Antonio Marçal, em nome do *Instituto Lauro Sodré*. E' um grande volume que se publicou em 1900, commemorativo do centenario da descoberta, luxuosamente encadernado na officina do estabelecimento, e mettido num rico estojo tambem ali preparado.

* * *

Novembro, 23.

Em companhia do jornalista Monteiro de Paiva, visitei ainda muitos pontos da cidade, fabricas, officinas, repartições, etc.

Uma das fabricas mais importantes do Pará é a cordoaria *Perseverança*, dos srs. Martins, Jorge & Cia.

Vimos toda a variedade de artigos que ali se fabricam—aniagens, cabos, barbantes, fios de vela, etc. Deu-me a casa umas amostras dos varios productos, pelas quaes podem avaliar-se não só as proporções da fabrica, mas ainda a excellencia das grossarias.

Toda a materia prima ali empregada é colhida no proprio Estado. Disse-me um dos proprietarios que é raro o vegetal da flóra amazonica, cuja fibra se não aproveite.

Quando, ao subir o Amazonas, via eu por toda parte, nas margens, bem junto da agua, extensos aningaes, perguntava sempre a algum companheiro de viagem si aquella planta não era util; e sempre me disseram que a aninga não tem serventia alguma, a não ser como combustivel — e mesmo para isso nada vale porque a planta é quasi simples arbusto.

Pois bem : dizem-me agora na fabrica *Perseverança* que da aninga não se perde coisa alguma.

Esta empreza, pelo que nos informam, vai em franca prosperidade.

Entre outras fabricas mais notaveis de Belém, destaca-se a *Fabrica de Aguas Gazo-
zas, Mineraes e Refrigerantes*, dos srs. Oliveira
Simões & C., á rua Treze de Maio, 22.

Além de outros preparados, é exclusivo
desta empreza o delicioso *guaraná effervescen-
te*. Chamam-n'o por lá, e com razão — *cham-
panha paraense*.

Tem já o mais largo consumo em todo o
Estado, e está destinada a tornar-se a bebida
genuinamente nacional; pois, além de immune
de alcool, e de excellente paladar, é de grande
proveito como refrigerante e pelas suas proprie-
dades tonicas e antidyspepticas,

O producto é preparado com muito capri-
cho, e o proprio engarrafamento já é uma con-
dição que muito o recommenda.

Já figurou em varias exposições Internacio-
naes, notadamente na Exposição de Industria e
de Trabalho de 1911 em Turim, tendo sido então
premiado com medalha de ouro.

Em quasi todos os Estados do Norte está
sendo o *guaraná* introduzido. A bordo dos va-
pores do Lloyd, pelo menos dos que vêm do
Pará para o sul, já se encontra o saboroso
vinho.

No Rio, que eu saiba, ainda não é conhe-
cido. Si existe em alguma casa, é de pou-
co, e por emquanto não entrou no consumo
geral.

Acredito que isso seria de grande utilidade, não só porque a bebida é um reconstituinte de primeira ordem (na opinião de profissionaes competentes) e um poderoso renovador de força vital, como ainda porque viria a ser um derivativo de bebidas alcoolicas.

Parece que é uma idéa esta que se não deve perder : a de multiplicar em todo o paiz as fabricas de *guaraná effervescente*.

Mas é bem claro : fabricas como esta do Pará.

Faça-se isso, e torne-se o producto bem barato, accessivel a todas as classes — e que immensos proveitos dahi não se aufeririam !

* * *

Novembro, 24.

Continuei a fazer as minhas visitas .

Estive, ainda uma vez, no palacete do illustre dr. Palma Muniz. Não era só visita de despedida : era tambem dever de gratidão por todas as amabilidades e grandes obsequios e serviços inestimaveis que eu ficava devendo ao notavel engenheiro.

* * *

Retribuindo visita que me fizera o dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, fui á Repartição dos

Correios, tendo impressão muito agradável. Sentese que é uma casa remodelada, em cujas dependencias e serviços está evidente o cunho do esforço consciencioso de um funcionario modelo .

* * *

Procurei visitar a séde de uma das mais antigas e mais uteis instituições de Belem — a *Imperial Sociedade Beneficente Artistica Parãense*.

E', talvez em todo o Brazil, o mais bello e cabal exemplo de quanto podem o espirito de união e o sentimento de fraternidade de uma classe.

Esta, que já se pôde chamar gloriosa instituição existe ha cincoenta annos, tendo celebrado o seu jubileu no dia 26 de Junho do anno findo.

No art. 1.^o dos Estatutos declara-se que a sociedade é fundada SOB A PROTECÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO : o que me pareceu um signal edificante daquellas almas.

Em regra, os *desherdados* afundam na irreligião e no atheismo . . . como si alguma potestade maligna nunca se contentasse de infligir-lhes uma só tristeza.

Os do Pará ha meio seculo que seguem caminho differente.

Por lá não chegou ainda o tufão dos tempos.

Os fins da associação expõem-se em poucas palavras : soccorrer os associados quando não puderem prover á propria subsistencia ; *assegurar ás respectivas familias os direitos dos socios fallecidos* ; promover o bem-estar dos associados particularmente, e em geral, o das classes artisticas e operarias ; commemorar annualmente a fundação do gremio, bem como, a 8 de Dezembro, o dia da sua Padroeira.

Quanto ao historico desta benemerita instituição, posso dar o seguinte, extractado de uma noticia que vejo na publicação commemorativa que se fez no dia 26 de Junho de 1917 :

Presume-se que foi entre os mezes de Novembro e Dezembro de 1866 que se reuniram (na casa de residencia de Raymundo Carneiro de Lima Tupiassú, maranhense, alfaiate, sita á estrada de S. Jeronymo, junto ao antigo Paul d'Agua) os artistas que tinham resolvido crear a sociedade, e que foram os srs. : Guilherme Possidonio Borges, fluminense, serralheiro ; Simeão Estellita dos Reis Guimarães, pernambucano, alfaiate ; Luiz Thomaz Espindola, paraense, musico ; João Florencio de Mello, paraense, alfaiate ; Francisco de Paula Ribeiro, paraense, ourives ; Innocencio José Mendes, paraense, sapateiro ; Laurindo Augusto das Neves, maranhense, alfaiate ; João Onofre Damasceno, pa-

raense, santeiro ; e o dono da casa Raymundo Tupiassú. Logo na seguinte reunião constituiu-se uma directoria provisoria. Formularam-se depois os estatutos ; e a 26 de Junho de 1867 foi a *Artística Paraense* solennemente installada, sendo seu primeiro presidente o alfaiate Simeão Estellita dos Reis Guimarães ; e actualmente, o sr. Francisco Maurity de Araujo,

Em 1879, promoveu a sociedade, e levou a effeito no Pará, uma exposição artistica e industrial, inaugurada no dia 2 de Dezembro, em salões do proprio palacio do governo, cedidos pelo barão de Marajó, então presidente da provincia.

Tem prestado, até fóra do Pará, os maiores serviços em transes amargos para a nação ; como, por exemplo, em 1877, aos flagelados da secca que assolou as provincias do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Parayba.

Em 1879 (carta de 28 de Maio) foi galar-dada pelo Governo do Imperador com o título de *Imperial*, que até hoje conserva.

Esta instituição faz grande honra ao povo paraense em geral , e não é sinão muito intencionalmente que me extendo nesta nota, como quem deseja registrar um exemplo que pôde servir de incentivo em outros meios.

A *Imperial Sociedade Beneficente Artística Paraense* fez-me a honra de eleger-me seu socio correspondente aqui, no Rio, e encarregou

uma comissão de trazer-me o competente diploma.

E como prova do espirito dominante no seio da digna, benemerita e nunca assás louvada associação, devo ainda mencionar o seguinte : a comissão, que me entregou o titulo de que me orgulho, incumbiu-me de indicar-lhe pessoas que possam ser seus membros correspondentes nos Estados do sul.

* * *

Uma experiencia que se está fazendo no Pará, e que bem merece a attenção dos poderes publicos (ao menos para que não a embaracem . . .) é a de que na minha volta de Manãos tive noticia positiva, que me veio confirmar o que eu tinha já por vezes ouvido durante a minha primeira estada na grande capital.

Um dia, á mesa do hotel, apresentaram-me uns pães, dizendo-me que eram pães de mandioca. Explicaram-me, porem, que eram já da vespera, e que por isso talvez os achasse um pouco duros. Estavam duros, com effeito; mas de sabor que muito se approximava ao de pão de trigo.

Agora, antes da minha partida de Belem, recebo uma carta, acompanhada de alguns exemplares de um impresso.

Como novidade, que não pôde deixar de offerecer interesse, vou transcrever aqui alguma coisa desse !mpresso.

No alto do papel está a marca da empresa: PARA' INDUSTRIAL — *Fabrica de farinha de mandioca similar do trigo. Instrucções especiaes para a preparação do pão mixto.* PANIFICAÇÃO : 50 % de trigo e 50 % de mandioca. O fermento deve ser de trigo na proporção de 350 grammas por kilo de farinha mixta.

Faz ainda umas recommendações especiaes, e declara: «Observadas estas instrucções e outras que a pratica introduzir, garantimos um pão excellente ao paladar e agradável pelo seu aspecto.»

«A nossa farinha de mandioca — accrescenta — é a unica que se presta á fabricação do pão mixto ; e, dentro de pouco tempo, exporemos á venda *um typo de farinha com a qual se fará o pão integral de mandioca.* A nossa farinha de mandioca pôde já ser empregada integralmente na fabricação de bolachas e biscoutos, com o fermento de trigo na mesma proporção de 350 grammas para cada kilo».

Na carta que me escreveu, dizia o industrial, sr. Adelziro da Rocha Lima, que ha cinco annos trabalha pelo resultado que só agora alcançou ; que tudo tem feito á custa de esforço, perseverança e sacrificios ; que a fabrica não produz mais de 500 kilos diários, e que seria preciso amplial-a até produzir 500.000 ; que o custo da farinha de mandioca é de metade do custo da de trigo, e ainda pôde fazer-se muito

menor; e que, reduzidas as proporções da fabrica como ainda estão, não tem elle mãos a medir para attender as encomendas, pois nem a terça parte dos pedidos pôde attender.

Uma informação interessante: o sr. Rocha Lima se compromette a montar em qualquer ponto do Brazil uma grande usina com capacidade de producção de 5.000 kilos diarios, e isto dentro de dois mezes.

Agora uma nota curiosa: a farinha, cuja preparação é descoberta do sr. Lima, é já conhecida no Pará pelo nome de *farinha tres bb* (*boa, barata e brasileira*).

Num *memorandum*, que tambem veio com a carta, diz-me o intelligente e activo industrial que tinha mandado preparar algumas bolachas para offerecer-me. Não recebi essas bolachas; mas recebi uma amostra da farinha, E' tão fina como a de trigo, e tem aspecto bem semelhante.

Pois não estará aqui, porventura, um producto novo que deve entrar já e já em nossa economia nacional?

Em pagina anterior fiz referencia ao modo como se está exportando, parece que principalmente para a Inglaterra, a mandioca em bruto, apenas descorticada e sêcca.

Não se estará fazendo da nossa mandioca, no estrangeiro, antes que o façamos aqui, um similar do trigo?

* * *

A' noite, fiz á *Associação da Imprensa* as minhas despedidas.

Ali estive, durante mais de uma hora, que rapido se escoou, em delicioso convívio com aquelles espiritos, acarinhado por tantos corações tão abertos a tudo quanto é emoção patriótica.

Antes de retirar-me, offereceram-me um exemplar dos estatutos da associação, tendo numa folha estas palavras escriptas pelo dr. Arthur Barreiros: *Ao patricio Rocha Pombo — homenagem da Associação da Imprensa do Pará, rememorando a sua visita á séde social, Belém do Pará, 24 de Novembro 917*. E com o dr. Barreiros, assignaram aquella pagina Manuel Lobão, C. Rocha, Clovis Barata, J. J. Monteiro de Paiva, José Santos, Arnaldo Valente Lobo e Alexandre Trindade.

E aquella grande alma de José Santos não me deixou sahir sem condecorar-me: com suas proprias mãos prendeu-me á botoeira do fraque uma insignia com a miniatura da nossa bandeira nacional.

Tive assim mais um motivo para sentir-me edificado e ufano ao deixar aquellas portas.

* * *

Quando, na ida, passei pela Bahia, o meu amigo dr. José Mauricio, ao despedir-me en-

commendou-me um pouco do famoso tabaco do Pará, em mólho.

Assim que cheguei agora a Belem, de volta de Manãos, cuidei de procurar o tal fumo. Disse-me, porém, o dr. Palma Muniz que me não affligisse porque a encommenda já estava sendo preparada.

Com effeito, quando no dia do embarque cheguei a bordo, lá estava no meu camarote um grosso pau de fumo, de quasi dois metros de comprido, e bem enrolado em aniagem, tendo em papel collado ao rolo: *Ao sr. Rocha Pombo — Rio de Janeiro: offerecem Martins da Silva & C., do Pará.*

Disse-me o dr. José Mauricio que o fumante, que prova daquillo, não procura mais havanos...

* * *

Novembro, 25.

Pela manhã, fui apresentar ao sr. dr, Lauro Sodré as minhas despedidas e agradecimentos.

Desta grande figura, não me animo a dizer coisa alguma, Teria de dizer o que toda a nação já sabe.

Só poderia dar testemunho do que senti no Pará: elle é o idolo dos paraenses.

* * *

Em seguida, com Monteiro de Paiva, visitei a imprensa.

* * *

A' noite, em companhia do dr. Theodoro Braga, de sua esposa d. Maria, e de Monteiro de Paiva, jantei na *Rotisserie Suisse*.

E' este um estabelecimento luxuoso e magnifico.

O vasto edificio comprehende, além do hotel, o esplendido salão restaurante, o *bar* e a sala de espectaculos.

O salão restaurante é um primor de architectura. O *plafond* é uma verdadeira maravilha de entalho, e nelle só se empregaram madeiras do Pará.

A sala de espectaculos (*Eden-Theatro*) é de uma sumptuosidade extranha em casas deste genero.

A tudo isso corresponde o *bar*, na sua amplitude e apparato,

O nosso jantar foi uma delicia. Teve mesmo ares de uma festa encantadora. D. Maria Braga é uma senhora meiga e espiritual. Foi ella quem fez o *menu*, e com requintes de finura que são segredo só de certas almas femininas.

O dr. Theodoro Braga é um dos typos mais distinctos da alta sociedade belemita.

E' bacharel e é pintor: e não sei dizer si nelle o homem de sciencia sobreleva o artista.

E' um grande sabedor das coisas do Pará.

Tem prompta uma obra sobre a historia e a geographia do Estado. Essa obra, que tive ensejo de examinar, é dividida em duas partes — a parte graphica e a litteraria.

O atlas compõe-se de mappas da America, do Brazil e do Pará, e de cartas de cada um dos municipios do Estado.

Vê-se logo que é trabalho de uma feitura nova, muito nitido o desenho, e perfeito o acabamentoo.

O texto dá o historico de cada municipio, e uma noticia completa de todos, sob os varios pontos de vista da natureza, dos elementos economicos. das condições em que se encontram as varias industrias e o commercio, etc.

E' pena que não esteja ainda impressa tão importante obra, para que ficasse ao alcance de todos. E com isso é bem possivel que nos demais Estados da União tivesse imitadores.

Como artista, o dr. Theodoro Braga póde gabar-se de possuir um legitimo talento.

Vi no seu *atelier* uma profusão de telas — retratos, estudos, paisagens. allegorias, etc. Entre as composições, figura uma em que se destaca o padre Vieira amparando a raça americana. E' um quadro de grandes proporções e de incontestavel valor. Deve ter figurado com os demais na ultima exposição de Belem.

Monteiro de Paiva é um dos mais distinctos jornalistas do Pará.

E' a alma da Associação da Imprensa.

Nunca vi, como o deste homem, enthusiasmo pelas coisas da terra, nem coração mais affectivo.

E' com estes commensaes, numa suave intimidade e numa singela expansão de ternuras, que me despeço daquella tão grata atmosphaera illuminada de Belem.

* * *

Despedi-me tambem : do dr. Jeronymo Furtado de Mendonça e do conego Raymundo Ulysses de Pennafort.

O dr. Furtado de Mendonça é um velho amigo de mais de vinte annos. E' um dos engenheiros mais distinctos que tenho conhecido ; e alem disso, grande alma, de uma affectividade que parece crescer com o tempo.

Tive immenso prazer ao revel-o ao cabo de tão longa ausencia.

O conego Pennafort é um dos mais notaveis vultos da itellectualidade do norte, Tem-se dedicado largamente ao estudo das linguas indigenas, e do problema da nossa prehistoria, havendo já publicado varias obras muito estimadas.

Tinha eu já com elle relações directas de

correspondencia ; e alguns dias depois de minha chegada a Belem, tive a fortuna de abraçal-o.

* * *

Novembro, 26.

E' o dia da partida.

Tenho mesmo então de deixar a gloriosa Belem, e todo aquelle mundo phantastico da estupenda Amazonia !

* * *

A's 9 da manhã, em companhia de alguns amigos, vou para bordo do *Pará*.

Não sei dizer o que senti naquelle caes, onde se repetia a scena inolvidavel de Manãos.

Não era permittido sinão a passageiros o ingresso no vapor ; e portanto, ali ficamos todos fóra, até a chegada do sr. dr. Lauro Sodré.

S. ex. não demorou. Esteve primeiro um instante a bordo, e logo desceu.

Fizeram-se então os ultimos adeuses.

No momento de despedir-me do dr. Antonio Chermont, correspondente do *Jornal do Commercio*, ainda me inquiriu o illustre paraense :

— «Diga-me a ultima palavra, a impressão dominante com que sai desta terra» ,

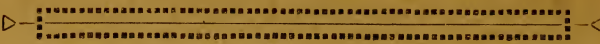
— De alma nova, meu caro, de coração mais forte ! — disse-lhe eu.

Monteiro de Paiva não socegou antes de accommodar-me a bordo.

José Santos ali esteve tambem, recommendo-me ao commandante e ao commissario. Antes de mover-se o paquete, sahira elle ás pressas, a visitar um outro vapor que acabava de atracar, e quando o *Parà* passava por esse navio, lá estava elle, no alto da amurada a gritar-me :

— *Boa viagem !*

E fomos deixando Belem,



XIII

Novembro, 27.

Bordo.

Felizmente, era este o paquete do Lloyd em que melhor me alojava, num excellente camarote, onde fiquei só, e onde pude, portanto, acommodar, além da mala de roupas, uma porção de miudezas, que naturalmente não seriam agradaveis a qualquer companheiro.

Como a viagem agora vai ser longa (uns 14 dias até o Rio) estou muito satisfeito.

O commissario, sr. Chrispim de Souza, foi commigo, durante toda a vigem, muito carinhoso, e de uma fidalguia que muito me penhorou.

Todo o pessoal de serviço modela-se pelo seu chefe: é o melhor que se pôde desejar.

Entre os passageiros, que tinham vindo de Manãos e que seguiam, estava o dr. Rocha dos Santos, bello espirito e cavalheiro distinctissimo.

Muitos outros conhecidos tinha eu a bordo, para menos fatigante fazer-me o trabalho de viajar.

Um dos nossos companheiros era um senhor já de certa idade, em todo caso parecendo menos velho do que eu, e que se destinava ao Maranhão.

Mostrava ser homem instruído.

Deu-me o nome, do qual, no entanto, a minha incorrigível memória só pode reter uma parte: La Rocque. Era de origem franceza, ou mesmo francez de nascimento, mas tendo vivido desde creança, ou muito moço no Brazil.

Este senhor me offereceu um impresso em que se descrevem plantas e fructas oleoginosas da flora do norte. Infelizmente perdi o impresso; mas conservo reminiscência de alguma coisa que me disse o sr. La Rocque acêrca do côco de uma palmeira chamada *babassú*. Este côco dá um azeite, proprio até para uso de mesa. E' nativo em todos os Estados do norte, mas abunda principalmente no Piauhy. Comquanto seja util á alimentação, é este azeite mais empregado como lubrificante, e sobretudo como combustivel.

Parece que foi o proprio sr. La Rocque quem me informou que todas as fabricas de tecidos do Maranhão empregam como combustivel o oleo de *babassú*.

Recordo-me de que o dr. Alfredo da Matta, o illustre scientista de Manãos, já escreveu alguma coisa, artigo de jornal, ou monographia

avulsa, sobre a palmeira *uauassú* (*Orbignia speciosa* Barb. Rodr.)

Como sinto não ter á mão o impresso que me deu o sr. La Rocque.

* * *

Pelas 3 da tarde, estávamos á vista da barra de S. Luiz.

Tínhamos feito, portanto, cerca de 340 milhas, do Pará ao Maranhão.

Fundeamos ás 4.

Fui á terra. Esperavam-me no caes o dr. Ribeiro do Amaral, o tenente Adalberto Bessa da Cunha, ajudante de ordens do Governador, o dr. Justo Jansen Ferreira, e Rubem Almeida e outros estudantes.

Com o ajudante de ordens e o dr. Amaral, fui cumprimentar o coronel Antonio Bricio de Araujo, a quem o dr. Herculano Parga havia passado a administração.

Fomos em seguida á casa do dr. Parga.

Visitei tambem a respeitavel familia do dr. Amaral.

Já de noite, com o dr. Parga, dr. Amaral, Fran Paxeco e o tenente Bessa, fomos ao *Bar Carioca*, onde jantamos.

Depois do jantar, fomos até o caes, onde nos despedimos, tendo-me acompanhado até bordo o ajudante de ordens,

Seriam umas 9 da noite.

Lamentei não ter podido visitar o dr. Clodomir Cardoso, intendente municipal, a quem deixei o meu cartão.

* * *

Novembro, 28.

Só ás 8 da manhã seguimos para o Ceará, Tínhamos de fazer agora umas 400 milhas, de S. Luiz a Fortaleza:

O *Pará* não toca em Tutoya ; como o *Bahia* na ida também não tocára.

Tutoya está nas condições de Aracajú : os vapores do Lloyd só fazem escala naquelle porto de 15 em 15 dias.

Como é possível que não se encontre um remedio contra a situação em que se acham aquellas populações !

* * *

Novembro, 29.

Chegamos ao... mar do Ceará pelas 5 da tarde.

Lembrei-me muito do Guttman Bicho... Aquelles vagalhões escarmentam a gente ! Não pude ir á terra, e não por medo da-

quellas aguas, mas porque vinha já constipado des do Maranhão.

A bordo recebi cartões de cumprimentos dos drs. Theodorico da Costa e Barão de Studart

* * *

Novembro, 30.

Seguimos para Natal ás 8 da manhã.
Tinhamos de fazer agora 260 milhas.

* * *

Em conversa entre passageiros vêm á baila os males que soffrem o commercio e as industrias com o deploravel serviço dos bancos, principalmente nos Estados que não contam com certos recursos.

Cada qual citava os seus casos.

Não se tratava já da insufficiencia de certos estabelecimentos como movimentadores do credito. Quanto a isso referiam-se factos cada qual mais curioso. Ha praças lá para o norte onde não se encontra uma casa, por mais importante que seja, capaz de conseguir desconto de uma letra, nem que dê mesmo garantia do duplo do valor.

Mas isso não é nada ainda. Os bancos não têm nenhum prestígio, a não ser o de intermediários para remessa de fundos.

Em uma das capitães, por ocasião do último recolhimento de notas do thesouro, o proprio Banco do Brazil, um mez antes do prazo, já não recebia as notas a recolher, nem mesmo com desconto. Só o London trocou essas notas até o ultimo dia do prazo e sem desconto!

Mas, a remessa de dinheiro — dizia um dos interlocutores — é a coisa mais difficil, mais fallivel, mais contingente, mais incerta que se pôde imaginar, desde que o remettente recorra a um banco. O mais seguro é o recurso a uma casa commercial.

Houve entre os da palestra quem citasse o seguinte: uma casa do Rio devia receber do thesouro de Sergipe uma pequena quantia. Soliciitou do Secretario Geral do Estado o pagamento. O Secretario Geral respondeu que o pagamento já havia sido effectuado por intermedio do Banco Mercantil, que tem agencia em Aracajú. A casa do Rio vai ao Banco Mercantil; e este diz que nada recebeu. A casa do Rio telegrapha outra vez ao Secretario Geral; e o Secretario Geral outra vez responde que o pagamento tinha sido feito *havia mais de um mez* á agencia do sr. Banco Mercantil. . . E o sr. Banco Mercantil, muito tranquillo, muito impassivel, a mandar que a casa do Rio se queixasse ao bispo.. A casa

já havia despendido perto de vinte ou trinta mil reis em cartas e telegrammas, e do resto não sei — concluiu o interlocutor.

Melhor é esta — acudiu um outro.

Uma casa, também do Rio, tinha a receber de um Estado do Sul seis contos e coisa, em duas parcellas, uma de 3.000\$ e outra de tres contos e tanto. A casa do Rio esperou. Depois de esperar, pediu. Do Estado do sul disseram-lhe que o dinheiro viera por intermedio do Banco do Brazil. A casa procura o Banco do Brazil, e com effeito recebe, mas recebe apenas a segunda parcella (3 contos e tanto). Ficou outra vez á espera a casa do Rio. Afinal, cansada, pediu o resto ao Estado do sul; e o Estado do sul responde que havia muito tempo tinha mandado igualmente a primeira parcella, e muito antes da segunda pelo mesmo Banco do Brazil. . . E foi só então, *ao cabo de tres mezes*, que a casa do Rio recebeu o seu dinheiro, tendo ainda de desculpar, com muita zumbaia, o esquecimento de empregados etc.

— «Manda a justiça dizer que este caso é anterior á direcção do dr. Homero Baptista» — disse o passageiro calando-se.

Continuaram a fazer-se muitas citações curiosas. Alguns pensavam até que um dos problemas que mais interessam ao norte (e ao sul também de certo) é o da extinção de semelhantes

bancos, que tanto mal fazem ao commercio e . . .
à todo o mundo.

* * *

Dezembro, 1.

Chegamos a Natal às 8¹/₂ da manhã.

Desci á terra. Estive com o dr. Nestor Lima, e depois com dr. Castriciano e com outras pessoas no escriptorio da *Republica*.

Ali, tive o ensejo de apresentar meus cumprimentos ao desembargador Ferreira Chaves, Governador do Estado. Ia s. ex. fazer uma visita a uma canhoneira nossa fundeada no porto.

Uma das familias conhecidas de bordo e eu tivemos a má idéa de almoçar em terra. Fomos ao já conhecido *Hotel Internacional*, por ser o que mais perto fica do caes. E' excusado dizer que nenhum de nós almoçou: preparamo-nos todos para o excellente jantar de bordo.

Irra! . . . mas tambem como aquillo é demais . . .

* * *

Seguimos ás 4¹/₂ da tarde.

Tinhamos de fazer apenas umas 72 milhas.

* * *

Dezembro, 2.

Chegamos a Cabedêlo ao amanhecer, tendo estado fóra da barra desde 1 da madrugada.

Ali, recebi uma cartinha do meu velho amigo dr. Carlos Fernandes. Ainda estava meio enfermo, e por isso não descêra.

Contentei-me de ver, saudoso, a bella Parayba, lá muito longe, em cima, branquejando.

* * *

A's 10 sahimos de Cabedêlo.

O trajecto agora é ainda mais curto (68 milhas de Cabedêlo a Pernambuco.)

Á's 4 da tarde estávamos em Recife.

Não pude ir á terra, por estar com alguma febre,

Vieram a bordo o dr. Mario Mello, secretario perpetuo do *Instituto Historico*, e o affectuoso Victorino de Almeida, a quem já tive ensejo de referir-me algures.

* * *

Dezembro, 3.

Em companhia do dr. Mario Mello, fiz alguns passeios; e depois almoçamos num dos bons restaurantes da cidade.

A' tarde, veio a bordo o dr. Oliveira Lima, com quem já havia estado em Parnamirim.

A's 4¹/₂ seguimos.

* * *

Dezembro, 4.

Chegamos a Maceió ás 6 da manhã, tendo feito 120 milhas.

Não fui á terra. Aquillo ali não é muito melhor que o Ceará, e eu não me quiz expôr.

Tive a grata surpresa de ver a bordo o meu amigo dr. Carlos Pontes, na sua ruidosa alegria.

E' elle agora pai da pátria ali, e por isso não sabe quando poderá estar no Rio.

* * *

A circumstância de estarmos naquelle porto suggere-me umas tantas lendas e famas correntes cá no sul, e que não ha meio de tirar da cabeça de uma creatura que não tenha ido ainda ao norte.

Sempre ouvi dizer, por exemplo, que Maceió é a terra do *sururú*; que Natal é a pátria do *gerimum*; que na Bahia se come pimenta como se come farinha, e que aquelle que se não sujeitar ali ao *vatapá*, tem de morrer de fome.

Ora, eu não vi *sururú* em Maceió; nem

geritum em Natal; e na Bahia, não conheci manjares apimentados, nem nas rodas litterarias . . . e para saber o que é o *vatapá*, foi uma campanha.

Uma outra lenda, e esta ainda mais difficil de desfazer, pois que eu proprio sou o primeiro a não desilludir-me da velha noção,

Todo mundo nos falou sempre das *pororocas* do rio Amazonas. Não ha compendio de geographia que não consigne o phenomeno espantoso. Eu mesmo, ainda agora, não posso conceber um Amazonas sem *pororocas* . . .

Pois bem : qual não foi a minha surpresa e maravilha quando me disseram que o rio-mar não tem *pororocas* ! Ha *pororocas* em rios que desagúam no immenso estuario, taes como o Araguay, o Arary etc. ; mas no Amazonas, não. E então, quem me desfez a tal noção, accrescentou, como explicando : — as aguas do Amazonas entram pelo mar umas dez leguas : o oceano com elle não póde . . . não ha lucta possivel entre as duas immensidades . . .

* * *

Levantamos ferro para o sul ás 10 da manhã.

Tinha eu passado, valendo-me da delicadeza com que para isso se me offereceu o dr. Oscar Guerra Fontes, um telegramma ao gene-

ral Oliveira Valladão, presidente de Sergipe, nestes termos . « Passando hoje costa, terei todo o meu coração ahi querida terra sergipana » .

* * *

Seria meia hora da tarde, quando recebi, do commandante Ranulpho Souza, do paquete *Brazil*, que vinha do sul e começavamos a ter á vista, um radiogramma, exprimindo-me votos de boa viagem : ao que retribui penhoradissimo,

Foi no *Brazil* que viajei de Belem a Manãos.

Tinha feito assim a minha festa a bordo.

* * *

Dezembro, 5.

Não tive ainda ensejo de referir-me nestas notas a uma observação que fiz durante toda esta viagem. Des do Espírito Santo até o Amazonas, em todas as capitaes, a absoluta uniformidade de usos, costumes, trajos etc, é o phenomeno que mais desapercibido passa aos visitantes, e por isso mesmo que em cada cidade onde se chega se tem a impressão de se estar no mesmo meio. Nada de caracteristico proprio, de particularidade original, que nos dê a sensação de não estarmos mais na capital da Republica. Os homens têm o mesmo geito, o mesmo ar de

familia ; vestem-se com a mesma elegancia, andam com o mesmo desembaraço, falam com a mesma correcção, tendo os mesmos gestos e até a mesma voz. Nas ruas, nos bondes, nos cafés, nos clubs — os mesmos costumes. Nos proprios lares — tudo o mesmo. As senhoras trajam como no Rio, com o mesmo capricho e o mesmo gosto. As meninas têm a mesma graça; os rapazes têm a mesma *fournure*, o mesmo elance de alma. E até os velhos . . . têm a mesma compostura das vidas veneraveis . . .

Mas, não é então curioso tudo isto num paiz tão vasto, onde se muda todos os dias de meio physico sem encontrar mudanças perceptíveis no meio social ?

Em qualquer das capitaes que visitei é o mesmo que se estar no Rio. Como se explica que se pudesse uniformizar tão completamente em tal variedade de condições mesologicas ?

Não sei si para o extremo sul será tambem assim. Si o fôr, ahi teremos uma obra de quatro seculos que vai ser talvez unica na historia do mundo.

E quem observar este facto ha de concluir que este immenso paiz não poderá mesmo deixar de ser um só Estado, pois que é com effeito uma só nação.

Chegamos á Bahia ás 8 da manhã, tendo feito umas 260 milhas.

A primeira pessoa conhecida que vi foi o meu amigo dr. José Mauricio. Fez questão logo de que com elle almoçasse em terra.

Chegou depois o representante de um dos jornaes, creio que a *Tarde*.

Estavamos já a descer quando me lembrei do tabaco que trazia de Belem para o dr. J. Mauricio.

A alegria deste ao ver aquillo, de que tambem não mais se apercebia! . . .

Ali pelas 9 descemos ao caes. Era um gosto ver o nosso José Mauricio a sobraçar o seu enorme pão de fumo parecendo um arco de flecha colossal conduzido por um gigante. . . Fazia questão de ser elle proprio o portador daquella preciosa maravilha. . . e foi a muito custo que entregou a carga a um rapaz conhecido. . . mas levandó-o ali, á vista.

Antes do almoço, fiz alguns passeios. Estive no Archivo Publico, e no *Instituto Historico*. Visitei tambem o sr. Irineu Jutuca, pharmaceutico estabelecido á rua do Collegio, grande alma de brasileiro, apaixonado da nossa historia.

Seriam umas 2 da tarde quando nos levantamos da mesa, e fomos para bordo.

A's 3 sahimos para Victoria.

Dezembro, 6.

Agora o trajecto é longo: ha umas 470 milhas entre a Bahia e a capital do Espírito Santo.

Pelas 11 1/2 da manhã pude avistar ainda uma vez o monte Paschoal!

A's 4 1/2 da tarde passavamos á vista dos Abrolhos.

* * *

Dezembro, 7.

Chegamos a Victoria ás 8 da manhã.

Fui á terra, onde só estive com o desembargador Affonso Claudio.

Seguimos ás 11.

* * *

Dezembro, 8.

E' sabbado.

Pelas 6 da manhã passavamos entre a Ponta Negra e o continente.

Seriam umas 8, quando, por cima de um monte rente ao mar, desvendamos o alto do Pão de Assucar.

Alguns minutos mais, e entravamos a barra.

O vapor só atracou por cerca das 10.
Estavamos no Río.

XIV

Fizemos, portanto, a viagem redonda em pouco mais de quatro mezes e meio.

Em quasi todas as capitaes demoravamos 8 ou 9 dias. Em Aracajú ficamos uns 25 ou 26 por falta de vapor. No Pará, alem dos primeiros oito na ida, demorei-me, na volta de Manáos, mais oito dias.

* * *

Tenho dado muito rapidamente as minhas impressões em cada capital que visitei; e posso dar agora a impressão geral dominante no meu espirito.

Esta excursão foi para mim verdadeiramente edificante.

Voltei do norte com motivos para ter cada vez mais fé nos destinos deste grande paiz.

Nós cá do sul, sem nada sabermos dos Estados do norte, costumamos dizer que o Brazil é só isto por aqui, e até que o Brazil é o Rio de Janeiro . . .

Pois eu agora, em toda parte onde estive, encontrei o nosso querido Brazil: progresso

economico e riqueza ; intelligencia e cultura ; espirito de patria, grande alma de povo affirmando-se pela coragem com que encara o futuro.

Deve ter-se notado que, nestas ligeiras notas, eu me extendi mais em relação ás duas grandes capitaes do extremo norte.

Declaro que não o fiz sinão muito de proposito, no intuito de pôr em destâque muito vivo o que mais me assombrou nesta excursão.

Sabe-se cōmo ainda hoje são julgadas as populações, principalmente dos Estados mais longinquos e que por isso mesmo parece que ficam mais fóra do mundo. De todo o norte só Bahia e Pernambuco é que são tidos em conta de alguma coisa.

Os demais Estados nada valem. Todos elles, depois da Republica, continuaram nas mesmas condições em que estavam como provincias do Imperio . . . e até, a muitos- respeitos, em situação muito inferior.

Note-se, aliás, que o proprio Pernambuco e a propria Bahia têm experimentado tambem o que é a nossa Federação, entendida segundo a escola de certos republicanos. Mas têm tido afinal uma fortuna que falta a outros : por ali as coisas se fazem com certo geito.

Nos Estados que nada valem tudo se faz, ou melhor se fazia desaffrontadamente, como si os heróes das façanhas nunca se desapercebessem de que por ali andavam escondidos do

mundo. Por aquellas aldeias e *mambembes* quem fizesse luxos de gente estaria condemnado no Rio, e teria de entrar na ordem á força, a golpe de sabre ou a tiro de canhão. Quem se mostrasse fiel, sim: estando amparado na capital da Republica, podia ficar tranquillo, e até fazer-se tyrannete desabusado sem risco algum...

Quanto mais longe do Rio, mais expostos se viam os Estados do norte a esse *systema federativo*.

Porque?

Porque, quanto mais longe do Rio, mais atrasadas, mais incultas, mais timidas e submissas se entendia que eram as populações...

Na *roça* não se tem as ceremonias da cidade...

E não se tinha mesmo nenhuma cerimonia!

* * *

Eis ahi porque me fiz mais amplo na parte relativa a Belem e a Manãos—as duas capitaes que até agora estão mais sujeitas á irreductivel incredulidade do sul.

Em toda parte eu me senti confortado de ver que o Brazil não é grande só pelo territorio; que a nossa raça é digna deste immenso patrimonio, e capaz de concorrer com as opulencias desta natureza.

Mas, no Pará e no Amazonas, devo dizer que toda a alma, que eu levava temperada já de surpresas e alegrias, foi até immobilizar-se-me em arrebatamentos.

E ainda—si é possível—mais em Manãos que na propria magestosa Belem, pela circumstancia de achar-se a capital amazonense mais internada na immensidão do continente.

Ali o meu espanto não teve limite.

Mas figure-se: deixar a grandiosa metropole do Pará, como si se deixasse a civilisação e o mundo; subir o rio-mar durante quatro longos dias, parecendo que nos afastamos cada vez mais do convívio e da cultura dos homens e nos mettemos pelos confins da terra, onde tudo é extensão de deserto, conflicto de aguas e florestas, aspectos desolados, infinitos vãos de signaes humanos—e como de repente, diante de nós, a erguer-se aquella outra metropole ali perdida na voragem do sertão!

Mas é de um imprevisto maravilhoso!

Eu tive a sensação de encontrar-me outra vez com o meu Brazil, ao cabo daquelles quatro infindaveis dias de ausencia.

E então, olhando por cima aquellas victorias do esforço humano em contraste com os esplendores da terra, muito me lembrei do grande Beuckle.

Que sentiria o sabio historiador inglez si pudesse ver ali, como eu vejo, infirmada a sua

sciencia; si tivesse de reconhecer que por ali o homem já enfrentou a natureza americana no que ella tem de mais pujante e formidavel!

* * *

Como então havia eu de ter alma passiva e morta para aquellas grandezas, que se me apresentam como de subito, inesperadas, extranhas a um espirito que ia até prevenido contra tudo o que vi e pude sentir na terra e na gente?

Quando embarquei, nesta capital, em Julho, houve alguem que me disse, num gesto lento e desolado:

— «Ah, meu amigo, v. vai encontrar o norte muito triste, muito atrasado e muito pobre. . . »

Foi exactamente o contrario de tudo isso que eu encontrei em toda parte.

O norte a que o meu amigo se referia era talvez o norte de trinta ou quarenta annos atrás.

Não sei como se deu o milagre; mas o que é verdade é que o norte hoje faz honra á nossa cultura, e está prospero e rico; e que particularmente a incomparavel Amazonia (comprehendendo os dois grandes Estados da immensa bacia) pôde dizer-se já que é o nosso orgulho.

Ali está uma outra porção do Brazil tão grande e tão culta como esta cá do sul.

Manãos e Belém são as duas admiraveis

metropoles que lá se erguem para regular os destinos daquelle mundo.

* * *

Mas — dir-me-ão (e muitos já me têm dito) — que o meu testemunho vem eivado de ponto de vista, ou que se resente das condições em que andei vendo e sentindo, recebido em toda parte com tantas attensões e carinhos.

Pois é isto mesmo o que eu desejo frisar bem, nada deixando de dizer só porque me agrade e lisonjeie. Nem dissimulei nestas notas que o meu intuito é mostrar como em quasi todas as capitaes se me afagou e se me acolheu com uma sympathia que não é commum.

Si tudo isso se fizesse a um homem politico, a um potentado do dia — de certo que nada haveria de extranho no que se me fez.

Mas a mim, um homem humilde, sem posição social, sem tradições de familia, sem titulos, nem coisa alguma — porque então se me fizeram festas e honrarias?

Creio que só ha uma explicação para isso.

E' que lá pelo norte — naquellas terras muito atrasadas e muito tristes — já se sabia (e não sei como entender esse prodigio!) que eu lidei com coisas da patria durante longos doze annos; que estudei com grande paixão os fastos do nosso passado e as excellencias da

nossa raça ; e que, comquanto me faltem talentos de historiador, parece que dei provas de amar a nossa historia até o sacrificio, até crear na minha humildade uma capacidade de sacrificio que não sei como é que chegou a dar na vista daquellas gentes.

E' isso bem que senti em todos os centros onde estive.

Quizera eu que outros tivessem visto e sentido os fremitos de alma, os transportes de enthusiasmo com que me era ouvida a mais simples palavra evocando um heróe da terra, ou qualquer grande filho da patria !

Eis ahi o enigma da minha fortuna decifrado : no que me fizeram as populações do norte não ha menos testemunho dellas proprias do que honra para mim ; e eu não mais me desvaneço desta honra do que me orgulho daquelle testemunho — que põe numa evidencia indiscutivel o espirito daquellas populações, o seu profundo sentimento da historia, a sua consciencia do destino, e portanto a sua capacidade de alta funcção na ordem politica do mundo.

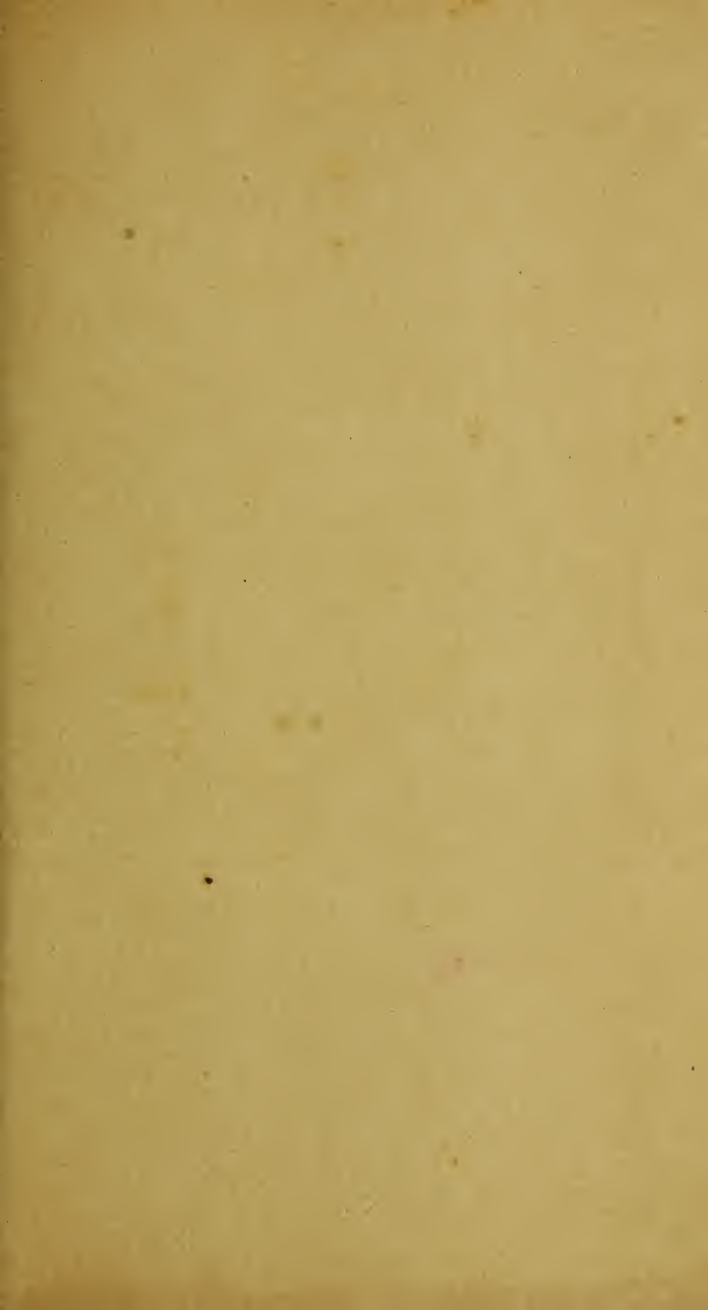


INDICE

	Pags.
Prefacio.....	7
Victoria	20
Bahia	33
Aracajú.....	49
S. Amaro.....	56
S. Christovam.....	58
Larangeiras	67
Rio S. Francisco	73
Villa Nova.....	74
Maceió	75
Serra da Barriga	78
Pernambuco.....	81
Olinda.....	82
Cabedêlo.....	87
Parayba	88
Guarabira	96
Natal.....	97
Fortaleza	105
Tutcyá	114
S. Luiz do Maranhão	116
Belém do Pará.....	132
O Rio Amazonas.....	155
Santarém e Obidos.....	159
Itacoatiára	161
Manãos	164
O Acre	216
Ainda Belém	226
Volta ao Rio	250
Epilogo.....a.....	265

4263

A. Marrocos



EMPRESA EDITORA

DE

Benjamin de Aguilã

EDIÇÕES DA CASA

Rocha Pombo

História do Brazil, illustrada, obra completa em 10 volumes, com cerca de mil paginas, cada volume enc. 112 chagrinou percaline	20\$0
Contos & Pontos, broch.....	2\$5

Silva Marques

Direito Publico e Constitucional—broch.	10\$0
Principios de Successões e Testamentos—enc. percal	10\$0
Instrucção Civica—obra didactica cart.....	5\$0
Discursos Politicos—enc. percal	4\$0

Benjamin Baptista

Anatomia Descriptiva da Cabeça—broch.....	15\$0
---	-------

Gustavo Barroso

Terra de Sol—broch.	3\$0
--------------------------	------

Tavares Bastos

Casamento de Orphãos, Menores e Curatelados—enc. carn. 6\$000, broch	4\$0
--	------

Noronha Santos

Chorographia do Districto Federal—cart.	5\$0
--	------

Farias Brito

A verdade como regra das acções—1 vol. —broch	4\$0
Finalidade do Mundo (o mundo como actividade intellectual).	6\$0

Itabaiana de Oliveira

Principios de Successões e Testamento—broch.....	5\$0
--	------

Antão de Vasconcellos

Evocações ou Crimes Celebres em Macahé—broch	2\$0
--	------

Gonzaga Duque

Horto de Maguas—enc. percal	3\$0
-----------------------------------	------

Agrippino Greco

Estatuas Mutiladas—enc. percal.	3\$0
--------------------------------------	------



University of
Connecticut
Libraries



